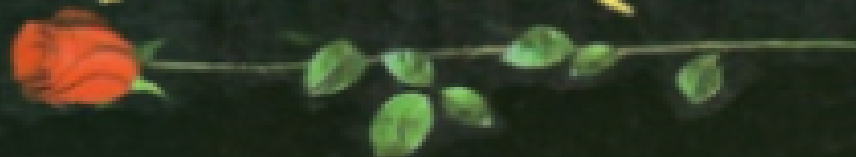


A história do grande amor de Beethoven

Romance de  
JAMES ELLISON  
Baseado no roteiro de  
BERNARD ROSE

# MINHA AMADA IMORTAL



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Romance de**  
**JAMES ELLISON**

**Baseado no roteiro de**  
**BERNARD ROSE**

MINHA  
AMADA  
IMORTAL

Tradução de Magno Dadonas



MARCO ZERO

Editores:

Maria José Silveira

Felipe Undoso e Márcio Souza

*Capa:* Mirian Cunha

Título original em inglês ***Immortal Beloved***

Copyright © 1995 I.B. Finance C. V.

Todos os direitos reservados Direitos para publicação no Brasil adquiridos pela Editora Marco Zero Rua Maria Antônia, 108,

São Paulo, SP, CEP 01222-010,

Fone (011) 257-2144 — Fax (011) 257-2744

A primeira edição deste livro no Brasil

foi publicada em março de 1995.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

Ellison, James

Amada imortal / romance de James Ellison;

tradução de Magno Dadonas. — São Paulo: Marco Zero, 1995.

Baseado no roteiro de Bernard Rose para o filme "Minha Amada Imortal".

ISBN 85-279-0188-9

1. Beethoven, Ludwig van, 1770-1827 2. Romance norte-americano I. Rose, Bernard. II. Título.

95—0662 CDD—813

índice para catálogo sistemático:

1. Biografía romanceada: Século 20: Literatura norte-americana 813

\*\*\*\*\*



# Sumário

Prelúdio

*Capítulo 1* - Uma Carta na Escrivadinha

*Capítulo 2* - A Amada Imortal

*Capítulo 3* - Um Incidente em Karlsbad

*Capítulo 4* - A Encantadora

*Capítulo 5* - Uma Sonata

*Capítulo 6* - Três Irmãos Beethoven

Capítulo 7 - In Flagrante Delicto

*Capítulo 8* - Cara, Cara, Cara Condessa

*Capítulo 9* - Em Concerto

*Capítulo 10* - Cerco e Consolo

Capítulo 11 - A Verdadeira História da Sonata Kreutzer

*Capítulo 12* - Assunto Pendente

*Capítulo 13* - Em Guerra com a Rainha da Noite

*Capítulo 14* - A Promessa de um Grande Oratório

*Capítulo 15* - Uma Vitória de Pirro

*Capítulo 16* - Um Dia de Verão

*Capítulo 17* - A Identidade da Amada Imortal

*Capítulo 18* - A Última Sinfonia

*Capítulo 19* - Retorno a Karlsbad

Capítulo 20 - Finale



# Préludio

Em suas últimas horas, Ludwig van Beethoven mergulhou no coma e sua respiração penosa, que a cada dia piorava, se tornou puro e simples estertor. Ele permaneceu acamado em seu aposento, o abdome intumescido e a estrutura, antes robusta, reduzida a não mais que um feixe de ossos. Nunca sadio, seu rosto era agora uma pálida máscara usada por uma alma que o mundo admirava mas da qual pouco sabia. Eram 5 horas da tarde, 26 de março, 1827.

Ele estava enfermo desde dezembro quando, após discutir com seu irmão Johann, voltara para Viena numa carruagem aberta. Pegara friagem. A febre surgira. Começou a vomitar, e seus intestinos, que durante a vida toda só lhe haviam trazido problemas — na verdade, ele acreditava que haviam arruinado sua audição — e, causavam-lhe um tormento agônico. Seus pés incharam. Sua pele assumiu um repelente tom amarelo quando a icterícia se manifestou. Por três vezes foi operado para drenar o abdome, inchado pela hidropisia. O dr. Warwuch encomendara ervas que foram totalmente inúteis, e seu velho amigo, o médico italiano Malfatti, receitara-lhe ponche gelado. Mas tudo fora em vão. Quando chegou o vinho

branco encomendado de Schott, muitas semanas antes, Beethoven pôde apenas dizer: “Que pena, que pena... tão tarde”.

E essas foram suas últimas palavras.

Portanto, era perfeitamente natural que, dada a natureza impetuosa de Beethoven, o céu lá fora, à medida que o desenlace se aproximava, escurecesse mais cedo, uma tempestade desabasse com o áspero vento norte e a neve começasse a cair. Acamado e já quase inconsciente da devastação física a que seu corpo se reduzira, ele pareceu notar a tempestade que rugia lá fora. Depois que uma série de relâmpagos iluminou o céu noturno, ele ergueu a mão direita e cerrou o punho. Era como se sua visão de moribundo pudesse enxergar de relance, por trás das pálpebras trêmulas, a fúria da natureza envolvendo a sua. Mas era evidente que ele não conseguia ouvir o trovão. O maior compositor que o mundo conheceu estava totalmente surdo.

Ele se dissera, havia muito tempo: *Para ti não mais existe felicidade exceto em ti mesmo, em tua arte.* E assim ele vivera grande parte da vida sem amor — uma vida doméstica tão desordenada quanto andrajosa. E, no entanto, confidencialmente ele falara, até o fim, de uma mulher que conheceu na intimidade apenas uma vez; de uma mulher que ele afirmava haver amado mais que a própria vida e sobre quem escrevera estas palavras: *Ainda assim, agora é como no primeiro dia.*

O mundo nunca soube, com certeza, sua identidade, embora candidatas fossem examinadas durante mais de um século. Sobre uma podemos dizer — fato durante muito tempo abafado, mas que se pode agora registrar aqui — que, enquanto Beethoven jazia moribundo, ela se aproximou de seu leito. Ele a chamou de Amada Imortal.

Podes alterar o fato de que não és totalmente minha... e eu não sou totalmente teu? Oh, Deus, contemplai a bela natureza e resigna-

te ao que tem de ser. O amor tudo exige, e com razão; eis como me sinto para contigo e tu para comigo.

Assim ele escrevera muito tempo antes. Nunca saberemos se pôde sentir, no fim, sua presença redentora. Em seus aposentos, no terceiro andar de um velho convento de monges espanhóis, chamado *Schwarzspanierhaus*, Beethoven morreu às 6 horas da noite.

# Capítulo 1

## Uma Carta na Escrivania

Anton Schindler, o homem mais próximo de Ludwig van Beethoven em seus últimos anos, que havia dado sua alma e seu coração ao grande homem, voltou ao *Schwarzspanierhaus* poucos minutos após o funeral. Apesar da morte repentina, o funeral foi um fato grandioso. A ele compareceram mais de 30 mil pessoas, da mais alta e da mais baixa sociedade vienense, que foram render preito a um dos mais vigorosos compositores do mundo. Todavia, também era verdade, como disse um gaiato, que Viena adora um bom funeral. Numa suave tarde primaveril, o ataúde fora levado por oito cantores da Ópera Imperial, que entoaram o hino de *Guilherme Tell* e levaram o corpo pelas ruas, de sua casa até a igreja. Houve muitos portadores de archotes e uma solene execução em coro de seu próprio ***Miserere mei Deus***, com acompanhamento de trombones. Após a cerimônia, o cortejo tomou o rumo do cemitério, no subúrbio de Währing, com o corpo de Beethoven repousando num magnífico

carro fúnebre puxado por quatro cavalos brancos. E ali ele foi confiado à terra.

Mas, tão logo o ataúde baixou à cova e os archotes se apagaram, Schindler abriu caminho à força até a periferia da multidão. Ele sentiu uma ansiedade súbita, o coração pulsando forte; a transpiração jorrou. O pensamento do que ia acontecer em casa era o que o perturbava, e esse homem ilustre, de sobrecasaca escura, literalmente desandou a correr. Chegando à carruagem, insistiu para que o surpreso bêbedo que ele contratara usasse o chicote. Durante todo o trajeto de volta ao centro de Viena, ouviu o matraquear dos cascos dos cavalos servindo de contraponto para o latejar de seu coração, e se esforçava para conter o receio de que talvez chegasse, mesmo agora, tarde demais. Recordou a elegia:

Ele era um músico, mas também um homem, homem em todos os sentidos, no mais alto sentido. Porque se isolou do mundo, consideravam-no hostil.

Schindler vira-os a todos lá, acompanhando o ataúde como ele próprio — os amigos e admiradores mais íntimos de Beethoven, com os quais no entanto suas relações eram problemáticas, às vezes brutais.

Diziam que ele era insensível e o chamavam de empedernido. Mas ele não tinha coração duro! As mais finas lâminas são as que mais facilmente ficam cegas, se vergam ou se partem. Ele se esquivava por não encontrar, em toda sua natureza afetuosa, uma arma que o protegesse do mundo.

Acompanhando o féretro, estava a condessa Anna Marie von Erdody, a húngara triste e excêntrica a quem Beethoven amara outrora. E, chorando copiosamente, a condessa Julia Gallenburg caminhava ao lado do marido, o conde Gallenburg, irremediavelmente estúpido. Também estava ali a esposa do irmão

morto de Beethoven, Johanna, com quem ele lutara sem cessar pela tutela do sobrinho Karl. Pobre Karl!

Ele se afastou de seus confrades após haver-lhes dado tudo sem nada receber em troca. Ele viveu só, porque não encontrou uma alma gêmea.

Era tudo verdade, tudo trágico.

E todas as datas, todos os momentos e composições de sua existência, os rígidos contornos da biografia do homem, não podiam fornecer uma sugestão real do assombroso gênio: Nascido em Bonn em 1770... chegou em 1792 a Viena cosmopolita, capital musical do Império Habsburgo... Logo ficou conhecido como soberbo virtuose do piano, recém-inventado... Compositor de nove sinfonias, sete concertos, uma ópera, dezessete quartetos para corda, quinze sonatas... A força de suas composições tornou-se o parâmetro de toda a música clássica, uma expressão do Iluminismo, e abriu as vias para um novo romantismo. Numa só década, a partir de 1803, sua mão prodigiosa conjurou uma heróica visão da humanidade e, à medida que sua vida se aproximava do fim, ele captou o idealismo do Iluminismo na grande Nona Sinfonia. Tal resumo, tão simples, não conseguiria dar conta do poder que ele exerceu no imaginário de sua geração.

Após o que pareceu uma eternidade, a carruagem estacionou diante do *Schwarzspanierhaus*. Schindler voou da carruagem e atirou para o cocheiro uma quantia que dava para comprar uma dezena de canecos na cervejaria. Entrou na casa e escalou aos pulos a grande escadaria. Chegou ao alto arquejando, com dor no flanco, mas parou só por um momento — para tomar fôlego antes de entrar no aposento.

“Meister!”

Ele gritava as palavras, como sempre o fizera, apesar do fato inalterável de que Beethoven morrera. E, enquanto entrava no

aposento, acrescentou num sussurro: “É *Papageno!*” — o sarcástico apelido com que Beethoven gostava de tratá-lo.

A primeira providência foi certificar-se de que ninguém, exceto ele, estava ali. Caminhou pela antecâmara e pelo corredor de entrada, enfiando a cabeça na sala de música. No quarto, onde pairava o mau cheiro da enfermidade e dos remédios aromáticos, vacilou. Ouvira contar que, nas horas posteriores à morte, os Danhausers vieram fazer uma máscara mortuária antes que o corpo fosse colocado no ataúde. Com efeito, o chão estava forrado de fragmentos de gesso. Que artifício, a imortalidade! Schindler esfarinhou alguns torrões antes de prosseguir, examinando até o quarto do criado e a cozinha, para chegar finalmente à sala de composição.

Ninguém.

Ele deu um suspiro de alívio e sentiu que sua tensão profunda se abrandava. Ele era o primeiro. O que não significava que tinha toda a eternidade para cuidar de seus assuntos. Havia algo da máxima importância que precisava procurar antes que alguém chegasse.

Schindler — muitas vezes apontado como o *factotum* de Beethoven, mas não se importava — aos 30 anos de idade aparentava ser bem mais velho, usava óculos, e tinha um olhar ao mesmo tempo gélido e dolorido. Um homem cujos préstimos iam além de sua admiração pelo Mestre e o haviam ligado a Beethoven como nenhum outro. Nascido na Morávia, fora escolhido primeiro-violinista do *Theater in der Josephstadt*, em Viena, e regera a orquestra no *Kärntnertor*. Quatro anos antes, em 1823, executara todas as sinfonias de Beethoven sob a regência do próprio Mestre. E havia mais, era advogado, ou melhor dizendo, estudara Direito. Entendia de delitos civis. Era capaz de lidar com questões práticas como pagar contas e escriturar um livro-razão — habilidades tão estranhas e desconcertantes para Beethoven como os estrangeiros

do Tibete. Todavia, nem mesmo a assistência de Schindler impedira que a sala de música se tornasse uma bagunça completa nos últimos anos de Beethoven, abarrotada de estranhos papéis, cadernos de esboços e feixes de partituras. Os dois pianos estavam atolados, a escrivaninha coberta. Schindler meneou a cabeça diante do caos, mas não havia tempo para consertar a confusão, apenas passar por ela. Começou a trabalhar.

*Algum dia*, pensou com determinação, e *em breve*, teria de vasculhar tudo aquilo. Era preciso colocar os manuscritos em ordem, catalogar as cartas. Várias prateleiras estavam repletas dos Livros de Conversas do Mestre cerca de quatrocentos deles — nos quais os que visitavam o surdo Beethoven anotavam suas observações. Algum dia seria necessário examiná-los cuidadosamente. Schindler tomou de um volume e folheou-o. Pensou em levar toda a carga para seus aposentos, naquela mesma noite, pois sabia que era preciso fazer a remoção imediata para os livros não caírem nas mãos de bibliófilos — e depois, passarem à História. Tal perspectiva não agradava Schindler.

Era preciso lidar com extrema cautela na busca da história de Beethoven! O Mestre não lhe havia dito, em seu leito de morte, na presença de Stephan von Breuning, e apontando para os papéis, “Reúna-os e faça deles o melhor uso, mas *rigorosa verdade* em tudo. Torno vocês dois responsáveis”.

A *rigorosa verdade*, no tocante a Beethoven ou a Anton Schindler, não significava a verdade com todas as falhas. E se coubesse a ele, *Papageno*, escrever a biografia de Beethoven? Isso evidentemente não significaria que certas terríveis facetas do Mestre precisariam vir à tona. Todos em Viena sabiam que Beethoven era um homem estranho e invulgarmente difícil. Em todas as cortes da realeza da Europa era tido como excêntrico e, às vezes, pessoa desagradável — *agora, isso era minimizar a verdade!* Mas quem iria um dia perdoar o biógrafo que escrevesse que o homem que transformara a humanidade com sua música detestava tantos de



seus concidadãos, não conseguia conviver com um criado e dificilmente esvaziava o próprio urinol? Que era um homem que se estendia na cama, infeliz e acabrunhado, se ficasse dois dias sem receber carta de um admirador? Que era um homem que cinicamente usava os outros (e Schindler conhecia essa difícil sensação muito bem) e que certas mulheres que ele freqüentava não eram melhores do que prostitutas? Mas isso não eram verdades; eram uma forma de boataria, e Schindler sabia que precisava fazer tudo ao seu alcance para evitar que tal caricatura surgisse. Ele fora nomeado testamenteiro de Beethoven, e a verdade sobre a vida do Mestre deveria depender dele.

E foi nesse estado de espírito, com o frenético senso de uma missão a cumprir, que Anton Schindler começou a vasculhar os papéis de seu falecido empregador, Ludwig van Beethoven, no dia de seu sepultamento. Procurou, antes de mais nada, pelo que intriga qualquer um quando alguém famoso morre.

Seu testamento.

Não o encontrou — ou, melhor dizendo, encontrou, mas não com a devida rapidez. Revistou cada recesso e frincha, correndo contra o tempo, sem comer e atormentado por uma dor de cabeça. Mas perseverou, remexendo os papéis com uma frustração cada vez maior que atingiu o auge quando ouviu passos no patamar. Sabia com quem teria de se haver. Em um instante a porta foi escancarada.

"*Bravo*, Herr Schindler! No trabalho como sempre. Nada de perder tempo."

Karl Holz estava de pé diante dele. O merecido castigo de Shindler. O segundo-violinista do quarteto *Schuppanzigh*. Beethoven gostava dele e o julgava talentoso; Schindler sabia-o e tinha de engolir isso sem deixar que a amargura contagiasse seu amor pelo

Mestre. Com efeito, toda a mágoa que pudesse ter de Beethoven fluía, em contrapartida, para esse homem decente que, por acaso, também era um caluniador e bêbedo, que estava de pé diante dele agora com tarjas de luto pendendo de seu casaco, aplaudindo com mais que um toque de ironia:

“Foi um nobre elogio fúnebre, Herr Schindler! Você sabe usar as palavras.”

Schindler nada disse. Na verdade, não parou de procurar.

“Voltem agora para seus lares”, gritou Holz, citando o elogio fúnebre com uma certa liberdade, “sofrendo mas tranqüilos. E sempre que, durante suas vidas, o poder da sua obra subjugar alguém como um golpe esmagador...”

“Tempestade”, disse Schindler, ocultando seu aborrecimento e levantando-se. Continuou a dizer tranqüilamente: “Tempestade esmagadora. Quando o êxtase desabar sobre uma geração ainda por nascer, então lembrem-se deste momento e pensem: nós estávamos lá quando o sepultaram, e choramos quando ele morreu!”

“Apaguem os archotes!”, gritou Holz, caindo na risada. “Um nobre elogio fúnebre. Bem à altura da solenidade da ocasião. O que me faz lembrar: Ludwig falou-me muitas vezes de seu dom para a lisonja. E tinha toda a razão”.

*Ludwig*, com efeito, pensou Schindler.

“Mas devo imaginar”, disse Holz, “que mais que uma adulação, um testamento é o que ocupa seus pensamentos agora.”

Schindler encarou-o com olhar penetrante. “E os seus?”, disse.

“Vim com Johann.”

“Ah!”

“O testamento deve estar junto com o dinheiro”, disse Holz. “O Maestro nunca deixou as notas longe de suas vistas.”

“E imagino”, disse Schindler, “que Johann também está procurando por ele.”

Enquanto falava, continuou vasculhando as pilhas de papéis. Daí a um momento, Johann Beethoven, o eminente boticário; entrou às pressas no quarto, gritando: “Você está com ele, Schindler? Encontrou seus papéis?”

Com excitação e nervosismo febris, o irmão mais moço de Beethoven avançou, passando por Holz. Schindler encarou-o friamente. Johann tinha rosto semelhante à proa de um navio negreiro com *pince-nez* no lugar de mastro.

“Não”, disse. E continuou olhando.

“Talvez tenham levado”, disse Holz com bom humor, rindo enquanto destampava uma garrafa.

Johann olhou de um para outro, examinando Holz e Schindler com desconfiança. Finalmente disse: “Qual de vocês é o ladrão? Entreguem o dinheiro, ou mandarei prendê-los!”

“Prenda-me”, disse Schindler. “Como bem quiser.” Continuou revistando a escrivaninha, onde já procurara uma vez.

A frustração de Johann era compreensível para Schindler e Holz. Enquanto ambos desfrutavam de laços de amizade por Beethoven, Johann era simplesmente seu irmão. Schindler sabia que Johann Beethoven considerava-se um homem amável e honesto, um homem decente; depois da morte de seu irmão, queria uma derradeira mostra de amor fraterno sob a forma de papel-moeda. Ele o queria desesperadamente. Que Johann já fosse um abastado proprietário rural, não vinha ao caso, calculou Schindler. Especialmente quando tratava-se do irmão de um homem que não suportava pronunciar

seu nome, que o chamava “irmão Caim”, “meu irmão imbecil” e “miolo mole” quando se dava ao trabalho de chamá-lo de algo.

“Eu o acolhi”, disse Johann com impaciência, “quando ninguém, mas ninguém, conseguia tolerar sua companhia.”

Schindler não conseguiu conter um riso. “E agora você quer ser pago, hein?”

Ele notara, na escrivaninha, uma pequena gaveta misteriosa. Tentou forçá-la, sem êxito. Quando deu a volta para examinar a parte posterior, encontrou um prego saliente. Extraiu-o e arrancou a tábua traseira. Um feixe de papéis atado com fita desabou no piso. Quando Schindler se curvou para apanhá-lo, pôde sentir Johann e Holz fungando perto de seu pescoço. “Ações bancárias!”, observou.

“Dê-me isso!”, gritou Johann. E remexeu furiosamente o interior de seu sobretudo em busca de um documento que retirou e brandiu no rosto de Schindler. “Aqui está! Seu testamento!”

Schindler não se moveu. Sabia mais ou menos o que viria.

“Eu declaro meus irmãos, Caspar e Johann, herdeiros de minha fortuna (se assim for possível chamá-la)”, leu Johann.

“Absurdo”, disse Schindler. “Isso foi escrito vinte anos atrás.”

Johann ergueu o papel. “Já que Caspar está morto há muito tempo, sobre eu. Apenas eu. Dê-me o meu dinheiro!”

Schindler abriu o envelope que continha as ações bancárias. Ele também continha um testamento — em letra quase ilegível — escrito pela mão de um moribundo. Estava garatujado em uma só página e com data de três dias atrás.

Schindler leu-o em voz alta: “Todas as minhas músicas e todos os bens de meu patrimônio irão para minha única herdeira... minha

Amada Imortal!”

Schindler ergueu os olhos. Nem Johann nem Holz moveram um só músculo ou disseram uma só palavra. Finalmente, Johann disse com sarcasmo: “Agora, só me digam quem é esta pessoa, esta Amada Imortal? Que absurdo! Ludwig tinha perdido o juízo.”

“E está assinado”, disse Schindler, exibindo o papel para que todos vissem. “Ludwig van Beethoven.”

“Isto é alguma pilhéria grosseira”, disse Johann com azedume.

“Existe algo mais.”

Anexada ao testamento e às ações havia uma carta escrita pela mão de um Beethoven mais jovem, com o papel agora velho e amarelado. Schindler também a ergueu e retirou o lacre.

“O que meu irmão pretendia?”, perguntou Johann. Bateu nervosamente com o pé.

Schindler leu o endereço — que não lhe era familiar. Johann arrebatou-lhe a carta das mãos, mas ficou igualmente perplexo. Ao ver o endereço, seus olhos saltaram e ele esbravejou: “Absurdo!” Schindler tomou-a de volta.

Holz emborcou sua garrafa tomando mais uma talagada, sorriu e disse: “Vamos lá, não me deixem em suspense. O que é?”

“Nada”, disse Johann.

“Não é bem assim”, disse Schindler.

“A carta não contém nenhum nome”, insistiu Johann.

Mas estava escrita com a letra inconfundível de Beethoven e, de fato, fora escrita num de seus momentos de grande paixão: as letras

enormes enchiam toda a página. Schindler deu-se conta de estar lendo em voz alta:

*Para minha Amada Imortal...*

# Capítulo 2

## A Amada Imortal

"O quê?" Holz, que já não ria, olhando sobre o ombro de Schindler, começou a ler:

Meu anjo, meu tudo, meu outro eu, só umas poucas palavras hoje, e ainda assim a lápis (seu)...

Holz olhou para Schindler e exclamou, inseguro: "Ah! O Maestro estava nutrindo uma paixão secreta!"

"Não há data", disse Schindler, folheando cada página da carta.

"É atemporal", disse Holz com sarcasmo, mas depois acrescentou, como uma autocensura: "Bah".

Schindler afastou-se de Holz e continuou a leitura. As palavras tocavam-no fundo, uma a uma, como se ouvisse a voz de Beethoven pronunciá-las, e sua incompreensão cedeu lugar a uma sensação de

choque, surpresa, até. Estava dizendo sem pensar: “Nunca ouvi tal sentimento proferido por seus lábios.”

“Nem eu”, disse Holz. “Embora ele tomasse de empréstimo a esposa de Peter e Frau...”

“Você é odioso”, disse Schindler. “Embora, naturalmente, não seja incorreto”, pensou.

Repassando em sua memória a última década desde que conhecera Beethoven, Schindler não ouvira o mais leve rumor sobre uma relação sentimental, nada de amor. Mas isso foi em idade madura, e não abarcava toda a amplitude da vida do Mestre. Quando jovem, tivera muitos casos amorosos com ardentes condessas, ou pelo menos era o que em geral se supunha. E era, afinal de contas, o compositor da *Sonata ao Luar* e de muitas outras obras absolutamente esplêndidas, repletas de reconhecimento e apreço ao amor profundo, duradouro.

“Esta deve ser uma carta da juventude”, concluiu em voz alta.

“Não é nada”, disse Johann com azedume. “Não significa nada. Vamos encerrar esse absurdo.”

“Não com tanta pressa”, disse Schindler.

Ele começou a ler em voz alta:

Por que essa tristeza profunda, quando a necessidade aparece? Pode nosso amor subsistir, exceto por meio dos sacrifícios, sem tudo pedir? Podes alterar o fato de que não és toda minha... e eu não sou totalmente teu? Oh, Deus, contemplai a bela natureza e resigna-te ao que tem de ser. O amor tudo exige, e com razão; eis como me sinto para contigo e tu para comigo. Apenas tu esqueces facilmente que preciso viver por ambos, por ti e por mim. Se estivéssemos totalmente unidos, sentirias a dor tão pouco quanto sinto.



“Que significa isso?”, perguntou Johann. “Sentirias a dor tão pouco quanto sinto?”

“Onde esta carta foi escrita?”, disse Holz.

“Ela traz a palavra Karlsbad”, respondeu Schindler. “Quando Beethoven esteve na Boêmia?”

Johann disse: “Esteve lá em 1806. No mesmo ano em que Gaspar se casou. Eu me lembro, porque Ludwig estava furioso com o casamento, quando retornou. E talvez lá esteve depois, não sei. Ele nunca me informou sobre seu paradeiro.”

A carta era estranha, não só pelo simples fato de existir (fora mandada um dia? Como foi parar entre os pertences de Beethoven?), mas pelo tom de amor sinceramente angustiado.

Minha jornada foi assustadora; só cheguei aqui às 4 horas da madrugada de ontem. Por falta de cavalos, a carruagem tomou outra rota, e que pavorosa! Na etapa anterior à última, avisaram-me para não viajar à noite; fizeram-me recluir uma floresta, mas isso apenas me deixou mais ansioso... e eu estava errado. A carruagem precisava quebrar na estrada desventurada — uma infundável estrada de lama.

Um incidente com as feições de sua vida amorosa. À carta fora escrita em várias partes, constatou Schindler. Na noite do mesmo dia, Beethoven acrescentara um pós-escrito — e Schindler recomeçou a leitura:

Estás sofrendo... Ah, onde quer que eu esteja, estás comigo... Vou combinar contigo e contigo para que eu possa viver contigo.

“Beethoven? Viver com uma mulher?”, gritou Johann. “Que lástima. Nada mais improvável.”

Por mais que me ames, amo-te ainda mais... Mas nunca ocultes nada de mim... Boa noite!... Oh, Deus, tão perto! tão distante! Não é nosso amor uma estrutura verdadeiramente celeste? E tão sólido, também, quanto a abóbada do Céu?

Depositou a carta e disse, mais para si do que para Holz e Johann: "Quem seria ela?"

"O único amor que ele tinha era por si mesmo."

Essa — não propriamente uma resposta — veio de Therese, esposa de Johann que, como por acaso, estava agora de pé no vão da porta, sagaz como sempre, os lábios retorcidos em uma de suas horríveis carrancas.

"Sofri seus insultos e mau humor", prosseguiu, como uma víbora persiste em sua ação insidiosa. "Sofri em silêncio quando ele jogava na minha cara a comida que eu havia preparado."

Ela avançou para o marido — uma mulher alta e de movimentos vagarosos, lábios grossos e aparência de algo estragado. Schindler tinha de admitir que compartilhava do desgosto de Beethoven pela mulher do boticário. Ela entrara para a vida de Johann como governanta e abrira caminho até seu leito como algo mais. Os irmãos haviam-se envolvido em brigas furiosas por causa das relações de Johann com ela, que Beethoven considerava carente de fibra moral — na verdade, tresandavam a imoralidade, para não dizer ganância. E agora ela pretendia ter seu quinhão de vingança.

"Eu fingia ignorar quando ele espalhava mentiras sobre mim e Johann", disse. "E, cinco meses atrás, eu não disse nada quando ele gritou comigo enquanto limpava suas feridas. Por quê? Porque, pensei, ele não é igual a nós. Ele é um grande homem. Um grande compositor. O mundo todo reconhece seu gênio. Quem sou eu para dizer o contrário? Mas nós fizemos o que nenhuma *amada* faria, e vou lhes dizer uma coisa: esse dinheiro é nosso."

“Não é”, disse Schindler. Inabalável, agitou o testamento diante de seus olhos.

Pois era a combinação de ambos — da carta e do testamento — que tinha tanto significado. A carta fora escrita muito tempo atrás, e simplesmente poderia ser uma curiosidade para um futuro biógrafo. Mas, descoberta como fora, junto com o testamento, assumia outro significado, totalmente distinto.

“Veremos a quem isto pertence”, disse Schindler com tom definitivo na voz.

Num gesto de desafio, ele o amarrou com as ações e a carta. Avançou para a porta. Schindler queria encerrar de vez o assunto com essa gente. O Mestre estava morto, embora o *factotum* houvesse pensado durante toda a longa enfermidade que a morte o libertaria desse tremendo fardo, não iria ser assim. Talvez tivesse sido assim se Beethoven fosse um parente, mãe ou pai — alguém mortal que morresse como todo homem mortal para ser pranteado e depois esquecido. Mas, agora, a dimensão da morte de Beethoven o abalava. Sentia sua própria insignificância mais vivamente na presença dessas almas desprezíveis para quem o cheiro da ganância sobrepujava o prolongado odor da morte. Da morte, além do mais, de um gênio. Johann barrou-lhe o passo na porta.

“Isso já não importa!”, gritou Johann, agarrando as lapelas do sobretudo de Schindler, quase implorando. “Ele se foi. Talvez para algo melhor! Temos a música. Ele pertence a... toda a humanidade! Destrua essa carta. Ela apenas mostrará sua vida desordenada para o mundo.” “Este testamento é seu desejo de moribundo”, disse Schindler, como se antecipadamente já tivesse consciência do projeto que se urdia em seu cérebro. “Devemos-lhe ao menos o esforço.”

Johann bateu o pé, com frustração e raiva. “Você não tem autoridade neste assunto!”

“Eu tenho a autoridade *dele*”, retrucou Schindler.

“Ainda o cão fiel, hein?”

“Ele era meu amigo.”

“Que amigo seria tão cruel?”

Schindler parou, voltando-se para o pobre e desolado boticário.  
“E que irmão seria tão insensível?”

Percebeu que havia magoado Johann, havia-o magoado até o íntimo; então Johann o encarou de alto a baixo, a mágoa logo se tornando fúria. “Você não sabe *nada* de meu irmão”, gritou. “Você não sabe nada de nada.”

As palavras acompanharam Schindler escada abaixo, e ele ainda as ouvia quando chamou uma carruagem. Acomodou-se lá dentro, ainda inflamado, com mescla explosiva de orgulho e vergonha aposta à sua alma honesta e demasiado decente.

# Capítulo 3

## Um Incidente em Karlsbad

E foi assim que Anton Schindler partiu, dias após o funeral, para descobrir a identidade da *Amada Imortal* de Beethoven. O Mestre mal fora enterrado, e em princípio restara muito que fazer para regularizar o espólio, mas tudo isso podia esperar. Embarcar em tal jornada era para Schindler, como ele o percebia, ainda que vagamente, um meio — e poderia haver mais tarde outros meios de manter o Mestre vivo em seu íntimo. Pois sabia que todo mundo no final devia ser tão afortunado quanto ele, ser tocado pela vida de um gênio. Se limpar assaduras era o mínimo que alguém precisava suportar, que assim fosse. A carta estava em sua mão quando ele tomou o fiacre e gritou para o cocheiro: “Leve-me a Karlsbad”.

Meu anjo, meu tudo, meu outro eu...

Leu-a e releu, sempre de olho no caminho. Memorizava seu teor, na esperança de que os segredos e alusões que ela continha

pudessem levá-lo a identificar a destinatária, se na verdade a destinatária a Amada Imortal — não fosse mera criatura inventada pela turva mente de Beethoven.

Só umas poucas palavras hoje, e ainda assim a lápis (seu); apenas amanhã saberei com certeza onde vou me hospedar, um inútil desperdício de tempo e isso — por que essa tristeza profunda, quando a necessidade aparece?... Podes alterar o fato de que não és toda minha... e eu não sou totalmente teu?

Não acontecera a Anton Schindler — e aí havia um motivo a mais para que ficasse intrigado — saber algo de coerente e sólido sobre a vida sentimental do Mestre. Certamente nada sabia, de forma alguma, do que se refere a ligações *conseqüentes* com uma mulher. O Beethoven que Schindler conhecera estava freqüentemente doente e sempre irascível, exceto quando surtos de gentileza ocorriam como um raio em céu azul, sem nenhum traço de desprezo, quando até mesmo uma pitada de ironia era servida com afeto. *"É seu dever comparecer a minha casa às 2 horas da tarde de amanhã, ocasião em que, após partilhar do pão e da água, você ficará preso durante vinte e quatro horas."* Era assim que Beethoven tratava Schindler, e ele aceitara tais convites e tudo o que eles implicavam, com gratidão e algo mais que um indício de martírio. Ouvira rumores sobre as *relações* de Beethoven com mulheres, mas a descoberta dessa carta endereçada à Amada Imortal era como encontrar uma antiga cidade sepulta sob as cinzas de um vulcão.

O amor tudo exige, e com razão; eis como me sinto para contigo e tu para comigo. Apenas tu esqueces facilmente que preciso viver por ambos, por ti e por mim.

A data da carta era incerta — Johann sugerira 1806 ou por aí — e parecia ter sido enviada para um quarto do Hotel Cisne, em Karlsbad. Todavia, o outro mistério continuava: Beethoven raramente fazia cópias de sua correspondência; portanto, deve ter recebido de volta o original dessa carta em particular, mas como ela

Ihe fora devolvida? Schindler não sabia dizer. E, claro, não tinha a menor idéia de quem a recebera, a lera e devolvera.

Coragem! Continue sendo meu único, meu verdadeiro tesouro, como sou o teu!... Os deuses devem nos propiciar o descanso, seja o que for que tenha sido determinado para nós, que assim seja.

Caso aproovesse àqueles mesmos deuses, ele a descobriria.

O Hotel Cisne era um daqueles templos erguidos ao lazer, em nome da boa saúde, com sais medicinais em banhos de água mineral disponíveis sob todas as formas, ininterruptamente. O hotel era um belo exemplar do gênero, construção de madeira de quatro andares que parecia muito melhor no verão, quando movimentado, do que agora, a meio do início de primavera. Mas estava agradavelmente tépido em seu interior e, atrás da escrivaninha, no sóbrio e elegante saguão, estava uma velha senhora natural da Boêmia.

Tinha o rosto redondo e avermelhado, gestos de proprietária e, sem dúvida, era viúva, bem capaz de perceber num estranho o que ele era ou não era, e se tinha recursos para passar um dia, uma semana ou um mês. Era, conforme Schindler pôde perceber, mulher de negócios que apreciava gente de negócios, bem como nobres não empobrecidos; mas, se a nobreza de propósitos emanasse de um homem, que não fosse um nem outro, mas fosse educado, ela podia esperar decência e, portanto, propiciava generosidade de espírito em troca. E tal definição de caráter correspondia perfeitamente a Schindler.

Ela disse, agradavelmente: "Posso ajudá-lo?"

"Boa tarde, Frau..."

"Streicher."

Ele fez uma mesura. "Herr Schindler."

“Deixe-me encontrar sua reserva.”

“Receio haver chegado sem uma.”

“Não importa. Sempre existe um quarto no Cisne para um cavalheiro como o senhor.”

“Eu gostaria, em vez disso, de receber resposta para uma pergunta”, disse, e tirando a carta do bolso sem pensar, perguntou: “A senhora conhece o nome... Ludwig van Beethoven?”

Pergunta que, feita a qualquer habitante do Império que possuísse a mais precária forma de inteligência, teria causado caloroso assentimento. Nessa mulher, a idéia de que não *conhecia* o Mestre, por mais excêntrico que ele fosse, devia ter motivado algum tipo de deliciosa indignação; enquanto a insinuação de que ela talvez tivesse *ouvido uma nota* de sua música, teria um toque lisonjeiro.

Mas não houve reação assim. Em vez disso, quase com sarcasmo, ela disse: “O senhor está falando do compositor?”

“Sim, ora.”

“Eu o conheci”, Frau Streicher disse com uma fungadela.

“Ele algum dia se hospedou aqui?”

Ela se curvou para Schindler e perguntou, em tom de confiança: “O senhor é policial?”

Schindler meneou a cabeça: “Não”.

Ela estufou o lábio inferior com falso decoro. “Então não vou responder-lhe.”

“Por favor”, implorou ele, “estou tentando concluir seus negócios. É meu...”



“O senhor quer dizer que Beethoven está *morto*?”

“Ora”, disse Schindler, notando que, ela estava mais ansiosa por informações do que chocada ou triste com a notícia do falecimento.

“Melhor para ele”, assegurou a velha senhora. “Um homem terrível.”

“Então ele se hospedou aqui!”

“Aqui? Sim, naturalmente ele se hospedou aqui, isso não será esquecido tão cedo,” Ela deixou escapar um suspiro sibilante. “Foi muito tempo atrás. Lembro-me principalmente dos danos.”

“Dos danos?”

“Os danos pelos quais nunca fui indenizada.” Schindler percebeu uma brecha e avançou para ela. “Acho difícil entender o que exatamente ele...”

“Bem, ele *arrebentou* tudo”, revidou a mulher. “Escangalhou com tudo. Vou lhe dizer quanto...”

Schindler retirou de sua mala um feixe de cédulas. Ela notou a presença do dinheiro enquanto fazia seus cálculos.

“Houve a cadeira que ele fez em lascas como lenha, três florins. A janela esmigalhada, cinco. Precisei pintar todo o aposento. E, além do mais...”

“Isto é suficiente?”

Os olhos grandes e redondos de Frau Streicher se fixaram na cédula que Schindler separou da bolada, antes de voltar para sua lista. “Todo um jogo de cortinas novas”, disse ela. “Totalmente estragadas.” Seus olhos voltaram para a cédula com indisfarçável satisfação.

Depois disso, ele obteve dela toda a história; o dinheiro opera milagres. Ela o levou para o escritório a fim de mostrar-lhe o registro de hóspedes e, de fato, com certa dificuldade, o ano foi realmente confirmado como 1806. Beethoven muitas vezes cometia erros em suas datas, e ali ele escrevera 6 de julho onde claramente queria escrever 5.

E as datas confirmaram também a existência de uma mulher, embora, curiosamente, não sua identidade.

“Estávamos esperando Beethoven”, Frau Streicher explicou. “Tínhamos uma reserva em seu nome, que veio pelo correio na semana anterior. Então, em vez dele, chegou a mulher.”

“Qual seu nome?”

“Não sei.”

“Frau Streicher... Por favor.”

Com sincera perplexidade, ela, disse: “*Eu não sei.*” Lembrou que a mulher estava envolvida em denso véu, embora não de luto. Com um gemido cansado, Frau Streicher desceu o registro, removeu a poeira e abriu-o. Voltou lentamente as páginas. Afinal encontrou a página que procurava e, com um grosso dedo, apontou a anotação. A mulher assinara com uma garatuja elegante não mais legível que a feita pela pata de um gato.

“Ela era casada?”, perguntou Schindler, olhando para o livro, perscrutando, tentando decifrar a caligrafia.

“Ela usava luvas”, disse Frau Streicher. E a seguir, com irritação: “O que o senhor espera, 22 anos depois? Tenho memória excelente, mas o senhor quer milagres.”

“Queira por favor aceitar minhas desculpas”, disse Schindler erguendo as mãos, num gesto conciliador.

Com efeito, Frau Streicher não conseguia se lembrar de um só detalhe físico da mulher, exceto que não era muito baixa ou especialmente alta; tinha movimentos devidamente delicados e, de certa forma, não levava muita bagagem.

“Não fiquei espiando”, disse Frau Streicher com clareza e precisão. “Espiar é contra minha natureza.”

Ela tentou convencer Schindler — embora com uma veemência suspeita, pensou ele. — que, embora ela não tivesse a mentalidade de um magistrado, adotava certa discrição em tais assuntos. Como todas as pessoas decentes. Caso soubesse, ou tivesse firme suspeita, de que encontros amorosos podiam ocorrer em suas dependências — talvez, conforme ela sugeriu sem humor, em seus banhos minerais —, não o toleraria. Mas aquele era Beethoven, afinal, famoso em toda a Europa, nome conhecido nas mais remotas aldeias do Império. Ela evidentemente adotaria discrição extra.

“Então Beethoven chegou”, disse Schindler.

“A carta chegou primeiro”, respondeu Frau Streicher.

Schindler levou um susto ao perceber que ela apontava para a carta que ele segurava. Ele deu-lhe a carta para examinar; sem vacilação, ela admitiu haver rompido o lacre.

“Não havia como saber com certeza a quem se destinava”, explicou. “Não tinha nome, conforme o senhor pode ver. Mas, quanto a mim, bastou-me ler a assinatura para saber que deveria entregá-la à dama. E ela não pusera o rosto para fora do quarto. Nunca descia para o jantar, fazia apenas uma refeição leve em seus aposentos — nos aposentos dele, devo dizer — ao meio-dia. Levei a carta lá para cima com a bandeja.”

“Então a senhora a viu!”, exclamou Schindler. “Não exatamente”, disse Frau Streicher. “Ela estava de pé junto à janela e me disse, do modo mais frio, para deixar a bandeja, depois me agradeceu e me pediu para sair. ‘Existe uma carta para a senhora, Frau ... Mas ela me interrompeu. Deixei-a na bandeja.’”

Daí uma hora, a mulher fez as malas e partiu. Não deixou gorjeta para Frau Streicher, o que não a fez cair nas boas graças da proprietária. Na verdade, não deixou vestígio de nenhuma espécie. Ficou diante do hotel, andando para lá e para cá, até que uma carruagem chegou, levando-a embora.

“Beethoven chegou logo depois”, disse Frau Streicher. “Ele estava com a melhor disposição de espírito, embora um tanto agitado, o que não surpreendia ninguém, pois era seu jeito normal. Afinal, nós o havíamos hospedado antes, e sabíamos como era. Um cavalheiro nervoso, imprevisível. Chegou em estado de comoção, mas com boa vontade, ou assim parecia.”

Mas, assim que entrou no seu quarto — e Frau Streicher não ousara adverti-lo, mesmo porque de nada adiantaria —, ele obviamente descobriu a ausência dela.

“Houve momentos de silêncio”, disse Frau Streicher, após uma pausa para reordenar os pensamentos.

“Momentos de silêncio?”, perguntou Schindler.

“Talvez o senhor pudesse dizer calma antes da tempestade. Antes que o barulho começasse.”

E, assim que começou, vários hóspedes desceram para informar Frau Streicher, com notável agitação, que nada parecia ir bem no Quarto 311. Então, do pátio externo, chegou um cocheiro informando que uma pesada cadeira — era o que parecia, a julgar pelos pedaços espalhados na rua — fora arremessada de uma das janelas do segundo andar. Daí a instantes, Frau Streicher galgou a

escadaria, abrindo caminho por entre o pequeno grupo de ricos inválidos reunidos diante da porta. Ruídos horríveis vinham do interior. Ela bateu com autoridade estridente:

“Herr Beethoven! Não vou tolerar! O que isto significa? Abra!”

Antes que ela encontrasse a chave, cercada à luz de velas por meia dúzia de hóspedes em vários estágios de seminudez, a comoção lá dentro cessou de súbito. Mas Beethoven não foi até a porta. Ele deixou claro, com muitos termos vulgares (nenhum dos quais, calculou Schindler, Frau Streicher poderia proferir na presença de um cavalheiro como ele), que queria que o deixassem em paz, embora no momento isso estivesse fora de cogitação. Quando Frau Streicher destrancou e escancarou a porta, ele estava sentado na cama. Uma figura desolada, embora de modo algum contrita, ele não lhe retribuiu o olhar nem lhe respondeu.

“O que o senhor fez com minha propriedade?”, exigiu Frau Streicher repetidamente.

“Sua *propriedade*”, respondeu ele com escárnio.

Ela quase chorou pela porcelana chinesa e pelo pesado espelho de chumbo espatifado no chão. “Isto terá de ser pago. Garanto-lhe, Herr Beethoven, alguém terá de pagar por isto.”

Beethoven não respondeu. Ficou sentado imóvel na cama, olhando para fora da janela. Era uma bela noite sem luar, com um grande feixe de estrelas como decoração.

“Ele estava com ela na mão”, lembrou Frau Streicher. “Estava amarrotada mas não rasgada.” Schindler aproximou-se mais porque sua voz baixou para um sussurro. “Ele estava com essa carta que o senhor trouxe na mão.”

Às 5 horas, quando o crepúsculo se tornava noite escura, Schindler percebeu que esgotara Frau Streicher, e sabia tudo o que ela poderia lhe contar.

Vinte e um anos após o acontecimento, em homenagem à memória e reputação de Beethoven, Schindler, seu devoto *factotum* de confiança, pagou pelos danos que Ludwig causara no Hotel Cisne em Karlsbad, em 1806. Schindler sempre alertara Beethoven para que tivesse cuidado com porcelana chinesa e tentasse ser menos desajeitado. Embora o grande Mestre estivesse morto, Schindler sentiu-se compelido a endireitar as coisas, a pôr ordem na confusão.

“Ser desajeitado não era o problema”, disse Frau Streicher, mais que satisfeita com a cédula já trancada na gaveta.

“Vamos encerrar aqui esta questão”, disse Schindler com um leve sorriso. Afinal, cabia a ela o mérito de nunca o ter perseguido.

“Ele era um homem horrível”, repetiu, enquanto Schindler se despedia.

“Boa noite, madame”, disse ele fazendo profunda mesura.

Voltando a Viena naquela noite, Schindler indagou-se seriamente se devia desistir dessa estranha busca. Hoje ele tinha começado; cumprira uma tarefa relacionada com uma curiosidade encontrada entre os pertences do falecido Mestre. Talvez fosse de bom alvitre, pensou, talvez fosse prudente parar por aqui, com a imagem de uma mulher velada, num hotel em Karlsbad. E se uma busca mais profunda e futuras revelações tivessem mau desfecho e maculassem a reputação de Beethoven? O que fazer? Schindler estava seriamente indeciso. Queria proteger o Mestre, mas ainda assim sentia que não tinha justificativa para não perseguir o mistério da Amada Imortal até sua conclusão.

Anton Schindler era, mais que tudo, um homem de consciência. Como poderia se sentir em paz consigo mesmo se não prosseguisse?



# Capítulo 4

## A Encantadora

“Preciso trancar a porta!”

“Mas condessa...”

“Não podemos ser perturbados!”

Ela passou por ele, deu volta à chave e, com um gracioso movimento de bailado, nas pontas dos pés, aproximou-se. Fazendo beicinho, disse: “Nem *tudo* o que falam de mim é verdade.”

Schindler sentiu-se enrubescer. Ele nunca chegara a se habituar totalmente à nobreza, e sempre mantivera uma polida distância, assumindo uma espécie de grave reserva para ocultar seu nervosismo. Ao contrário de Beethoven, nunca dera aulas aos ricos, e nunca provara dos suspiros, sorrisos e namoricos que muitas vezes acompanhavam as lições às filhas de homens abastados. A condessa



Julia Gallenburg, de sobrenome Guicciardi quando solteira, era sedutora, tão branca e bela aos quarenta anos quanto uma mulher podia ser; ou melhor, naquela idade ela conservava muito do encanto sedutor pelo qual fora famosa — e, sem o tocar, tinha o poder de fazer Schindler *sentir-se* tocado. Arranjou um lugar no divã, e ele ficou de pé diante dela sentindo-se um tanto desajeitado, com o chapéu nas mãos.

“Karl Holz esteve aqui”, disse Julia, “com aquele outro, o fuinha...”

“Johann?”, perguntou Schindler.

“Sim... esse”, disse Julia. “Como é que Luigi pôde ter um irmão tão vil? Eles serem parentes é simplesmente chocante.”

Schindler não ia fazer confidências, mas comentou, com um toque de ironia: “Confio que Holz e Beethoven gozavam de boa saúde.”

“Eles me contaram que você estava tentando roubar o dinheiro de Luigi”, disse a condessa. “Eles tinham certeza de que você viria aqui.”

“E estavam com a razão”, disse Schindler.

“Mas por quê?”

“Tem a ver com sua amizade por Beethoven.”

“Eu não lhes contei nada”, disse Julia. Ela se curvou com um lampejo de cumplicidade nos olhos. “Mas em troca de meu silêncio você terá de me contar tudo.”

“Mas não”, disse Schindler. “A mim é que compete interrogá-la.”

Julia meneou a cabeça com faceirice. “E por que deveria eu me submeter a isso?”

Schindler não tinha uma boa resposta para o que imaginava ser a pergunta não proferida pela condessa: que direito tem *você*, um plebeu? Ele disse, muito inflexível: “Porque é isso que ele queria.”

“Então você terá de fazer uma promessa, Herr Schindler — o que eu lhe disser jamais sairá deste quarto.”

“Dou-lhe minha palavra de honra.”

“Você quer saber de minhas... relações com Beethoven?”

“Sim, eu gostaria”, disse Schindler com gravidade.

A condessa ergueu a cabeça altiva — havia a sugestão de um sorriso em seus lábios, mas não ironia. Ela disse: “Há fundamento nos rumores. Mais que fundamento... verdade. Eu fui o grande amor da vida de Luigi.”

Ela fora de fato? Schindler fora visitar a condessa Gallenburg porque se lembrara, na viagem de volta a Viena, de uma observação de Frau Streicher: a Amada Imortal que aguardava em Karlsbad *parecia-se* com uma condessa. Voltando à residência de Beethoven, Schindler localizou em um dos Livros de Conversas, datado de 1823, comentários que lhe atraíram a atenção, parecendo talvez significativos. Eram, verdade seja dita, bastante estúpidos, e totalmente embaraçoso imaginar que alguns desses comentários haviam sido feitos por ele. Mas ele e Beethoven estavam, na ocasião, trabalhando em estreita relação, e não podia haver nada mais incômodo do que ser forçado a dizer algo engenhoso e inteligente sobre um tema pelo qual não se tinha interesse.

Sim, disse o Mestre, fui muito amado por ela, muito mais que seu marido fora um dia.

Eles falavam da condessa Guicciardi e, após essa declaração, Beethoven acrescentou que, mais tarde, *ela certa vez veio me ver, em lágrimas, mas eu a desdenhei.*

Ao que Schindler replicou: "*Hércules na encruzilhada!*" Que comentário ridículo. Mais que suficiente para fazer alguém ter engulhos, e apenas certo vislumbre da posteridade impediu que Schindler suprimisse a anotação da conversa. E agora, sentado na sala dela, constatou de súbito que Beethoven lhe mentira. Ele é que estivera perdidamente apaixonado, não ela. Não esta condessa coquete.

Ficou evidente para Schindler que Julia era namorada, sem dúvida o seduzira, e ele, o Romeu, que definhava de amor romântico. Não que isso significasse que ela não fora atraída por ele. Nem que não se entregara toda ou que fora insincera. Apenas, que era a Bela Julia Guicciardi que, aos dezessete anos, podia virar a cabeça de qualquer homem.

"Minhas primas, Therese e Josephine von Brunswick", disse a condessa, "conheceram Beethoven *na intimidade.*"

"Sim, ele falou nelas muitas vezes", disse Schindler, dando uma tossidela à alusão que era inequívoca: as lições de piano de Beethoven muitas vezes se faziam acompanhar de algo mais.

"Beethoven estava no final dos vinte anos quando nos conhecemos", disse Julia. "Ele tinha a fama de ser nobre, sensível e culto."

É um grande virtuose numa cidade de pianistas fabulosos, Schindler gostaria de acrescentar. As execuções do Mestre não eram no velho estilo clássico, pois estavam de emoção a tal ponto que, quando ele tocava nos salões vienenses, homens e mulheres eram levados às lágrimas, aos arquejos crescentes, tal era o vigor de seu desempenho. Já em 1800 percorrera Praga, Berlim e outras cidades da Europa e tocara na corte de Frederico Guilherme.

“Conheci-o no palácio do conde Lichnowsky”, disse a condessa, “aonde fui para ouvi-lo pela primeira vez. Tinha acabado de fazer dezessete anos. Ficara sabendo que sua música despertava tal emoção que chegava a ser perigosa. Embora ele não fosse *muito* gracioso, contaram-me que fizera conquistas capazes de levá-lo a causar inveja a mais de um Adônis.”

Assim, ela foi espicaçada e talvez estimulada pelo fervor da rivalidade e quis cativá-lo. Emocionada pela perspectiva de conhecer o jovem virtuose, Julia e as primas chegaram ao palácio do conde Lichnowsky, na Alserstrasse nº 44, onde Beethoven morava e trabalhava sob o teto de seu benfeitor. Julia foi levada à sala de espera após ser forçada a aguardar o término do primeiro movimento — chegar atrasada era um hábito incurável seu. Ficou surpresa ao ver ao pianoforte um Beethoven muito mais gracioso do que fora induzida a esperar: jovem, fisicamente muito mais desejável do que o descrito por suas primas ciumentas — com efeito, um homem de cachos perfeitos que tocava num estado de bela e total concentração. Nem tão concentrado assim, pois pôde lançar-lhe um olhar a meio de um sorriso e de um *glissando*. Ele era tão nobre quanto ela imaginara, de espírito tão refinado quanto qualquer príncipe. Dominada pela beleza da música, sentiu-se literalmente zozza. A expressão dele enquanto a contemplava, e a poesia de suas mãos sobre o instrumento, praticamente forçaram-na, daí a pouco, a se retirar.

“Agora, acho graça”, disse para Schindler, com sorriso triste. “Eu era jovem.”

Recompondo-se num salão adjacente, vazio, Julia ficou sentada longo tempo a contemplar as velas bruxuleantes, ouvindo em surdina os sons da música fabulosa. Sua mente estava povoada pelo belo rosto dele, por seus dedos fabulosos.

Seus pensamentos e emoções tumultuados foram de súbito interrompidos por um riso áspero. Despertada violentamente de seu

devaneio, surpreendeu-se ao ver a figura de um homem, de costas, olhando pela janela. Sua alta gargalhada foi seguida por uma série de risos à socapa.

“Oh!”, gritou, com sincera surpresa. “Eu não o vi.”

Ele lançou-lhe um olhar de relance, as mãos presas às costas — um olhar de relance repleto de escárnio. “Você viu um fantasma? Por que parece tão assustada? É aquela música ordinária?”

Então avançou para ela. Era, numa só palavra, feio — com a barba por fazer, mal trajado, e seu rosto contorcia-se numa carranca que, em momentos, deixava escapar um riso sarcástico.

“Alô”, disse ele, curvando-se de modo enfático, que ridicularizava as boas maneiras.

Ela estava apreensiva, para dizer o mínimo, e conseguiu dizer: “Eu... preciso voltar.”

“Você está me deixando, condessa, para ouvir aquele *asno*?”

“A música é bela”, insistiu Julia. “Você sabe quem é ele?”

“Um asno que toca como uma criada de cozinha esfregando panelas, tudo descontínuo e em *staccato*.”

“Disseram-me”, disse Julia com a altivez de uma autêntica condessa, “que os vienenses possuem gosto apurado. Claro que isso não se aplica a seu caso.”

Ele parou. “Ah! Você deve ser Julia Guicciardi. Ouvi dizer que existe uma verdadeira disputa pelos seus encantos.”

Ela ficou surpresa. “Senhor, você é rude e ofensivo. Estou saindo.”

“Conte-me”, disse, com sorriso insultuoso, “você toca piano? Isso não me surpreenderia. Porque pretendo ser seu professor.”

“O quê?”

“Irei visitá-la amanhã às 10 horas.” Ele deu um sorriso mais largo, ergueu as mãos e flexionou os dedos. “Esteja preparada!” E irrompeu num riso homérico que perturbou ainda mais sua já débil compostura.

“Você será proibido de entrar em casa!”, advertiu ela com toda a ira imperial que uma condessa de dezessete anos conseguia reunir.

O que não impediu que o feio indivíduo comparecesse na manhã seguinte, conforme prometido, apresentando-se sucessivamente à governanta, ao mordomo, ao pajem e ao pai dela, conde Guicciardi. Julia, que observava de uma janela no andar superior, ficou chocada ao ver o homem, com quem travara o grosseiro conhecimento na véspera, que era seguramente um *criado*, chamar na *porta da frente*. Ela esperava mesmo que seu pai o mandasse embora e golpeasse suas orelhas, caso necessário.

Em vez disso, ele apertou calorosamente a mão do homem e o convidou a entrar.

“Traga Julia!”, gritou o pai para o mordomo, que chamou pelo pajem, que disse a ela: “Um cavalheiro está aqui para vê-la.”

Ela não estava na idade em que gostasse de admitir que podia ser estúpida. Fugiu escada abaixo e procurou por algum lugar onde se ocultar e, antes de abrir a porta da sala de música, ouviu o pai gritando por cima do riso homérico: “Ele diz que é seu novo professor de piano!”

Ela saiu ventando para enfrentá-lo. Disse com firmeza para o pai: “Houve um engano. Este homem é um tolo vulgar que me

abordou na noite passada, no salão do palácio do príncipe Lichnowsky. Insisto que o senhor o mande embora imediatamente.”

O pai observou-a com um misto de perplexidade, assombro e indulgência. “Julia, não o mandarei embora. Seria uma vergonha para nossa família.”

Ainda confusa, Julia avançou um passo, esforçando-se para olhar bem nos olhos do homem feio e rude, sem boas maneiras. O conde Guicciardi estendeu a mão e disse: “Permita-me apresentar Ludwig van Beethoven”.

Ele chegou a dar-lhe aulas várias vezes por semana. Trajando uma velha jaqueta cinza e calções, o cabelo negro já fibroso e revoltado, chegava muitas vezes com a barba por fazer de um dia (ou até de vários dias). Era ativo, mas num simples relance Julia podia perceber se a lição seria fácil e leve ou difícil e rigorosa, se o próprio Beethoven estaria encantador ou preocupado ou — conforme era quase sempre o caso — com os nervos à flor da pele, pronto para irromper em fúria.

“Insisto num toque leve”, disse-lhe repetidas vezes e, de pé, sobre ela, dobrava-lhe os dedos sobre as teclas para que ficassem curvos e não estendidos.

“Lamento”, dizia pesarosa a cada vez, “mas é o modo como me ensinaram.”

“Você foi ensinada por tolos”, disse ele. “Agora você está sendo ensinada por mim.”

Ela não desestimulava suas atenções. Pois, apesar de sua aparência — ou, talvez, por causa dela —, julgava-o sedutor, seu olhar às vezes alucinatório; Sua personalidade atuava sobre ela como uma droga. Seus dedos peludos cobriam os dela, muito mais delicados; certo dia, quando ela tocava, ele roçou-lhe a nuca com as costas da mão, numa admiração silenciosa, e ela estremeceu. Julia

se viu sonhando com o dia em que ele simplesmente a tomasse nos braços e ela pudesse abandonar a veleidade de seu nascimento e de sua posição. Por que não? Suas primas haviam-se dado a folgedos com Beethoven antes dela, e ele com ambas. Mas suas fantasias eram mais extravagantes — e por que não? Ela não era mais bela que as primas? Abençoada com feições mais delicadas, boca pequena, olhos amendoados, e escuros cachos de cabelo que rolavam pela alta fronte; a condessa Julia era uma das jovens mais procuradas de Viena.

Mas não foi apenas a perspectiva de uma exacerbada sensação de romance, bailando em sua pequena boca e em seu pescoço branco e morno, o que tornou ainda mais vivida a já fantasiosa existência de Julia. À presença de Beethoven em sua vida afetava seu modo de pensar e agir; ela levou a música mais a sério e, com a música, a própria vida. Ela jantava certa noite no palácio dos Von Brunswick, e os convidados incluíam suas primas Therese von Brunswick e Josephine com o marido, conde Deym — trinta anos mais velho que ela, homem de formação militar, monarquista e filisteu convicto. O garboso conde Gallenburg — a quem antes ela tomara erroneamente por Beethoven — também estava lá, sentado ao lado dela, ainda fisicamente encantador embora não tão inteligente e talentoso quanto ela supusera. O conde voltou-se para Julia e disse com ar de inocência: “Você precisa assistir ao meu próximo recital.”

“Sim, irei. Ouvi-o naquele domingo...”

“Oh! Eu sei!”

“A música era bela.”

Mas o conde Gallenburg, que sentia falsidade em sua observação, fechou o semblante. Antes das lições com Beethoven, Julia poderia com efeito haver julgado a execução do conde tão bela quanto julgava o homem fisicamente, mas seu dom de avaliar a fina



música, se não seu próprio talento, havia-se desenvolvido enormemente sob a tutela de Beethoven. Já não lhe era possível mentir convincentemente sobre música; por meio de Beethoven, a música se tornara por demais importante para ela.

A seu lado, Josephine, coquete, sentindo mais que um toque de rivalidade agora que estava casada, exclamou: "Seguramente, a execução do conde não pode ser *assim* tão má! Você é uma mentirosa incorrigível, Julia."

O conde Gallenburg deu de ombros, ensaiou um sorriso e pareceu digno de lástima.

À frente de Julia, o conde Deym, idoso e casmurro, limpava os feios dentes com o guardanapo e meneava a cabeça na direção da esposa. "Pessoalmente, julgo a execução do conde Gallenburg excelente. É aquele maldito Beethoven que não consigo suportar. As pessoas apenas afirmam admirar suas coisas para não parecerem ignorantes."

"Mas, meu caro marido", disse Josephine, "não exiba sua estupidez na presença de nossos convidados. Julia, todos nós podemos falar francamente aqui. Dê-nos sua opinião sincera sobre a execução do conde Gallenburg, por favor." Seu sorriso era perverso, desafiador.

"Céus, não!", interveio o jovem conde conservando a custo seu sorriso forçado. "Eu não estou procurando lisonjas."

"Muito descontínua e em *staccato*", respondeu Julia prontamente. "Sem o necessário tom musical." Sorriu para ele e tocou-lhe a manga. "Desculpe."

O conde Gallenburg, que esperava receber um elogio, franziu o cenho num meio sorriso; o conde Deym rosou uma desaprovação. O pai de Julia interveio, dizendo: "Minha filha, conforme os senhores podem ver, está tomando lições com o próprio maestro."

“O quê?”, exclamou Josephine.

“Beethoven vem todo dia à minha casa”, disse o conde.

“Ele não recebe pagamento”, Julia apressou-se em acrescentar. “Mas aceita roupa-branca quando consigo convencê-lo de que eu própria a costurei.”

“Então você costura”, zombou o conde Gallenburg.

Julia sentiu a prima arrepiar de ciúme — como se ela própria não se tivesse submetido à tensão e pressão que Beethoven exercia. “Você julga sensato?”, perguntou Josephine.

“O que quer dizer?”, atalhou seu marido.

“Quero dizer, ele é um professor exigente”, disse Josephine rapidamente.

“Ele é um salafrário e um republicano”, disse o conde Deym. “Ouvi dizer que é partidário de Napoleão. Que não se enganem. Ele gostaria de nos levar, a todos, para os braços de Madame Guilhotina! Ele circula pela sociedade refinada por causa de sua fama de virtuose, mas tem um acesso — é o que ouvi dizer — se alguém sugere que ele se sente diante de um teclado e *toque*. Que presunção! Consta que ele disse: ‘Há milhares de príncipes. Existe apenas um Beethoven!’”

“Você algum dia o ouviu tocar?”, perguntou Josephine; e Julia, relanceando o olhar para ela, viu seus olhos baixarem com um segredo culpado.

“Não”, admitiu Julia. “Ainda não.”

“Quem ouviu?”, exigiu o conde. “Ele veio para Viena dez anos atrás e abriu caminho para o êxito tocando, mas agora repousa nos louros.”

“Ouvi-o tocar”, disse Therese, que até então permanecera em silêncio. “E era algo que você precisava ver. Era difícil acreditar que aquele era o mesmo instrumento que todos nós vemos surrado e malhado por outros.”

Julia ficou perplexa. “Gostaria de saber por que ele já não toca.”

“Beethoven”, disse seu jovem colega, o conde Gallenburg, “é um homem estranho e obstinado. Ele diz que ser obrigado a tocar o faz sentir-se um laçao e que ele não serve a nenhum amo.”

“Mas”, disse o conde Deym, intencionalmente, relanceando o olhar para Julia, “ele aceita um pouco de roupa-branca, não é?”

Todos os que estavam à mesa, exceto Julia, caíram na gargalhada.

Ao prosseguir suas lições com Beethoven, Júlia ficava cada vez mais confusa com seus extremos de atenção e indiferença. Houve dias em que ele era todo paciência e preocupação, ficava quatro ou cinco horas na casa, por momentos sério, por momentos brincalhão. Mas havia sessões, longas sessões, em que ficava só, num mundo próprio, intensamente contemplativo e assustador em seu alheamento. Certo dia em que tocava as invenções de Bach, enquanto Beethoven ficava de pé contemplando através da janela, como em profunda reflexão, Julia foi tomada de um capricho... Cometeu uma falha e, como ele não reagiu, ela ficou zangada. Cometeu outra falha de propósito. Então estragou toda uma passagem. Afinal, parou de tocar por completo e gritou: “Luigi!”

Fechando a tampa do piano com estrépito, ela finalmente atraiu sua atenção. Assombrado, ele se voltou.

“Cometi um erro”, disse, contrita.

“Você pensa que por não a interromper, eu não a estava ouvindo? Um erro não é nada. Mas o fato de você malhar as notas sem a menor sensibilidade para com seu significado é indesculpável. Sua falta de emoção é imperdoável. Sua...”

“Eu...”

Ele sorriu diante de sua expressão horrorizada. “Eu devia lhe bater.”

Aliviada porque ele não estava furioso, ela respondeu timidamente: “Ouvi dizer que você belisca algumas de suas alunas”.

“E a outras, eu mordo o pescoço.”

Ela estendeu a mão, e recebeu dele um tapa mais duro do que previra. Retirou a mão. Então, quando ele se aproximou do teclado, ela se ergueu, cedendo-lhe o lugar. Ele ia tocar? Ele examinou o teclado — será que ele agora, pela *primeira vez*, tocaria para ela?

Nada disso. Ele bateu as duas mãos no teclado, como uma criança traquinas. E riu com um rugido.

Era como se um demônio reprimido vivesse no seu íntimo, pronto para atacar. Naquelas tardes em que suas lições terminavam mais cedo, Beethoven às vezes a convidava para dar um passeio por Viena, e ela sempre aceitava. Ele caminhava todos os dias, durante pelo menos duas horas e, quando não estavam conversando, ele cantava em surdina para si. Sempre levava um caderno de rascunho e, se uma idéia musical lhe ocorria, ele a anotava imediatamente.

Certo dia eles davam um passeio pelos Jardins Schonbrunn, atrás do palácio Habsburgo. Era um dos locais favoritos de Julia, com grandes terraços e a bela fonte de Netuno, onde ela brincara quando criança, da primeira vez que visitara Viena. Ali, Beethoven voltou-se e lhe disse: “Estou compondo uma nova sinfonia”.

Eles caminhavam em direção a um grupo de duques e duquesas, algumas das quais ela conhecia, e Beethoven dava passadas largas, um pouco depressa demais, e ela sentiu-o apertarlhe o braço.

“Vou causar um escândalo”, disse Beethoven. “Por causa de seu tema.”

“Conte-me!”

“Segure meu braço.”

De súbito eles penetraram no grupo de nobres, forçando-os grosseiramente a dar passagem. Palavras surpresas e insultos lhes foram dirigidos.

“Luigi!”, gritou ela. “Como pode?”

“Eles é que precisam abrir caminho para nós, não nós para eles”, disse Beethoven. “Seus dias terminaram. Seu mundo está acabado. Quando eu era menino, eles mandavam prender alguém por muito menos. Mas agora estão assustados com o que aconteceu na França.” E riu. “Você sabe por que as perucas saíram de moda? Muitas delas acabaram no fundo dos baús!”

“Mas sou uma condessa, Luigi.”

“Eles estão amedrontados... com Napoleão”, disse Beethoven.

Napoleão da França, então primeiro-cônsul, tendo usurpado o Diretório e preservado as conquistas da Revolução Francesa, ameaçava acabar com a ordem feudal, onde quer que ela persistisse na Europa. Ele planejava substituí-la por um sistema de leis e governo republicanos.

“Eis por que pretendo dedicar minha sinfonia a Napoleão Bonaparte.”

De tudo aquilo, Julia talvez tivesse entendido menos da metade. A história, a política, que tanto absorvia Beethoven, significavam pouco para ela; mas o essencial — o essencial segundo sua opinião ocorreu logo a seguir. Numa tarde, Beethoven chegou e, em vez de uma lição, convidou-a para um passeio de carruagem. Sua sinfonia heróica, que ele estivera compondo o dia todo, deixara-o num estado de emoção e estímulo. Ela podia ser uma condessa, podia ser virgem, mas naquela tarde nada disso importava. Ele a fitou por longo tempo, enquanto tomava seu rosto nas mãos. Contemplando bem no fundo de seus olhos, ele de súbito começou a beijá-la. Ela sentiu um repentino impulso de abandono que trouxe toda a relutância, enquanto a áspera pele dele roçava suas faces e lábios, e os lábios dele encontravam os dela em beijos quentes que exigiam mais. Quando ele ergueu seu vestido a carruagem rodando com estrépito durante todo o percurso — ela não resistiu. Colou os lábios nos dele e o abraçou enquanto ele a possuía, não brutalmente mas com grande emoção, e ela gritou repetidas vezes.

# Capítulo 5

## Uma Sonata

As pessoas não achavam fácil contar a Anton Schindler que estavam apaixonadas. Julgavam-no muito formal, de comportamento muito semelhante ao de um mestre-escola, comportamento que estava de fato se tornando mais rígido com o passar dos anos. Ele tinha plena consciência disso, razão pela qual fazia esforços para compensar, para utilizar seus instintos de advogado e não fazer julgamentos precipitados. Não era fácil para ele; mas, para a condessa Gallenburg, que tivera tantos amores, em número idêntico ao das rolas no anoitecer de Viena, essa sua tendência natural de censurar, talvez fizesse pouca diferença. Era o que ele esperava.

Ele disse: "O Mestre estava compondo a *Heróica* na ocasião." E acrescentou, sorrindo: "Irrompendo através de uma falange de duques e duquesas."

“Sim”, disse a condessa. “E estava apaixonado por mim.”

Schindler fez que sim com a cabeça. Ainda então havia vestígios da formosura da condessa quando jovem; bem podia imaginar a louca paixão do jovem Beethoven, se não o amor, por esta mulher. Disse depressa: “Quem, naqueles anos, não ficaria apaixonado pela condessa?”

Era obviamente a coisa errada a dizer. *Naqueles anos*. Que tolo você é, Schindler, pensou. Tão logo as palavras lhe escaparam dos lábios, ele quis desdizê-las.

Ela o observou de modo estranho, como se fosse alguma espécie de ave rara. “Ele queria casar-se comigo.”

“Sim, ele sempre falou de você com palavras elogiosas”, mentiu Schindler. E acrescentou: “Mesmo muito tempo depois.”

“De minha parte, parece que foi ontem”, disse a condessa, os olhos abrandados por uma visão introspectiva.

“Você sempre estava em seus pensamentos, tenho certeza”, disse Schindler, tentando atenuar sua falta de tato anterior.

E, ao ouvir aquilo, a condessa recostou lindamente no divã a cabeça tocada, e riu de um modo zombeteiro e gutural, embora não inamistoso. “Ele estava apaixonado por mim”, disse de novo, num tom que não dava margem à discussão ou dúvida.

E era verdade; Beethoven *estivera* apaixonado por ela. Ele escrevera: *Há momentos de completa bem-aventurança, e esta é a primeira vez que sinto que o casamento poderia tornar-me feliz*. E a verdade era que, conforme Schindler sabia agora, ele enviou uma proposta para o pai de Julia, conde Guicciardi. O fato de Beethoven ter trinta anos e sua pretendida mal ter completado os vinte,



seguramente não tinha maior importância. O fato de ele haver chegado de Bonn com um *van* em seu nome sugeria nobreza e não tornava impossível aquela união — a menos que ocorresse a alguém examiná-lo, pois a linhagem Beethoven da qual Ludwig descendia não era mais nobre que a de um ferreiro comum. Mas era uma união bastante inviável, pois Beethoven não era — o maior pecado de todos — rico. Foi o que, imediatamente, ocorreu ao conde.

Estaria a condessa Julia apaixonada por Beethoven? Estava de fato, e profunda e vivamente. Ao despertar de manhã, seus primeiros pensamentos eram para Beethoven. Ela o encontrava constantemente em seu espírito durante as abluções matinais, o que era, no seu entender, um firme sintoma de amor. Ela gostava de costurar, e passava parte das manhãs fazendo para Beethoven peças de linho e lã. Em suas aulas de desenho, se tinha um momento para fazer esboços livremente, deparava-se invariavelmente esboçando seu cabelo revoltado com o lápis. Depois, à tarde, havia as lições com ele, que podiam despertar emoções intensas e a deixavam exausta à noite quando, durante o jantar, se preocupava com seu amado. Julia estava de fato apaixonada; Beethoven nunca saía de seus pensamentos por mais de alguns instantes no decorrer do dia. O fato de estar, ao mesmo tempo, vendo freqüentemente o conde Gallenburg, em nada reduzia a profundidade de seu grande amor por Beethoven.

Alguns podem julgar divertida a cena seguinte. Foi, de qualquer forma, irônica e até tocante.

“Julia, tenho uma proposta de casamento”, disse seu pai chamando-a ao seu estúdio certo dia. “De um compositor.”

Julia sentiu o coração saltar — sabia que a proposta chegaria, e ainda assim... Poderia o grande Mestre estar de fato propondo-a a ela? Era um sonho — um sonho doce, impossível. Ela sentiu-se desfalecer, zozza de expectativa.

Mas então o mundo foi desabando ao seu redor quando seu pai disse: “O conde Wenzel Robert von Gallenburg pediu sua mão em casamento.”

Ela não conseguia acreditar. *Negava-se* a acreditar.

“Eu mesmo falei com o conde, e suas intenções são nobres.”

Lágrimas molharam seus olhos, mas não de contentamento. Ela gostava do conde Gallenburg, mas isso não correspondia a amor. Nada tinha *a ver* com amor.

Seu pai notou que ela estava chocada e confusa, e disse: “Você não está pensando em Beethoven, não é?”

Ela fez que sim com a cabeça, sem palavras, tentando conter uma torrente de lágrimas.

“Também recebi a proposta dele.”

O coração de Julia teve um sobressalto. Duas propostas de casamento eram bem mais raras que uma — e a segunda significava tudo para ela. Beethoven amava-a *de fato*.

O conde deu profundo suspiro e apontou para a carta um tanto ilegível em sua escrivania. “Julia, o mexerico circula em toda parte.”

“Mas não existe disputa, papai!”, gritou Julia. “Não entre eles dois.” Ela se ergueu num salto e espontaneamente abraçou o velho conde. Constatou naquele momento que se sentia mais feliz do que nunca em sua vida.

“Você ama Beethoven?”

Ela fez que sim vivamente com a cabeça, corando profundamente de alegria e timidez.

Seu pai meneou a cabeça. “Não, minha cara; lamento. Não posso dar meu consentimento. É impossível.”

“Mas papai...”

“Não somos ricos, Julia. Se Beethoven tivesse algum dinheiro... mas ainda assim tal união pareceria totalmente imprópria. O fato é que ele é homem sem posição, fortuna ou compromissos permanentes. E seu caráter e temperamento são tão peculiares que eu duvido que alguém, e com maior certeza você, minha cara, possa encontrar felicidade em sua companhia.”

“Ele é um. gênio”, disse Julia.

“Pode ser. Mas, no último ano, ele não tocou nem publicou uma só nota. Ele é considerado grande virtuose. De fato, ouvi-o e posso garantir que é. Mas já não toca, por mais que suas improvisações fossem maravilhosas, e não é de se esperar que um virtuose produza? Alguns dizem que é por causa de seu napoleonismo. Ele anda muito atarefado com política. Mas outros dizem que existe alguma enfermidade que o impede.”

“Mexericos inverídicos de tagarelas cruéis!”, disse Julia. “As pessoas estão sempre empenhadas em reduzir a grandeza à sua própria pequenez.”

O conde contemplou-a com um misto de afeição e tristeza. Ele amava sua filha impetuosa, tão disposta a seguir os ditames de seu coração, e julgava difícil negar-lhe algo. Mas a última Coisa que pretendia era vê-la sofrer, e estava certo de que Beethoven, como marido, nada lhe daria... exceto amargura. “Ele algum dia tocou para você?”, perguntou.

“Não”, ela teve de admitir. A essa altura já se haviam passado meses de lições e, por mais que ela insistisse com ardor, ele se recusava a tocar para ela, e Julia se indagava por quê. Ainda assim

falou bem dele, dizendo: “O senhor sabe que a inveja e as críticas o perseguem por toda parte.”

“Apenas sei”, disse o conde, “que não é uma união adequada para você.”

Embora Julia não conseguisse mudar a opinião do pai — mesmo com o espetáculo de lágrimas que geralmente abrandava suas convicções —, ela o sabia capaz de identificar um bom negócio. E, para o bem da moeda gasta da aristocracia, havia barganhas a fazer. Se o conde Gallenburg, por sua riqueza e linhagem apreciável, podia ser um bom partido, apesar de ser músico medíocre, por que não Ludwig van Beethoven, músico em cuja porta os editores de música batiam de manhã à noite? Um homem amado por imperadores e reis, que tinha acesso às cortes de toda a Europa? Também, como destacou em sua apaixonada defesa de Beethoven, podia ser que o *van* de seu nome pertencesse à nobreza da Holanda. Afinal, Julia e o conde fecharam um acordo.

“Prove-me que seu Beethoven ainda é capaz de tocar, que lhe darei meu consentimento, e você poderá casar-se com quem quiser.”

O conde Guicciardi sentia-se num estado de conflito. De um lado, estava certo de que Beethoven seria um marido totalmente impróprio para sua filha — um homem mais velho, de maneiras estranhas e formação inadequada, com certeza. E, pior que tudo, o homem era pobre. Mas, ao mesmo tempo, o conde tinha sério interesse por música e se emocionava com a proximidade daquele gênio inegável. A aposta com sua filha ocorreu pouco antes da chegada, à sua casa, de um dos novos pianos fabricados por John Broadwood, na Inglaterra; o conde fora encorajado pelo próprio Beethoven a comprá-lo. E a questão fundamental para o conde era: iria o Mestre — *conseguiria* o Mestre — tocar? O conde dava a mão de sua filha na aposta de que ele não conseguiria. E foi assim que Julia escreveu a Beethoven:

Amado Luigi:

Meu pai recebeu recentemente um novo pianoforte, da John Broadwood & Co., em Londres. Ele produz cinco oitavas, e pensamos que é o primeiro de seu gênero em Viena. Se for de seu agrado testá-lo você mesmo, será naturalmente bem-vindo. O afinador virá amanhã e, no domingo, não terei condições de ter minha aula, pois vamos para o interior. Mas, se você quisesse vir à tarde, entre uma e seis, ficaria totalmente só, e eu ficaria satisfeita por você mesmo estrear este fino instrumento e me transmitir suas impressões sinceras sobre ele.

Quando Beethoven chegou — não estava disposto a deixar que tal oportunidade se perdesse —, a casa estava de fato vazia, e ele encontrou o novo piano ocupando soberbo a sala de música. Abriu a tampa e examinou-o atentamente, satisfeito com a estrutura de ferro e tampa de ressonância feita de abeto vermelho. Sentou-se e ficou satisfeito com a sonoridade e a capacidade de repetição das teclas, martelando várias, dezenas de vezes.

Julia soube de tudo isso, não porque Beethoven contou-lhe depois, mas porque estava lá, como testemunha. Ela e seu pai observavam de um vestíbulo oculto na sala de música. Não haviam ido para o interior; aquilo fora mero pretexto. Ao contrário, permaneceram dividindo entre si um só orifício de observação.

“Não acho que ele vá tocar”, sussurrou o pai, depois que vários minutos haviam-se passado. “Eu lhe disse.”

“Ele está apenas examinando-o, papai. Espere.”

“Não acredito que ele vá tocá-lo nem um pouco.”

Julia colocou o olho no orifício. Beethoven estava agora sentado ao piano, encarando-o. Após o que pareceu um longo tempo, ele pousou energicamente as mãos no teclado e criou um agudo acorde em dó com uma falha. O acorde era feio e ressoou desagradável

pela sala. Repetiu o acorde, com o mesmo resultado. Era perturbador.

“Julia...”

Ela empurrou de seu ombro a mão do pai, enquanto observava. Beethoven pendeu a cabeça para frente e pousou o ouvido direito na tampa de ressonância. Tentou o acorde novamente — com êxito desta vez — e o sustentou com o pedal.

“Pelo menos ele consegue tocar um acorde”, disse o pai., “Aquilo é um acorde”.

Ludwig começou a tocar arpejos em dó menor suspenso. Tornaram-se sons confusos, e ele tocava com muita tranquilidade. Ela se afastou, incapaz de observar, cada vez mais decepcionada. Evitou o olhar fixo do pai.

“Eu lhe falei”, disse ele. “Alguma coisa está errada. Alguma coisa vai muito, muito mal.”

Mas, tão logo parou de observar, os ruídos corriqueiros que ela estivera ouvindo transformaram-se em algo distinto. Um adágio lento — não plangente, embora lúgubre — chegou aos seus ouvidos. Após alguns compassos, o adágio emitiu um lampejo de ardor por todo seu corpo. O que ele executava, com a cabeça pendida a dois centímetros das teclas, parecia uma sonata, e ela foi com que transfixada no ato. Voltou-se lentamente para o pai, igualmente mudo e pasmo. Ela nunca ouvira algo de tamanha beleza. A música inundou seu íntimo, inundou-a com um calor dolorido, ainda mais porque nenhum tema se repetia, era apenas o desenredar quase barroco de algo distinto de tudo o que ela ouvira antes.

“Meu Deus”, exclamou o conde. “Beethoven!” Ele meneou a cabeça, maravilhado. “A música é sublime!”

Julia deixou o vestíbulo e entrou. A atração da música era liberadora, e não suportava ocultar-se dela e de seu compositor, o homem que ela amava. A música causou-lhe profundo tumulto, algo com que não estava habituada. Quando avançou para a sala de música e calmamente abriu a porta, teve a sensação de estar dentro do espaço dele, de seu espaço musical, delimitado pela música que vinha não apenas de suas mãos mas de sua alma. Ele estava mergulhado em profundo devaneio, os olhos cerrados. Havia nele algo de infantil, algo que reduzia a idade de seu rosto, enquanto se concentrava nas tonalidades que produzia; e talvez por isso ela se permitiu uma grande estupidez.

Gritou alto, frivolamente: "Luigi..."

A princípio ele não a ouviu e continuou a tocar. Mesmo então, diante de uma segunda oportunidade de se retratar, ela não percebeu como era irreverente intrometer-se, talvez romper, seu êxtase. Tão enlevado estava naquele instante, e em tão profunda comunhão com sua própria música, que a intromissão não era algo que ele precisasse ou quisesse. Certamente não naquele momento. Não obstante, ela estendeu suavemente as mãos para passar os dedos pelos cachos de seu cabelo, do modo como fizera tantas vezes antes — com seriedade e, ainda assim, brincalhona.

O piano mergulhou em silêncio. Beethoven saltou como que escaldado, chutando violentamente o tamborete do piano para trás. A súbita força de seu ódio atingiu-a quase como um golpe físico.

"O que significa isto?"

"Luigi...!"

"Você me pregou uma peça!" Por cima de seu ombro, olhou de relance o conde Guicciardi, de pé e hesitante no vão de entrada.

"Ninguém devia estar aqui. *Ninguém!*"

“Mas ele queria ouvir você tocar, Luigi”, disse com voz trêmula. “Não pretendíamos fazer nenhum mal. Só queríamos ouvi-lo tocar. E você estava tocando tão, tão lindamente...” Ela começou a chorar, o que apenas o enfureceu ainda mais.

“Fui ludibriado! Tratado como um... cão amestrado! Como um objeto que pertencesse a vocês. Mas não pertencço a ninguém, vocês não entendem isso. *A ninguém!*” O conde Guicciardi avançou com ímpeto, ao mesmo tempo confuso e no entanto aliviado — constatou que todos os receios que ele tivera do casamento de sua filha com esse louco estavam encerrados. Agarrou Julia pelos ombros para confortá-la enquanto, ao mesmo tempo, admoestava: “Herr Beethoven! Peço-lhe que se acalme! Você está entre amigos!”

“Ah! Agora percebo. Amigos!” Ele cuspiu as palavras.

“Não pretendemos fazer-lhe nenhum mal. A música... era...”

“Não para vocês ouvirem.” Beethoven fechou com estrépito a tampa do piano. “Percebo perfeitamente. Está tudo tão claro, não é? Um teste de minha capacidade. Uma exibição para os cétricos. Espiando o criado do teclado, através do orifício.” Lançou-lhes um olhar penetrante. “Quem sou eu? Sou eu Beethoven, compositor?” Julia juntou as mãos, suplicante. “Por favor, Luigi, não posso suportar...”

“Sou eu Beethoven, virtuose?”

Ela queria advogar a causa dele, romper seu sarcasmo paralisante; sua boca estava aberta, mas as palavras não saíam. Estava chocada de medo e perplexidade.

“Ou Beethoven, o misantropo! O louco!. O excêntrico!”

Ele não esperou resposta. Saiu furiosamente da sala de música e desceu a grande escadaria, com Julia no seu encalço.



Ele se voltou uma vez e lhe disse com fúria incontida: “O que você fez é terrível. Você me despojou de meus mais caros sentimentos. Juro por tudo o que considero sagrado que você nunca mais me verá novamente.”

Ele fugiu da casa, e ela correu atrás dele. Gritou: “Papai pode ir para o inferno! Realmente, Luigi, falo sério. Eu o amo! Juro que serei sua esposa! Por favor, Luigi, ouça-me. Não me deixe agora. Juro por tudo o que é sagrado... Eu o amo... Por favor, não me deixe. *Por favor...*” Mas ele não se voltou uma só vez. E então seu pai chegou, reconfortando-a, e ela ouviu-o dizer: “Não adianta, Julia. Ele não consegue ouvi-la. Está tudo tão claro agora. A cabeça pousada nas teclas enquanto ele tocava. Você não percebe? O pobre homem está surdo, ou quase.”

Daí a um mês, a bela condessa Guicciardi — a “Encantadora”, como era conhecida nas altas rodas — casou-se com o jovem e elegante conde Gallenburg. Foi um belo casamento, segundo a melhor tradição vienense e, como casamento, um desastre completo que a levou ao fastio e aos inúmeros amantes. Se a condessa era incapaz de ter sentimentos tão profundos quanto os de Beethoven, tinha-os com profundeza bem maior que os do jovem aristocrata superficial que se contentava em passar o resto da vida como pacato diretor musical. Que o conde Gallenburg era um tolo ignorante, foi algo que o próprio Schindler pôde comprovar; ele havia trocado algumas palavras ásperas com o compositor — na verdade, a respeito do mérito de Beethoven.

Agora, passado mais de um quarto de século, a luz e a sombra do fim de tarde brincavam sobre o formidável piano nos salões da condessa Gallenburg, Guicciardi quando solteira. A condessa estava cansada, e o pesar e a tristeza se revelavam em seus olhos. Foi um gesto de coragem da parte dela, pensou Schindler, haver-lhe contado tanto sem tentar o disfarce ou a autopreservação. Ele se

inquietava agora, constrangido por trazer à baila casos amorosos do passado. Perguntou: "Então você nunca mais recebeu notícias dele novamente?"

"Ele me escreveu anos depois", disse a condessa. "Durante o cerco da cidade e a invasão de Napoleão, passamos por momentos desagradáveis, o conde e eu. Beethoven escreveu-me."

"Mas seu caso de amor com Ludwig, quando encerrado, nunca mais se reacendeu?"

A condessa não respondeu.

Ele a contemplou amavelmente. "Você me contaria... se tivesse recommençado?" Ela sorriu, num desfalecimento, contemplando-o; ele desviou o olhar.

"Se tivesse?", disse ela.

"Você poderia me contar, por exemplo, se marcou um encontro com Beethoven em Karlsbad, em 1806? Se deu certo ou não? Você me contaria isso, condessa Gallenburg?"

Ele percebeu que pisava em terreno perigoso ao indagar dos princípios morais de uma senhora casada e com quatro filhos que, embora sem a melhor reputação de fidelidade, era católica devota. Mas era vienense, e deve ter entendido. A condessa sorriu, ergueu-se e foi até uma pequena cômoda. Destrancando uma gaveta, retirou a partitura.

"Ele me enviou isto", disse.

Era uma cópia legível da partitura da sonata em dó menor sustentado que Beethoven executara naquele dia em que tudo dera errado entre eles. A *Sonata ao Luar*, conforme o crítico Hoffman a descrevera e intitulara.

*Sonata quasi una fantasia*, disse a condessa. “Dedicada à condessa Julia Guicciardi. Fiquei muito comovida. Mas os editores nunca a publicaram desta forma.” Schindler pegou o manuscrito e examinou-o. Ergueu os olhos para a condessa e disse: “Prometo-lhe que a próxima edição trará a dedicatória.”

Ele partiu logo depois, ao lusco-fusco, e só ao se instalar na carruagem perguntou-se: a condessa Gallenburg foi a Amada Imortal? Pode ter sido ela? Estava certo de conhecer a resposta, mas disse a si mesmo que era muito cedo para ter certeza absoluta. Precisava prosseguir sua busca.

A condessa lembrara a Schindler algo importante sobre Beethoven; estava contido no testamento que o irmão Johann tentava fazer crer que não era testamento. Pois, embora a audição do Mestre ainda funcionasse naquele tempo, mesmo que precariamente, já começava a falhar e a isolá-lo dos outros. *Os que me julgam hostil, obstinado ou misantropo, quão injustos são comigo*, escrevera Beethoven. *Pois não sabem por que motivo secreto assim pareço.*

Com efeito, Schindler ainda podia ver Beethoven —um Beethoven muito mais velho — caminhando por Viena, cabeça pendida, mãos atrás das costas, tão concentrado nos pensamentos e tão absorto — *e surdo. Não me é possível dizer: falem mais alto, gritem, estou surdo! Como posso viver se meus inimigos, que são muitos, crêem que não mais possuo o único sentido que em mim seria perfeito em mais alto grau do que nos outros?*

E assim, naquela tarde, ficou claro para Anton Schindler — e ele agradeceu em silêncio à condessa quando ela se dignou deixar que ele beijasse sua mão — que Ludwig van Beethoven não era um simples deus entre os homens. Não era simplesmente o maior compositor que já andara pela Terra. Não: ele era, pelo simples fato

de ser surdo, homem muito mais vulnerável do que a maioria — e ainda assim fadado, ao que parece, a perder aquilo que amava. A mulher que amava. A Amada Imortal.

# Capítulo 6

## Três Irmãos Beethoven

Se a condessa Guicciardi fosse a Amada Imortal, seria uma peça e tanto — encaixar-se-ia perfeitamente no dura-douro fascínio de Beethoven por mulheres aristocráticas e de nobre origem. Nobres e inacessíveis, mas também mulheres com tempo livre e meios para estudar piano e adquirir o gosto e a delicadeza de expressão que despertariam os sentimentos que Beethoven chamava amor.

Schindler conhecia uns poucos nomes das mulheres de Beethoven, aristocráticas e de berço nobre — Julie von Vering (“com todas as virtudes da feminilidade, os mais nobres sentimentos pela natureza e pela arte”, conforme estava escrito em sua lápide, pois morreria em 1809), que finalmente se casou com um dos bons amigos de Beethoven; Bettina Brentano, amiga de Goethe e esposa do poeta Von Arnim; a bela Antonie Brentano, cunhada de Bettina, esposa infeliz e seguramente leal amiga de Beethoven; isto sem falar

das irmãs Von Brunswick, ou da baronesa Ertmann ou da princesa Odescalchi.

Com efeito, Anton Schindler, e talvez o mundo todo, ficaria feliz se descobrisse que a Amada Imortal era mulher de berço nobre. Mas a atração que Beethoven sentia por mulheres não se limitava de modo algum às de nobre origem. Esta era uma verdade que Schindler já sabia, mas lhe chegou com toda força há poucos dias, quando mais uma vez ficou frente a frente com o irmão Johann e com Karl Holz.

Anton foi na carruagem postal até a desagradável aldeia de mineiros, Iglau, para ver Karl, sobrinho de Beethoven, que vários meses antes (após sua fracassada tentativa de suicídio) fora recrutado como cadete do regimento do marechal-de-campo Von Stutterheim. Schindler pretendia fazer uma visita de cortesia, nada mais; importante porque Karl, embora partisse às pressas para Viena, não chegara a tempo para os funerais de seu tio famoso. Mas, quando Schindler chegou ao quartel do regimento, foi mantido a distância. A sentinela mandou-o aguardar no portão diante do quartel e impediu que entrasse. Chovia sem cessar enquanto ele aguardava, temendo pegar pneumonia. Ao fim de duas horas, não foi Karl, mas o ajudante de Stutterheim, que saiu para recebê-lo. O oficial era, com toda a evidência, prussiano, dificilmente um civil, e com voz alta e severa disse oficiosamente: "Sua solicitação para visitar o oficial cadete Karl van Beethoven foi rejeitada." Schindler ficou furioso. "Isto é absurdo! Tenho assunto urgente a respeito do espólio de seu tio. Você naturalmente não pode impedir que eu..."

"Tenho instruções para fazer com que o senhor seja escoltado em segurança para fora das dependências."

"De quem partiu essa decisão? Exijo ver o jovem."

O ajudante sorriu com azedume. "Você será escoltado sob a mira das armas se necessário."

No campo de exercícios, uma tropa de lanceiros se adestrava, e Schindler notou Karl entre eles. Na verdade, identificou o par de botas que ele próprio empacotara, despachando-o havia apenas três meses; e gritou para o jovem, o que atraiu o olhar inexpressivo e frio de Karl. E um gesto ameaçador do ajudante, que gritou: “Vá embora, Herr Schindler!”

Ele afastou-se, amargurado. Viera por civilidade, não por amor, e essa rejeição reacendeu sua ira. Fora Beethoven quem amara o sobrinho\*, não ele; com efeito, Schindler se sentira muitas vezes presa de uma espécie de raiva invulgar contra Karl (que, deve-se dizer, já completara 21 anos) e muitas vezes enumerara em sua mente as ofensas do rapaz ao Mestre. Schindler sufocara esses sentimentos hostis para ir a Iglau, e o que obtivera em troca de seus esforços? Uma bela recepção prussiana — um pontapé no traseiro.

Tudo isso ele poderia tolerar. Mas, quando tomava sua carruagem para o percurso de volta a Viena — molhado e lacerado por agudas pontadas de dores lombares diante da perspectiva de uma jornada massacrante, em resumo, completamente perturbado —, viu uma carruagem de aluguel aproximar-se. Parou a seu lado. No interior, levava nada mais, nada menos que Karl Holz e Johann Beethoven. O esbelto Holz escancarou a portinhola, saltou para fora e abriu-se num sorriso.

“Herr Schindler”, disse. “Conte-me: você ainda não encontrou a Amada Imortal?”

Schindler não retribuiu o sorriso. “Você encontrou?”, disse.

Johann também apeou, e disse com arrogante tom de triunfo: “Eles não o deixaram ver Karl, não é?”

Holz meneou a cabeça para o velho boticário. “Eu diria que sua viagem foi desnecessária, Herr Beethoven.” Schindler sentiu-se perseguido; por que devia passar por todos esses transtornos quando o mundo inteiro parecia estar contra si? Estava disposto a

desistir de tudo aquilo, da busca à Amada Imortal, e era apenas sua fidelidade à memória do Mestre que o impedia. Uma sensação de intolerável frustração e indignação percorreu-lhe o corpo. “Por que você impediu que eu falasse com Karl?”

“Não fizemos nada disso”, disse Johann com sarcasmo intenso. “Embora, verdade seja dita, fôssemos tentar. Esperávamos fortalecer sua decisão. Conforme você pode perceber, chegamos muito tarde, mas não importa. Karl tomou uma sábia decisão, e a tomou por iniciativa própria. E sei por quê — ele não pretende voltar a falar nunca mais do tio, de meu irmão. E não quer nada que pertença a ele. Não é de surpreender, dadas as circunstâncias, diria eu. Você não concorda, Herr Schindler?”

Schindler encarou-o fixamente, dominando a raiva. Naquele instante, ele odiava todos os Beethoven, sem reservas. Todos os que haviam nascido, os que estavam mortos e os que ainda estavam vivos. Deviam ter continuado como plantadores de beterraba em Antuérpia, e ao diabo com eles. Voltou-se sobre os calcanhares e tomou de novo sua carruagem. Ouvia Holz e Johann atrás de si.

“Aonde você vai? Não tão depressa!”, gritou Johann. Exibiu e desdobrou uma carta. “Leia isto, por que não? Uma missiva do grande compositor. Encontrada entre as cartas de um bom boticário de Linz.”

“Não sei se havia um bom boticário em Linz”, pilheriou Holz.

“Leia isto”, repetiu Johann, empurrando a carta para Schindler. Era uma carta de Beethoven para Johann e, quando decifrou as garatujas, Schindler sentiu erguer-se contra ele, com toda a violência, a onda de injustiça e humilhação pela qual passara tantas vezes quando o Mestre ainda vivia. Seus olhos percorreram o texto, até que viu a passagem que queriam que lesse:

Caro Irmão — evito o mais que posso aquele sujeito mesquinho e desprezível, Schindler... No entanto, ele é às vezes útil, embora



nunca deixe de me aborrecer com sua ignorância.

Johann arrebatou a carta de volta. Riu. "Ainda procurando a mulher — conforme os franceses dizem? *Cherchez la femme.*"

"Penso", disse Holtz, "que a idiotice de Herr Schindler levou a melhor sobre ele."

"Sua idiotice", falou Johann, "está fazendo-o cair na própria cilada. Após a morte de meu irmão, exatamente como antes."

"Esta carta", respondeu Schindler "deve cair muito bem na cabeça de um homem cujo irmão não suportava pronunciar seu nome." Preparou-se para tomar de novo a carruagem e relanceou um olhar para trás. "Adeus, pseudo-irmão."

Holz, segurando Johann para que não agredisse Schindler, disse: "Agora vamos embora. Não se importe com o pobre homem patético."

"Não", disse Johann enraivecido. Colheu Schindler pelos ombros, fazendo-o voltar-se, derrubou seu *pince-nez* e olhou-o bem de perto. "Deixe-me contar-lhe algo, Schindler."

"Se você se nega a me ajudar", disse Schindler, "não tenho nada mais a dizer e não preciso ouvir mais nada de você.",

"Posso ajudá-lo muito bem", respondeu Johann com irritação. "Posso contar-lhe mais uma coisa, Herr Amada Imortal. Você não encontrará nenhuma dama no fim de sua busca. Meu irmão *odiava* mulheres. Odiava a visão e o aroma delas. Não se iluda. Isto é tudo o que você precisa saber."

Eram palavras muito grosseiras e estúpidas, pensou Schindler, e no entanto ele reconhecia, embora não com plena consciência, que com seu jeito imbecil Johann tentava dizer-lhe algo — talvez importante e não apenas resultante da estupidez do mau humor.

Num tom subitamente razoável e quase dócil, Schindler disse: "Diga-me por que você falou isso."

"O quê? O que você quer dizer?" Johann recuou um passo, repentinamente confuso, surpreendido pela pergunta de Schindler.

"Explique-me por que falou aquilo."

Johann contemplou-o com olhar de surpresa. "Quer dizer, sobre mulheres?"

"Se puder me fazer o favor", disse Schindler.

"Vamos embora", disse Holz, tomando Johann pelo braço.

"Não seja imbecil", disse Schindler. "Aí está minha carruagem. Mande a sua embora."

"Viemos de carruagem", disse Holz.

"Exatamente", disse Schindler. Voltou-se para Johann e disse: "Vamos para o centro da cidade. Até este tolo, Holz, pode vir também. Voltaremos a Viena na mesma carruagem esta noite. Enquanto isso, podemos parar numa cervejaria e você pode me contar o que está querendo dizer de seu irmão e mulheres."

As relações entre Beethoven e seus irmãos eram um mistério para toda Viena. Não era de surpreender que um grande compositor pudesse ter como fardo parentes desprezíveis e fracassados; o surpreendente é que continuasse ligado a eles e, às vezes, até descesse ao seu grau de baixa. Mas suas causas tinham origem numa época bem anterior, em Bonn; e, embora o Mestre raramente discutisse a primeira década de sua vida, Schindler conhecia os fatos essenciais. Havia três deles — Beethoven era o mais velho, depois Caspar e Johann, o caçula. A mãe, Maria Magdalene, morreu em

1789, quando Ludwig tinha dezessete anos. O pai, professor de música e tenor da corte no Elector, em Bonn, conciliava as gentis características de um cidadão jovial com o temperamento explosivo de um bêbedo. Raramente sóbrio ao tornar-se adulto, pronto para mudar de humor à menor provocação, a convivência com ele era impossível, e logo tornou-se a vergonha da família.

Mas Johann van Beethoven depositava grandes esperanças em seu primogênito, cujos dons se evidenciaram aos quatro anos de idade. Esperava fazer dele um prodígio e, tão logo os dedos do menino conseguiram executar notas no teclado, submeteu-o a exercícios implacáveis. À noite, chegando em casa bêbedo e com os amigos, despertava o pequeno Ludwig e o obrigava a tocar até o alvorecer. Se Ludwig tocava mal, ele o trancava no porão. Johann van Beethoven exibia o filho para ouvintes pagantes e, finalmente, em Colônia, tentou apresentar Ludwig como um novo Mozart. O que redundou em desastre, talvez porque Beethoven pai reprimia todas as tentativas de improvisação da criança.

“Nosso pai morreu em 1792, logo depois que Ludwig partiu de Bonn”; Johann contou a Schindler. “Acompanhamos nosso irmão até Viena, Caspar e eu. Primeiro Caspar, depois eu o segui alguns anos mais tarde, após concluir meu curso de farmácia. Ludwig era o encarregado de nosso patrimônio, sendo portanto melhor ficar na sua companhia. E ele nos queria.” Após uma hesitação, Johann acrescentou: “Ainda éramos irmãos de verdade naquele tempo.”

Em Viena, Caspar, que sabia tocar piano, ensinou música a alunos que seu irmão Ludwig lhe encaminhava. Tipo raquítico, atarracado e de cabelos ruivos, Caspar não possuía o gênio inato de Beethoven nem as boas maneiras, sentimento e gosto que Ludwig adquirira. Não foi de surpreender que ele se cansasse de dar lições; logo começou a trabalhar como funcionário subalterno do banco estadual, o que lhe dava tempo de ajudar Ludwig, incapaz de

multiplicar ou sequer fazer as somas mais simples. Em suas tarefas de secretário e administrador dos negócios, sobrava-lhe espaço considerável para aproveitar-se do crescente prestígio de Beethoven. Houve ocasiões em que Caspar vendeu e revendeu obras do irmão famoso, ficando com uma parcela bastante polpuda das vendas. Caspar não era lerdo quando se tratava de tirar vantagem financeira, embora sua natureza rude e sua hipocrisia de santarrão afastassem as pessoas corteses e refinadas do ramo musical.

“Mas esse era Caspar”, Schindler disse a Johann, encorajando-o a falar. “*Você* era honesto.”

“Isso é exagerar”, disse Holz, rindo.

Os três estavam sentados — eles próprios parecendo irmãos, pensou Schindler perversamente — numa cervejaria modesta e escura em Iglau, esperando a carruagem voltar a Viena.

“Caspar tinha seus motivos”, disse Johann, meneando a cabeça. Johann sugou a espuma de um caneco de cerveja. “Preciso-lhe contar francamente, ou já está claro para você agora? Ludwig nos tratava de modo egoísta. Não no princípio, mas depois.”

“Não vejo razão para profanar a memória do Mestre”, disse Schindler na defensiva. “Isso não servirá de nada.” Johann era sempre assim — sempre injuriando o Mestre. “Muitas vezes os irmãos se comportam mal uns com os outros.”

Todos os três, em última análise, agiam de modo inconveniente. Discutiam e brigavam muitas vezes, e às suas altercações se seguiam promessas de amor e torrentes de beijos e abraços. Os extremos de afeto e hostilidade efusivos estavam sempre presentes nos meninos Beethoven, emocionalmente instáveis.

“Mas tudo o que digo é verdade”, insistiu Johann. “Você sabe como ele tratava o sobrinho, e certamente sabe como ele podia maltratar os mais íntimos, até pessoas como você.”

“Em alguns casos, eu diria que o tratamento era merecido”, disse Holz.

“Muito bem”, admitiu Schindler, ignorando Holz, “todos sabemos isso muito bem de Beethoven. E agora você diz...”

“Digo que não havia nada mais horrível”, disse Johann, inclinando-se e falando num sussurro confidencial, “do que o jeito como ele tratava Caspar e eu quando o negócio eram *mulheres*.”

O incidente que Johann contou remontava cerca de vinte anos, a uma época que despertava especial interesse em Schindler na ocasião. “Foi por volta de 1805 ou 1806”, meditou Johann. Todos os três irmãos passavam o verão em Baden, o próspero distrito eleitoral recém-criado, com suas antigas fontes de águas minerais — e, conforme Schindler de imediato calculou em sua mente, pouco depois do rompimento de Ludwig com a condessa Julia Guicciardi. Em algum momento daquele verão, Caspar se apaixonou por uma jovem da cidade.

“Não foi apenas luxúria”, disse Johann, “ou talvez fosse, mas Caspar ficou caído por ela, isso é certo. E Ludwig talvez estivesse tratando os ferimentos infligidos por essa ou aquela jovem condessa, mas posso lhe afirmar que ele não estava dominado por sentimentos melancólicos.”

Certa tarde, após uma reunião numa cervejaria, Caspar levou Ludwig e Johann para conhecer sua nova paixão, por quem delirava — embora ambos ainda mal se conhecessem. Ludwig relutou em ir, Caspar insistiu. Eles seguiram cambaleantes pelas ruas tortuosas do velho bairro comercial da cidade, meio bêbedos e, ver aos três, como soldados rebeldes em busca de um bordel, fazia os circunstantes apontarem para eles e darem risotas. Seguiram

saudando cabras, chutando galinhas, abraçando mourões. Caspar, que ia na dianteira, fez calar seus irmãos ruidosos quando eles passaram por uma viela até a tapeçaria.

“Irmãos”, disse-lhes com largo riso de bêbedo, “deixem-me mostrar-lhes a mais bela criatura do Império.”

No pátio, quando perscrutavam através do ripado, tentando olhar por cima do portão, surgiu uma jovem. Trajando modesto vestido de trabalho, os cabelos cobertos, ela carregava pesado rolo de tecido, de modo estranhamente masculino embora possuísse, mesmo à avaliação mais superficial, busto atraente e quadris bem largos. Com efeito, Beethoven se apressou em destacar para Caspar, o *belo* busto e o *excelente* jogo de quadris. Ela depositou o tecido, mediu e cortou o pano com perícia e até graça. Era encantadora; Caspar não enganara os irmãos.

“Era agradável de se olhar”, contou Johann para Schindler, sentado recurvo, segurando seu caneco de cerveja, ouvindo atentamente. “Qualquer homem poderia ter caído por ela.”

“Sim, sim, prossiga”, disse Schindler. Era-lhe doloroso ouvir falar do Mestre de modo tão aviltante.

Johann prosseguiu: “Johanna, erguendo os olhos de seu trabalho”, disse, falando lentamente enquanto a lembrança se desenrolava em seu espírito, “relanceou o olhar pelos três irmãos que a observavam. Ela sorriu e empinou a cabeça, não com modéstia mas com plena certeza de seus próprios encantos físicos, e continuou o trabalho, sabendo que era observada, divertindo-se com eles, ao enviar mensagens sutis e sugestivas com seu corpo.

“Criatura maravilhosa”, murmurou Ludwig com um sorriso sonhador.

Caspar sussurrou no ouvido direito de Ludwig, o que ouvia bem: "*Ela vai ser minha!*"

Ludwig não desviou o olhar. Algo sombrio e perturbador, de repente, se avultou no seu íntimo. E disse: "Você me abandonaria por aquilo?"

"De bom grado", riu Caspar.

Beethoven contemplou a mulher por longo tempo. Então despejou, num guincho de desprezo: "Ela pode ser *comprada*. Olhe para ela! Olhe para a mensagem que ela está transmitindo! Esse tipo de fêmea pode ser comprada."

Os bons sentimentos que haviam existido entre os irmãos a tarde toda enquanto bebiam, e que haviam culminado com essa expedição, esvaíram-se num instante. Caspar disse friamente: "Ludwig, deixe-me dizer-lhe que você está insultando a mulher que amo. Johanna Reiss é seu nome, e ela é filha do respeitado Reiss, o tapeceiro. O estabelecimento será dela. Vai ser a herança do pai. Você não sabe nada dela. O que está dizendo?"

"Sei o que está se passando", disse Ludwig. "Observe-a, irmão. Observe-a atentamente. Você pensa que ela está absorta no trabalho. Nada disso. Ela está tentando enfeitiçá-lo. A princípio será tudo sedução, e depois — *zás!* A armadilha se fecha. Sempre existe um preço a pagar. Eu nunca o abandonaria por uma dessas criaturas."

"Você é ciumento", disse Caspar. "Você *sempre* tem ciúmes de todo mundo."

"Bobagem. Estou lhe dizendo que ela é uma mulher que eu poderia ter *quando* e *onde* quisesse. Mas não tenho tempo para tais coisas."

"Você só tem tempo para condessas."

“Não para prostitutas”, disse Beethoven.

“Condessas”, prosseguiu Caspar seu raciocínio, “que o tratam como a um brinquedo.”

“Estou lhe falando”, disse Beethoven, “que aquela moça é uma prostituta. Ela o fará desgraçado.”

Eles pararam por aí, ruminando entre si a animosidade volátil. Por mais furiosos que estivessem, ainda não haviam chegado ao ponto em que socos voariam, conforme ocorrera tantas vezes no passado. Também Johann sentiu raiva e mágoa do comportamento de Ludwig e, silenciosamente, ficou do lado de seu irmão Caspar.

“Caspar e eu nos desforramos”, disse Johann curvando-se para Schindler, com um arreganho de riso ao se lembrar.

De fato, os irmãos Beethoven mais jovens planejaram sua vingança cuidadosamente, usando Johanna como instrumento. Em Baden, onde eles dividiam acomodações no dispendioso balneário de verão, Ludwig ia compor de manhã numa taberna, espalhando pela mesa lápis, partituras e cadernos de esboços.

Johanna foi ali encontrar-se com ele. Foi só. Trajava-se como a mulher que ele imaginara ao vê-la na véspera — como uma prostituta. Ela sentou-se à sua mesa sem ser convidada e pediu uma cerveja. Encarou-o com ousadia — lábios mornos e tentadores —, e se curvou em sua direção, procurando os olhos dele com os seus, até o copo ser colocado à sua frente. Ela o tomou de um só fôlego, fixando o olhar em Beethoven o tempo todo. Ele depôs a pena.

“Caspar me contou”, disse Johanna com o mais terno dos sorrisos, “que você é azedo como um bode.”



Ludwig escutava pouco mais que ruídos, mas tentou ocultar sua surdez, como fazia tantas vezes na época; meneou a cabeça e sorriu, fazendo esforço para ser cortês.

“Ele diz que você é famoso, mas nunca ouvi você tocar. Caspar diz que isso não é surpresa, pois sua música é muito sublime para nós, gente comum. Na verdade, ele me contou que a maioria das pessoas não consegue suportá-la e muitos dizem que não passa de um barulho terrível.”

Johanna segurou o caneco vazio de cerveja entre os seios, sedutora.

“Caspar disse”, prosseguiu Johanna jovialmente, “que você trata todo mundo como o pequeno tirano trata seus súditos, e que você precisa humilhar os outros.”

Dito isso, Johanna contornou o banco e se afastou. Lançou-lhe por cima do ombro um olhar convidativo e saiu pela porta dos fundos, para o jardim vazio da taberna. Ludwig permaneceu colado em seu assento, contemplando-a se afastar, chocado. Seu olhar por cima do ombro, seu sorriso, o meneio de sua cabeça eram toda a motivação de que ele precisava. Resmungando consigo mesmo, correu em seu encalço, escancarando a porta. Johanna estava recostada contra o muro coberto de hera.

“Existe algo que possa fazer por você?”, perguntou, com fingida inocência.

Ele se aproximou e segurou-a rudemente pela cintura.

“Não tão depressa”, disse: ela, esquivando-se.

Ludwig percebeu imediatamente o que ela pretendia: mergulhou a mão no bolso e retirou a carteira.

“Quarenta florins”, disse ele. “De ouro.”

Um sorriso perpassou lentamente os lábios de Johanna e ela estendeu, a mão devagar. Ludwig abriu a carteira e deixou as moedas caírem na palma de sua mão. Então arrastou-a para si abruptamente e a beijou na boca.

“E foi então que Caspar e eu nos desforramos de Beethoven”, disse Johann para Schindler, “de toda a sua mesquinharia, e fanfarrice. Bem no momento em que ele pensava estar comprando os favores dela, Caspar e eu chegamos furtivamente, percebe?”

Foi uma grande peça em seu irmão mais velho, e o único irmão Beethoven ainda vivo arreganhou um sorriso ao se lembrar. Seu rosto ficou rubro, e ele aproximou-se de Shindler, pousou a mão em seu ombro com um forte aperto, conforme Caspar fizera naquele dia com Ludwig.

“Meu Deus!?, gritou Caspar, fingindo raiva. “Irmão! O que está acontecendo aqui? O que você está fazendo?” Brandiu um punho no rosto do irmão, e Johann, a seu lado, tentou controlar o riso.

Ludwig percebeu na hora a armadilha que haviam preparado para ele e inventou no ato uma mentira nada convincente. “Percebe?”, disse, virando-se e apontando para Johanna. “Agora você tem a prova, Caspar. Eu lhe falei, qual era a verdadeira profissão dela. Salvei-o disso — *desta* prostituta!”

Johanna deu-lhe forte tapa no rosto. “Ninguém me chama disso!”, gritou.

E, embora Caspar soltasse um áspero riso, desfrutando da peça que pregara no irmão, de repente se enfureceu quando Ludwig retribuiu o gesto de Johanna, dando-lhe um forte tapa bem no rosto. Caspar avançou num salto, fez o irmão voltar-se num repêlo e o golpeou em cheio no rosto. Golpeou-o de novo, fez seu nariz sangrar e o atirou ao chão. Ludwig ergueu-se num salto e atacou. Os dois irmãos rolaram no chão, brandindo os punhos, numa desordenada luta corpo a corpo.

“Seu santarrão, bastardo muito senhor de si! Nós o pegamos! Nós o fizemos de trouxa!”, gritou Caspar.

Johann contemplava, sem o menor desejo de entrar na refrega. Ele virá essas brigas antes. Na verdade, envolvera-se nelas, e ele próprio até iniciara algumas. Viu Caspar receber dois dedos nos olhos e um soco de abalar dentes acertar seu queixo, enquanto conseguia desviar-se de um joelho dirigido à sua virilha e retribuir um soco. O nariz de Caspar também começou a sangrar. No entanto, ele caiu na gargalhada.

“Eu fiz você de trouxa!”

“Fez-me de trouxa?”, gritou Ludwig. “O que está dizendo?”

Ludwig ergueu os olhos e notou que também Johanna ria para ele. Ela ergueu bem alto as moedas de ouro e espalhou-as na cabeça dele, dizendo: “Quem me chama de prostituta? Quem tem coragem de me chamar de prostituta?”

A luta finalmente arrefeceu e parou. Caspar envolveu Johanna com um braço, apertou-lhe o seio e, pegando seu lenço de cabeça, limpou o sangue do nariz. “Sim, quem tem coragem de chamar meu amor de prostituta?” Segurou Johanna bem junto de si, e os dois riram.

O jovem Johann ofereceu a Ludwig um caneco de cerveja, pelo qual, a título de agradecimento, recebeu um pontapé no traseiro. Mas Ludwig também começou a rir. “Uma boa pilhéria”, admitiu com azedume, antes de cair numa gargalhada estridente. “Uma *boa* pilhéria!”

Mas havia alto preço a pagar por ser irmão de Ludwig, e tais pilhérias e travessuras saíam caro. Beethoven pode ter sido um gênio mas também era homem, com as necessidades normais de um homem. E a combinação de seu gênio com a mundanidade trazia sérias conseqüências para seus irmãos mais terrenos.

“Ele parecia ter ciúmes de Johanna”, contou Johann a Schindler.

“Estava louco, estupidamente enciumado”, riu Holz. “Como um touro no cio.”

“Ele não podia tolerar que Caspar ou eu tivéssemos uma esposa e levássemos uma vida normal”, disse Johann. “Era como se ele precisasse de toda nossa atenção — de nosso total compromisso e devoção a ele. Principalmente de Caspar. Queria Caspar sob sua influência. E uma mulher — principalmente uma bela mulher como Johanna — era uma ameaça. Uma esposa o deixaria entregue à própria sorte.”

“E seria uma espécie de traição”, disse Schindler meneando a cabeça.

“Sim.”

Era como se Beethoven acreditasse que ambos precisassem permanecer, como ele, solteirões. Pouco importava que ele caçasse rabos-de-saia aristocráticos, fizesse as vezes de pretendente e fosse apresentado à nata da nobreza européia — enquanto, entre aristocratas, seus irmãos fossem simplesmente alvo de mofa. Pouco importava se nem Caspar nem Johann tivessem o mínimo de devoção à música, ou um fiapo de seu talento. E pouco importava que tivessem o desejo normal de levar a vida à moda deles, sem sua interferência infernal.

“Quando fui morar com Therese”, disse Johann, “Ludwig fez de minha vida um inferno.”

Schindler desviou o olhar.

Johann examinou-o atentamente. “Sei que você a detesta”, disse.

“Detestar não é a palavra certa”, disse Schindler, tentando ser diplomático. Mas, na verdade, tinha-lhe aversão, e com a maior naturalidade a enforcaria.

“Mas ela é minha esposa.”

“Não há nada que eu possa dizer.”

“E eu tinha o direito de me casar com alguém”, disse Johann.

“Claro que tinha”, disse Schindler.

Embora a mulher fosse odiosa, de cabeça oca e oportunista, o comportamento de Beethoven fora terrível, Schindler era obrigado a admitir. Quando Johann foi morar com Therese, sua governanta, o arranjo se baseou principalmente nas partes de baixo, e não possuía o menor traço de santidade conjugal. Mas evoluiu, a afeição {recíproca cresceu, e Beethoven se negou a aceitar a verdade de suas relações. Ao contrário, ameaçou Johann com a Magistratura Municipal e recorreu ao bispo de Linz. Para não ser expulso da cidade, Johann tratou rapidamente de legalizar o que fora uma união livre. Não havia dúvidas de que a mulher era a escória da terra e, no entanto, pelo que Schindler conseguia perceber, ela representava a única felicidade que Johann conhecera, à parte os prazeres relacionados com. o ganhar dinheiro.

“Mas sua interferência em minha vida foi moderada.” Johann curvou-se mais para Schindler e sussurrou: “Com meu irmão Caspar, o comportamento de Beethoven foi pior. Muito, muito pior.”

# Capítulo 7

## In Flagrante Delicto

Schindler conseguia, agora, perceber como as palavras podiam ferir até alguém essencialmente casca-grossa e insensível como Johann. Lembrou com sensação próxima do desalento os termos desagradáveis que ele e outros músicos usavam para definir os irmãos — desonestos, frouxos, vulgares, mesquinhos, malévolos e incapazes de nobres sentimentos. Eram sussurros que procuravam distinguir Beethoven dos irmãos, e com razão. Não obstante, Caspar e Johann, por mais sofrimentos que tenham causado em seus negócios desonestos com os outros, também haviam sofrido, e não o ignoravam. Johann fora duplamente excluído: irmão do gênio e antipatizado por todos até, finalmente, pelo irmão gênio. Essa dor estava evidente nas inflexões da fala do homem idoso, no modo como desviava o olhar e, finalmente, em suas próprias palavras.

“Ludwig amava Caspar mais que a mim”, disse Johann com mágoa, agarrando seu caneco e falando lentamente. “Morria de

afeição por ele. Sempre foi desse jeito, realmente, até o rompimento. Por Caspar, Ludwig era capaz de mover montanhas. Mas, quando parti para comprar minha farmácia em Linz, Ludwig nem sequer me reembolsou os 1.500 florins que eu lhe havia emprestado." "Mas ele amava a ambos", disse Schindler com certa cortesia. "Sei disso. Sem o dizer com muitas palavras, ele o deixou claro para mim."

"Eu não chegaria a tanto", disse Holz com um sorriso malicioso.

"Sejam quais forem os problemas pelos quais vocês dois possam ter passado", disse Schindler ignorando Holz mais uma vez, "creio que ele o amava".

Johann meneou a cabeça gravemente, como se tentasse aceitar o elogio de Schindler.

"Depois que Caspar conheceu Johanna", prosseguiu, com o olhar distante, absorto em suas recordações, "ela despertou o ciúme de Ludwig. Tomou-lhe Caspar, suponho. Naquela época, Caspar e Ludwig viviam juntos em Viena, sabe, dividindo um apartamento no *Theater an der Vien*, onde Beethoven tinha tratamento especial."

"Caspar trabalhava para Beethoven", disse Schindler.

"Ele conduzia os negócios de Ludwig", disse Johann com um meneio de cabeça. "Mas, depois que foi morar com Johanna, eles brigavam e discutiam o tempo todo. Caspar finalmente não conseguiu agüentar mais aquilo. Fez a mala e se mudou. Daí a poucos meses, casou-se com Johanna."

"Beethoven não compareceu ao casamento?"

"Casamento?", Johann riu com azedume. "Não houve casamento. Eles fugiram juntos. E, quando Ludwig descobriu, a princípio, negou-se a crer. O crime fora cometido quando ele estava ausente, de fato, mas quando voltou..."

“Voltou de onde?”, interrompeu Schindler.

“De Karlsbad.”

“Karlsbad!”, Schindler retesou-se, com os sentidos despertos.

“Sim”, disse Johann.

“Quando foi isso?”, perguntou Schindler. “Poderia ter sido em 1806?”

Johann fez que sim com a cabeça. “Creio que esta pode ser a data certa. Ou talvez 1805. Não consigo me lembrar exatamente.” Suspirou. “Minha memória já não é o que foi.”

“Prossiga”, disse Schindler.

“Bem, quando Ludwig soube da fuga do casal, todo o azedume e o fel subiram de suas entranhas. Ele estava enciumado como um amante abandonado.”

“Fora desdenhado”, observou Holz, “segundo um certo modo de dizer”.

“Por favor”, atalhou Schindler, sem sequer olhar de relance para Holz. “Deixe Johann contar a história.”

A notícia da fuga impeliu Beethoven à ação. Ele alugou um cavalo 3 pois não queria esperar a diligência — e partiu ventando para o pequeno burgo perto de Baden, onde Caspar e Johanna desfrutavam dos prazeres do casamento, embora não como se fosse a primeira vez. Chegando ao portão da cidade, e recebendo orientação do vigia, procurou o gabinete do magistrado da aldeia. Ludwig conseguiu fazer uma cena magnífica com sua presença veemente e, conforme Caspar contou mais tarde para Johann, irrompeu no gabinete do velho policial e se apresentou com um agitado “Sou Ludwig van Beethoven e preciso de seus serviços!”



Seria aquilo uma pilhéria? Mas, a julgar pelo estado de espírito obsessivo do homem, pelo brilho possesso de seus olhos, claro que não era. Dois policiais de patente inferior trocaram olhares entre si e lhe pediram que assinasse o livro de registros. Ele o fez com um floreio da pena e ambos contemplaram boquiabertos sua assinatura. *Ludwig van Beethoven* de Viena. De súbito se deram conta da pessoa com quem lidavam. O próprio magistrado foi chamado — um labrego gordo e indolente que depressa se dobrou em mesuras e rapapés diante do grande músico.

“Nobre Maestro! Ficarei honrado em ser-lhe útil por todos os meios possíveis.”

“Venho informá-lo que existe uma prostituta nojenta em sua cidade, praticando atos inimagináveis de devassidão. Seus seios batem até *aqui...*”

“Não! Não pode ser!”

“É verdade, meu bom homem”, disse Beethoven magistralmente. “Cheguei de Viena, uma cidade tão pecaminosa quanto Babilônia. Dificilmente um homem que viva ali não tenha sido enfeitado pelo menos uma vez na vida por alguma jovem malvada. Oh, é terrível demais imaginar! Todavia, bom magistrado, não há motivo para que a reputação de sua aldeia seja enodada por gente como esta prostituta.”

“Por minha honra, senhor! Ainda assim... não pode ser!”

“Pode, e lhe digo, é até pior. Ela raptou meu pobre e tolo irmão. Ela vai exercer seu ofício imundo e roubá-lo totalmente, e já afastou de mim sua afeição e o despojou de sua noção de responsabilidade. Precisamos sem demora bani-la desta aldeia e, depois, deste país!” Com o zeloso auxílio do magistrado, na mesma hora, Ludwig reuniu um destacamento policial e aldeãos interessados. A cavalo, desgrenhado e feroz, ele os conduziu pela aldeia. Quando comerciantes saíam de seus estabelecimentos indagando o que se

passava, eram recrutados no ato. Se houve um dia multidão mais heterogênea numa missão que considerassem mais nobre, deve ter sido um bando de apóstolos. Um membro da multidão propôs aquecer alcatrão, mas o magistrado, embora impressionável, não era insano. De semblantes severos, curiosos, inflamados por mais de um indício de licenciosidade, Beethoven e seus seguidores avançaram para a porta desonrada da moradia que o infame casal alugara para suas depravações.

A porta de madeira estava aferrolhada. As fortes pancadas não provocaram resposta.

“Derrubem-na!”, gritou o magistrado. “Derrubem-na, homens!”

Os homens apoiaram os ombros contra a espessa madeira, provavelmente antiga, de dois séculos, e feita para suportar os piores castigos da natureza e dos homens. Ela resistiu às malhações. Um formão e um martelo foram prontamente usados e um pé-de-cabra entrou em ação. Não demorou muito para que se ouvisse o som rangente do sucesso. A porta se desfez em lascas e se arreganhou.

“Eles devem estar no primeiro andar”, disse Ludwig, e arremeteu escada acima. Chegou à porta de um aposento e forçou-a com seu peso. Não estava trancada.

Lá dentro, Caspar e Johanna embolavam-se sob as cobertas — um casal unido pelo matrimônio, *in flagrante delicto*. Pego no ato! O suor do sexo rebrilhava em seus corpos. Caspar, enfurecido e atônito, gritou para Beethoven: “Irmão! Do que você está brincando? Você está louco?”

Mas encolher-se de pavor em seu colchão de penas de nada adiantou quando Ludwig arrebatou-lhes as cobertas. Atrás dele, os aldeões e policiais se juntaram no quarto, embasbacados e ruborizados ante a visão dos alvos encantos de Johanna. Ela envolveu os ombros com os braços, tentando um simulacro de

decore, e Caspar colocou a mão em concha sobre seu membro agora flácido. Ainda assim, foram considerados nus por todos os olhares perscrutadores.

“Vejam!”, gritou Ludwig. “Não lhes contei? Prendam esta mulher!”

Os policiais avançaram, sem saber então o que ali se passava. Quando se aproximaram, Caspar ficou diante de Johanna para protegê-la. “Não toquem nela!”, berrou. Para Ludwig, ele disse num rilhar de dentes: “Isso não tem graça, irmão. Vou fazê-lo pagar por isso.”

“Prendam a prostituta”, insistiu Ludwig.

Caspar arremessou um murro contra Beethoven, que recuou para a lareira e agarrou o atizador. Brandiu-o de modo ameaçador para lá e para cá, retalhando o ar. Johanna envolveu o marido com o braço, num gesto de contenção.

“Não sou nenhuma prostituta”, disse para Ludwig. “Isto é calúnia.”

Da mesinha de cabeceira, ela retirou um documento, exibindo-o para os policiais. O magistrado segurou-o bem próximo dos olhos, lendo as palavras com os lábios.

“Casamo-nos antes de ontem em Viena. O senhor pode ver com os próprios olhos”, disse Caspar.

“E estou esperando criança”, disse Johanna sem modéstia, até com orgulho.

Exibiu de propósito o ventre para Ludwig. O volume era evidente — um volume de quatro meses.

Ludwig magoou-se com aquilo, o rosto agora cinzento e macerado, ao constatar que, após gastar todo o amor do qual talvez fosse capaz em Caspar e tolerar todos os seus desmandos nos negócios, e tantas vezes defender esse cabeça-dura de seus amigos aristocratas — após tudo isso, Caspar julgasse que poderia abandonar o irmão por uma esposa. Poderia e o fez. E todas as fantasias de Ludwig sobre salvação e volta ao que entendia ser normalidade estavam reduzidas a zero; com elas, talvez pudesse induzir o magistrado a lavrar algum despacho, mas não podia, afinal de contas, alterar a realidade. O mundo real não era um conto de fadas, e tampouco seu irmão estava fadado a atender aos seus desejos. Uma torrente de ódio — porque evidentemente nada havia que ele pudesse fazer para frustrar esse casamento — percorreu-o e latejou em suas têmporas.

“Saíam”, disse Johanna com impaciência, repuxando a colcha sobre o corpo. “Saíam, todos vocês.”

E eles saíram. Obedeceram-na, embora sem se desculparem a Caspar e com um último olhar de relance para a bela mulher a seu lado. Mais tarde haveria tempo para as desculpas — à senhoria, apresentadas como assunto oficial da polícia, e com a promessa de que um carpinteiro consertaria a porta. Para Ludwig van Beethoven, o Maestro, houve explicações obsequiosas, que no final se reduziram à mais simples: “Eles são casados, infelizmente, Herr Beethoven. Não há nada que se possa fazer.”

O que, na sua opinião, nada mudava.

“Ela é má”, explicou Ludwig ao magistrado com seu modo mais imperioso. E, pela primeira vez, mas não pela última, referindo-se a *A Flauta Mágica*, de Mozart, embora aqueles labregos interioranos dificilmente a conhecessem, acrescentou: “Essa mulher é a Rainha da Noite.”

O casamento de Caspar colocou um fim a todas as relações entre os irmãos durante os vários anos posteriores. A interferência de Beethoven provocou uma excitante história que teria sido mais divertida, se não representasse a tragédia de sua tentativa de controlar a vida de Caspar. Ela não terminou em perdão, nem simplesmente como outra briga entre irmãos, que se devia perdoar e esquecer, mas em mudança fundamental numa grande luta, eivada de fortes emoções que Ludwig e Caspar sequer compreendiam. Johann encerrou sua história com um profundo suspiro; depois encarou Schindler e disse: “Verdade seja dita, Ludwig não se comportou melhor quando me casei com Therese.”

“Conheço essa história”, disse Schindler. “Conheço-a muito bem.”

“Ele ameaçou-me com o bispo de Linz. Veio à minha casa — uma casa onde o coloquei com vistas para o Danúbio. E como ele retribuiu minha hospitalidade? Com uma ordem policial exigindo que eu deixasse a cidade! Ludwig queria nós dois sob seu domínio.”

“Seu temperamento era assim”, disse Schindler, acrescentando: “Vocês dois não foram os únicos atormentados.”

“Você sabe”, disse Johann, aproximando-se mais porque agora um fluxo amistoso, resultante da cerveja e das confidências, passara a existir entre eles, “o que é se parecer com uma sombra? Sou um boticário bem-sucedido, sou proprietário rural. Mereço respeito. Em vez disso, quando me encontro em Viena, sou ridicularizado por todos. Por quê? Porque não possuo o gênio de meu irmão. Isso é crime?”

“Não”, disse Schindler. “Não é crime. Nem todos nós podemos ser gênios.”

Mas seria realmente tão difícil de entender, conjecturou ele, por que Beethoven reagira de modo tão revoltante quando seus irmãos se casaram? Ele agira como uma enfurecida galinha choca,

mas depois ele negou a si mesmo. Nunca se casara. Fora incapaz de laços conseqüentes com mulheres. Dedicara-se à sua arte, que era bela e boa e não podia ter sido de outra forma. Mas, na condição de irmão mais velho, devia ter gerado um herdeiro. Em vez disso, desperdiçara seu sêmen com uma série de condessas que não podiam ou não queriam dar-lhe um herdeiro e, quando ficou mais velho, com mulheres de moral corrompida. (Com efeito, ele adorava os imorais bailes de máscaras — assim Schindler ouvira contar, embora hesitasse em crer nos mexericos — em que pudesse ocultar sua identidade e dar vazão a seus desejos). Tudo isso, certamente, tinha a ver com suas relações com os irmãos, Johann e Caspar.

Ligações conseqüentes? Sim, talvez houvesse uma. E, se houvesse, não seria apenas o *patrimônio* de Beethoven, mas seu legado ao mundo, que sairia ganhando. Talvez sua carta a Amada Imortal não devesse ter sido encontrada num embrulho de ações, junto com seu testamento. O simbolismo sugeria uma das características de maior fragilidade em Beethoven — sua disposição de misturar dinheiro com suas opiniões sobre mulheres e amor. Schindler estava decidido a não cometer o mesmo erro; poderia desvendar o simbolismo separando o mundano do amor, em homenagem ao seu saudoso Mestre.

“A carruagem está chegando”, observou Holz, ouvindo o matraquear dos cascos lá fora.

“Espere”, disse Schindler.

Ele abriu sua mala e retirou o feixe de ações que acompanhavam o testamento e a carta de Beethoven à Amada Imortal. Além do mais, disse para si mesmo, não queria continuar sendo perseguido por Johann. Não queria continuar sendo perseguido pelo terrível Holz. Estava grato pelas reminiscências de Johann e agradecido porque ele tivera o dom de ouvir. Agora era a sua vez de mostrar gratidão; e, quanto a Johann, sabia existir apenas um meio.

“Fique com isto”, disse, atirando o pacote na mesa.

“Você está desistindo do dinheiro?”, perguntou Holz.

Johann encarou Schindler, a perplexidade sulcando sua frente.

“Isso não tem importância”, disse Schindler.

Os dois homens ficaram pasmos. Quando Schindler se ergueu da mesa, ajeitou a sobrecasaca e enrolou o cachecol no pescoço, Holz disse: “E agora você vai desistir da busca?”

“Não, disse eu não posso desistir”, disse.

Holz contemplou-o com o cenho franzido.

“Tenho meus motivos”, continuou Schindler. “Vou encontrar esta dama, a Amada Imortal. Não tenho escolha. E então ela reivindicará sua herança com todo o rigor da lei.”

# Capítulo 8

## **Cara, Cara, Cara Condessa**

Após tratar com Johann e o desagradável Karl Holz, coube a Schindler a boa sorte de logo encontrar uma pessoa que, como ele, era amiga autêntica e dedicada de Beethoven. Pessoa com a qual pôde falar do Mestre à exaustão. Alguém que nunca o traía, que o amara e o admirava, compreendia sua música, tolerara seu mau humor, embora não suportasse seus enganos. Essa pessoa era a condessa Anna Marie von Erdody.

Ele não se importava com a misteriosa natureza desse encontro de ambos, nem com o fato de lhe ter custado uma longa viagem de diligência, de Viena até o interior da Croácia. Embora com residência oficial em Munique, a condessa ia com freqüência ao litoral do Adriático para tratar de certos negócios. As tentativas de Schindler de contatá-la após o funeral — ao qual ela comparecera sob disfarce, por causa de seu exílio político — não tiveram êxito a princípio. Mas, convencida de que ele tinha interesse em encontrá-la



por razões que não podia revelar numa carta, a condessa lhe escreveu pessoalmente e exprimiu o desejo de se encontrar com ele. Sob a única condição de que ele fosse até ela; não desejava voltar a Viena; eram muitas as lembranças amargas. Além disso, receava ser presa.

A viagem deu a Schindler tempo suficiente para reordenar os fatos, ponderá-los e procurar montar as peças da história da Amada Imortal. Embora não chegasse a uma conclusão quanto à sua identidade, algumas coisas estavam claras.

Foi a condessa Julia a quem Beethoven amou outrora, e ela queria ou imaginava ser a Amada Imortal.

Foi no ano de 1806 que, com toda a probabilidade, o Mestre escreveu a carta.

A carta foi escrita talvez nas imediações de Karlsbad, pois era verão e, segundo o testemunho de Johann, Beethoven não se encontrava em Viena na ocasião.

Logo após, Beethoven voltou a Viena e encontrou seu irmão Caspar casado com Johanna.

Fazendo papel de cético, Schindler supôs por um momento que a carta não possuía significado algum e que a mulher à qual fora endereçada não passava de mera invenção da fantasia de Beethoven. De outra parte, suponha-se — embora Schindler nunca tivesse visto outra carta de Beethoven que mesmo remotamente se parecesse com aquela —, que *houve* uma Amada Imortal, e suponha-se mais, que os afetos da mulher (ou os do próprio Beethoven) se revelassem ilusórios ou fugazes. As conseqüências eram claras: em tal caso, podia-se esperar que a vida e a obra de Beethoven tivessem permanecido as mesmas.

Mas não foi assim.

Nos anos imediatamente posteriores a 1806, Beethoven compusera músicas que eram notavelmente, objetivamente maiores que qualquer obra que viera antes ou viria depois. Foi seu período mais fértil e produtivo. Schindler ficou assombrado ao repassar algumas dessas obras-primas:

A *Quarta Sinfonia*, de 1806, tão magnificamente delicada após a gigantesca *Heróica*; terna e calorosa, na qual a solução era retardada numa magistral organização de movimentos. A *Quinta Sinfonia*, dois anos depois, com sua inacreditável fúria e energia, e no entanto tão pura e lógica — o corolário da dívida do Mestre para com Mozart e Haydn. A *Pastoral, Sexta Sinfonia*, que tão rigorosamente expressou o encanto da natureza — com passagens para a codorniz, o rouxinol e o cuco — que, em poesia ou pureza, jamais poderia ser superada. A *Sétima Sinfonia*, com sua elegante propulsão rítmica, recebida com grande deleite pelo maior público possível. A *Oitava Sinfonia*, quase humorística mas não carente de poesia e reflexão madura: uma prova a mais da variedade com que o Mestre era capaz de brindar suas platéias.

Essa abundância de grandes obras, e mais: o concerto para piano *O Imperador*; a música que ele compôs para *Egmont*, de Goethe; a *Sonata para Violoncelo*, composta “em meio a lágrimas e tristezas”; e a *Fantasia Coral*, com sua *Ode a Santa Cecília*...

Quando o encanto da música impera

E as palavras do poeta alçam vôo,

Então formas notáveis se elevam

E da treva e tormenta faz-se a luz.

Um dos supremos triunfos da pena do Mestre naqueles anos, refletiu Schindler, foi a *Opus 70*. Era formada por trios para piano, violino e violoncelo, e fora dedicada por Beethoven à pessoa que o ajudou com desprendimento, ao longo de muitos anos, e que não

apenas respeitava seu gênio mas parecia, em certa medida, compreendê-lo: a Condessa Anna Marie von Erdody — "*Minha cara, cara, cara condessa*" —, a quem Schindler ia agora visitar, desembarcando na Croácia.

Ele tivera de tomar uma diligência para o sul até Graz e, dali, até a velha cidade de Zagreb, onde a condessa providenciara para que uma carruagem o aguardasse na velha Catedral, em hora marcada. Ele fora, então, levado para uma hospedaria perto do rio Drava, numa aldeola — uma estação secundária, tresandando a esterco e cerveja, e cheia de rudes camponeses húngaros que o tomaram por alemão. Um magiar generoso, de frente estreita e um belo punhado de grandes verrugas sob o olho esquerdo, ergueu o caneco de cerveja quando ele entrou:

"Egy kaposztaeva"

Schindler disse clara e distintamente: "Estou procurando pela condessa Erdody."

O camponês olhou para o compatriota a seu lado, em busca de uma explicação: "*Mit mond?*"

"Estou *procurando pela condessa Erdody*", disse Schindler de novo, com clareza e em voz alta.

"Ah!", exclamou o camponês. "O Kraut disse: 'Vou ficar com vocês, gente boa, para um trago!'"

Os homens caíram na gargalhada e ergueram suas canecas.

"Sim, claro", disse Schindler, apalpando desajeita-damente a carteira.

Então, do fundo ouviu uma voz feminina, delicada e ao mesmo tempo imperiosa, habituada a ser obedecida: "*Zoltan! Hagyjatok*"

*beken az urat!*” E em alemão, para sorte dele, disse: “Deixem o bom cavalheiro em paz.”

Ele se voltou e ela acenou de onde aguardava, uma mesa talhada toscamente, embora guarnecida de bela prataria e uma vela acesa, num canto escuro. Ele ergueu o chapéu para os camponeses amistosos e zombeteiros e caminhou para o fundo.

“Você está procurando alguém?”, perguntou, sorrindo.

“Sim”, disse ele. “Estou procurando pela condessa Anna Marie von Erdody.” Inclinou a cabeça em sua direção, num gesto de cortesia. “E calculo que a encontrei.”

Ela ofereceu-lhe a mão, erguendo-se a meio da mesa mas com grande esforço, apoiando-se na bengala. “Perdoe-me por não me levantar”, disse. “Você é Anton Schindler.”

“Sim”, disse, com mesura.

“Por favor, sente-se e faça-me companhia.”

Ela parecia pálida, talvez doente, mas conservava a beleza de finos traços delicados, com afetuosos olhos castanhos e um queixo bem torneado. Quando ele beijou sua mão, ela gritou para os camponeses que observavam: “*Latjatok? Egy becsi uriember!* Percebem? Aqui está um cavalheiro vienense!” E para Schindler: “Por favor, não continue de pé. Você me deixa nervosa. Você chegou a tempo para a ceia da noite.”

Na verdade, eles nunca se haviam encontrado, embora Schindler soubesse muito a seu respeito. Nos círculos musicais de Viena, a condessa era uma espécie de lenda. Bela jovem na década de 1790, com extraordinária luminosidade envolvendo-a, portava-se com todo encanto, e promovia saraus musicais em sua casa. Antes de ela se separar do marido, o palácio Erdody era um *salon* formidável, e os convites para assistir aos seus saraus eram

cobiçados pela elite da sociedade. Isso bem antes de Schindler sequer pôr os pés em Viena, mas ele sabia que fora na casa dela que o quarteto *Schuppanzigh* executara pela primeira vez os arrebatadores *Trios* de Beethoven. Todo mundo se lembrava de como a condessa ia mancando de um pianoforte a outro. Se esta noite, com ambos sentados à mesa, Schindler percebeu que seu pé estava envolto em ataduras. Dizia-se que ela era vítima de alguma forma de doença intermitente, contraída muito tempo atrás, ao dar à luz o primeiro filho; havia períodos ruins, quando ela precisava ficar acamada. Mas, à luz de velas, passado um quarto de século, apesar de toda sua dor e sofrimentos, ela ainda encarnava a emoção e a beleza delicada. Como Schindler imaginara.

“Condessa”, começou ele.

Ela meneou a cabeça com impaciência. “Insisto que me chame de Anna Marie.” Fez um gesto para os plebeus que haviam voltado para suas canecas de cerveja. “Aquela é a minha gente. Estou em família agora. Não preciso desempenhar o papel da condessa. Posso ser livre.” Ele teria preferido chamá-la de condessa, mas assentiu e disse: “Sim, claro.”

Era perfeitamente correto e adequado, pensou Schindler, que a verdadeira coroa da condessa fosse a que recebera de seu povo. Cinco anos antes, ela causara um furor que repercutiu até em Viena quando, em algum lugar da Croácia, obedecendo às suas ordens, cerca de trezentos camponeses lhe garantiram o direito a um castelo usurpado por seu tio. O levante revelou a lealdade que ela inspirava, bem diferente do que geralmente a nobreza despertava naquelas regiões. Schindler pouco sabia sobre o ocorrido, mas agora, contemplando a mulher, pôde sentir o vigor de suas graças sutis.

“Herr Metternich enviou-me saudações?”, perguntou ela dissimuladamente.

“Eu não saberia dizer”, falou Schindler, reconhecendo o exílio dela com um sorriso forçado. Ele pouco sabia das circunstâncias, mas um Beethoven ansioso lhe falara sobre a prisão da condessa alguns anos antes — foi em 1819 ou 1820? —, prisão cujos motivos eram obscuros, talvez políticos. De qualquer forma, ela fora banida de Viena.

“Estive no funeral”, disse.

“Sim, eu sei.”

“Tive de andar furtivamente como uma ladra.”

“Foi bondade sua ter ido”, disse Schindler, lembrando-se de que ela comparecera envolta em espessos véus, disfarçada. Anna Marie contemplou-o com um sorriso severo.

“Pobre Ludwig”, disse. “Sinto tanta falta dele. Você sente, Herr Schindler?”

“Oh, sim”, suspirou Schindler. Ninguém desde a morte do Mestre pensara em perguntar-lhe, mas agora ele podia dizer: “Demais.”

“Foi a única vez”, disse a condessa, “que meu exílio me causou um problema. Eu realmente não me importaria se me prendessem. Eu tinha de assistir ao funeral. Eu devia isso a ele.”

“Sua morte deixou um vazio”, disse Schindler. “Para todos nós.”

“Mais que isso. Você nunca mais verá alguém igual a ele. Eles sabem disso em Viena?”

“Alguns sabem”, disse Schindler. “Ele não era muito bem compreendido por todos. E havia dias, acredito, que ninguém o compreendia.”

“Os gênios são raramente compreendidos”, disse Anna Marie. “Mas o modo como ele era tratado, me desgostava. Ludwig era bom demais para eles. Sua chama e seu brilho ofendiam os minúsculos cérebros deles.”

“Mas você e ele continuaram amigos.”

“Eu conseguia me igualar ao seu temperamento!” Anna Marie tragou um copo de licor e ofegou quando o áspero líquido atingiu seu estômago. Chamou a proprietária para lhe servir outro, e pediu um também para ele “*Slivovitz*, licor de ameixa” — disse-lhe — que suavizará quaisquer problemas relacionados com o alimento que lhe será servido, ou com o desconfortável colchão de penas no qual ele dormiria aquela noite.

“Estou tentando fechar os negócios dele”, disse Schindler.

“Foi o que deduzi.” Ela esperou que ele continuasse.

“Eu — talvez...” Schindler hesitou, sem saber ao certo como prosseguir. A suavidade da condessa, seus modos genuinamente magníficos, tornavam-no subitamente cauteloso, circunspecto.

“Fale”, disse Anna Marie, sorrindo. Acrescentou: “Raramente os negócios em Viena são encerrados com a pena. Parece sempre haver graves questões afetivas.”

“Exatamente. Há uma pergunta de somenos — bem, na verdade não é de somenos. É uma pergunta *importante*. Uma questão que precisa ser desvendada. Eu...” Mais uma vez vacilou, esforçando-se para encontrar as palavras certas.

“Por favor”, disse a condessa. “Seja tão franco quanto necessário. Ainda não sou uma velha dama e não fico chocada facilmente. Meus pés estão inchados, não falo com meu marido há anos, meus filhos estão mortos, exceto um. Mas estou muito viva, apesar das aparências em contrário.”

Schindler deu um profundo suspiro e foi em frente. “Você hospedou Beethoven em seu palácio, não foi assim?”

“Sim, por algum tempo — na verdade, em minha casa, pois estava separada do conde e tinha alojamentos na Krugerstrasse, na mesma residência do príncipe Lichnowsky, o benfeitor de Ludwig. Pedi-lhe para ficar comigo. Queria-o perto de mim.”

Schindler disse a si mesmo que preferia as coisas assim — com franqueza. Já não lhe era necessário usar de subterfúgios com a condessa Erdody do modo como se sentira obrigado a fazer com a condessa Gallenburg, que parecia preferir a dissimulação, a lisonja, e conseguira socializar a arte da sedução. Ele sempre se orgulhara de sua aptidão para a honestidade, para ir diretamente ao assunto — até com o Mestre, o mais suscetível e imprevisível dos homens. Quando necessário, Schindler até o advertira a se comportar com decoro. *Seja justo com seus servos e coma a refeição tão logo o cozinheiro lhe traga sua bandeja, antes que os vermes a comam.* Mas, com mulheres, a coisa era diferente. Sua experiência lhe dizia que elas geralmente abominavam a franqueza. Não obstante, a condessa Erdody lhe dera uma oportunidade; teve a certeza de que podia falar francamente com ela. Portanto, ele pendeu a cabeça, curvou-se e perguntou: “Beethoven foi seu amante?”



# Capítulo 9

## Em Concerto

Não era uma pergunta fácil de fazer nem de responder. Por sorte, Anna Marie von Erdody, de *espírito mundano* e *vasta experiência*, não riu em voz alta, algo que Schindler temia mais que tudo; tampouco verteu lágrimas, o que ele também temia, pelo embaraço que lhe causariam e pelo sentimento de culpa de tê-la feito sofrer. Mas, ela apenas o encarou firmemente e nada disse. *Nada.*

“Estou procurando...”, disse ele. Agitou as mãos, tentando encontrar as palavras certas.

“Uma amante?” O sorriso dela era radiante, quase desafiador.

“Não é assunto para brincadeira”, disse Schindler um tanto empertigado. “Esperava que a senhora não brincasse com isso.”

“Lamento se o ofendi, Herr Schindler.”

Ele aceitou suas desculpas com uma leve curvatura. “Trata-se de alguém que ele amou — mais profunda e continuamente — bem, mais que a própria vida.” Ela pousou a mão em seu braço. “Você está falando de alguém que foi mais que simples amante para ele?”

“Exatamente”, disse Schindler. “Uma Amada Imortal. Algo supremo. Algo duradouro.”

“Então talvez eu não seja a pessoa a quem se deva perguntar”, disse Anna Marie. “Se eu fosse ela, eu o saberia? Quem poderia se ver sob a luz de tamanha exaltação?”

Ele ficou sem saber se lhe mostrava a carta ali no ato, mas percebeu que seria precipitação de sua parte. Em vez disso, falou: “Se puder me contar o que sabe, seria de enorme ajuda.”

A condessa meneou a cabeça. “Ela tem vários movimentos, a história de Beethoven comigo. É capaz de entender isso?”

“Sou”, disse ele.

“E você precisa colocar em perspectiva uma coisa importante — o isolamento de Ludwig. Ele se tornou maior à medida que Ludwig envelheceu e foi oprimido pela surdez mas, desde a primeira vez que o encontrei, sabia que esse isolamento afetava suas atitudes para com os outros.”

“Estou ciente disso”, disse Schindler.

O que a condessa Julia Gallenburg declarara, a condessa Erdody confirmava agora: na época em que Beethoven compunha a *Heróica* para Napoleão em 1803, sua fama já se propagara para além do Império Austríaco. Suas obras eram conhecidas e executadas, principalmente na Inglaterra, embora, verdade seja dita, o número dos que haviam ouvido falar *do* Mestre era bem maior que o dos que

realmente haviam assistido à execução de uma de suas obras. Em Viena, ele era notoriamente discutido.

“Até as pessoas sem miolos”, disse a condessa, “pessoas que detestavam sua música, sabiam que ele era um gênio. Sim, preferiam Haydn e Mozart, muito mais fáceis de entender e com tempo para conversar com você — explicar suas intenções. Ainda assim, ninguém conseguia negar o gênio de Ludwig.”

Schindler sorriu. Conhecia *afficiandos* mais velhos que explicavam o que consideravam errado na *Terceira Sinfonia* — que era longa em demasia, complexa demais para ser audível, que em última análise deveria ser considerada mero ruído, nada mais. Ele se lembrou de como se comentava que o velho professor de Beethoven, Albrechtberger, dissera antes de sua morte: “Beethoven nunca aprendeu nada, e não pode compor nada num estilo conveniente”. Isso correspondia à opinião de muitos.

“Mas alguns de nós entendíamos melhor”, disse a condessa. “Reverenciávamos sua música e aguardávamos ansiosamente cada nova obra.”

No início do século, Anna Marie encontrou Beethoven, pela primeira vez, no palácio do príncipe Lobkowitz. Ela se separara do conde Erdody logo após o nascimento de seu terceiro filho, em 1801. A terrível angústia de perder um marido, mesmo um marido com quem a gente não se importa, era amenizada pelos quartetos noturnos que avançavam até altas horas da noite.

“As pessoas o achavam feio, mas eu não era uma delas. Julgava-o belo”, disse Anna Marie. “Naquele verão, ele arranhou aposentos perto de minha residência em Jedlersee e terminou a *Terceira Sinfonia*. Nas tardes, ele 'Caminhava ao longo do canal para me ver.”

“Mas então vocês foram... Ah...” Schindler tossiu, limpando a garganta.

“Não éramos amantes na ocasião”, disse Anna Marie antecipando-se a ele. “Havíamos nos tornado bons amigos. Na ocasião ele não precisava de outra amante, posso lhe garantir. Estou certa de que você conhece Julia Guicciardi. Ela cumpriu esse papel para ele.”

“Eu a visitei há apenas três dias, antes de partir de Viena.”

Anna Marie sorriu, quase com maldade. “Talvez ela seja a criatura amada — essa Amada Imortal. Embora tenha-se casado com o conde Gallenburg, sempre tive a impressão de que nunca deixou de amar seu ‘Luigi’. Ele pode ter sentido o mesmo.”

“Não sei”, disse Schindler formalmente. “Talvez.”

“Ludwig teve muitas relações amorosas naquele tempo”, disse a condessa. “Não — isso não é verdade. Não me refiro a *amor*. Refiro-me a *casos afetivos*. E alguns se consumaram, muitos não.”

“Ele lhe falava dos casos?”, perguntou Schindler.

“Nem sempre”, disse a condessa, sorrindo, e contou nos dedos. “Ele estava perdidamente apaixonado por Josephine von Brunswick, que se casou com o barão Von Stackelberg. E também havia sua irmã Therese — cuja coluna vertebral era deformada, mas fora isso, era muito bela. Nenhuma conseguia tocar piano particularmente bem. No caso de Julie von Vering, ele renunciou a favor de Stephan von Breuning e, embora isso o fizesse sofrer, ele improvisava para o casal de noivos sentados juntos até as primeiras horas da manhã. Ele falou-me deste e de outros.”

“Mas sem mencionar uma Amada Imortal?”

“Alguém *imortal* para seu coração? Não. Claro que sempre fico conjecturando sobre a tentativa de suicídio.”

Schindler franziu o cenho, surpreso. “O quê? Quando foi isso?”

Anna Marie deixou escapar um suspiro. “Suponho que em 1805”, disse, “ou talvez no ano seguinte.”

“Conte-me por favor sobre isso”, pediu Schindler, agora atento, sentindo a tensão se avultar em seu íntimo.

“O que existe para contar?”, disse Anna Marie. “Pensei que ele havia deixado minha casa num ataque de ressentimento.”

Beethoven fora a Jedlersee, nos subúrbios de Viena, certo dia no verão. E, logo a seguir, desaparecera.

“Pensei que algo devia ter acontecido — talvez ele tivesse se ofendido com alguma ninharia — e tivesse voltado para Viena. Mas não. Daí a três dias, ele foi encontrado num ponto isolado do jardim.”

“Ele passou lá todo esse tempo?”

“Sem comida e sem nada para beber, exceto água do tanque. Foi tudo tão estranho”, disse a condessa. “Estranho e misterioso. Estava pensando em suicídio. Isso ficou bem claro. Mas ele não falou do assunto depois. Não naquele momento — talvez nunca, com ninguém.”

Schindler permaneceu sentado, com o rosto inexpressivo, as mãos cruzadas, incapaz de reprimir uma fígada de ciúme pelo fato de nunca ter tido conhecimento disso, de o Mestre nunca *lhe* ter feito a confidência. “Mas por quê?”, disse. “Por que iria ele querer se matar? Parece tão fora de propósito. O Beethoven que conheci enfurecia-se com a vida, mas ainda assim a vivia intensamente. O que podia ser tão terrível a ponto de levá-lo ao extremo?”

“O único indício que tenho é algo que ele me contou certa vez”, disse a condessa. “Ele não parava de falar de seu irmão Caspar. ‘Ele se casou em completa loucura’, disse-me. ‘Meu irmão se casou com uma mulher da rua!’ Ele estava obcecado com isso.”

“Ah!”, disse Schindler, balançando a cabeça e franzindo o cenho. E a seguir: “Devo confessar que não entendo.”

“Nem entendi na época, nem entendo agora”, disse Anna Marie. “Que pessoa decide cometer suicídio por causa do casamento desastroso do irmão?”

Schindler permaneceu sentado, imóvel, os olhos fixos à frente, sem nada ver. De súbito, algumas belas palavras de Goethe foram-se insinuando em seu cérebro: *Quando você caminha rente aos muros, o liso bordo, o robusto carvalho, o delgado abeto obstruem o avanço com seus troncos e raízes, e você precisa contorná-los e saber onde pisa, com cautela.* O que as palavras significavam? O que estavam lhe dizendo? Algo sobre o frágil estado de espírito de Beethoven na época em que pensou em se matar? Ainda assim, por mais que se empenhasse, Schindler não conseguia captar seu significado.

“Você me falou sobre as outras”, disse Schindler à condessa. “Mas, e a respeito de você e Beethoven? Não quero intrometer-me, mas estas são perguntas que preciso fazer. Não posso lhe dizer como é importante chegar à verdade. Preciso cumprir esta última obrigação para com o Mestre. Então me darei por satisfeito.”

Em 1808, a amizade entre a condessa Erdody e Beethoven ameaçava tornar-se algo mais, embora mesmo quando se aproximaram e ficaram mais íntimos suas relações nunca tenham sido fáceis. À medida que Beethoven tornou-se mais dependente dela, a condessa se mostrou cada vez mais maternal com ele. E, quando suas relações assumiram dimensões eróticas, eles se viram freqüentemente em conflito.

“Nunca pretendi entender sua mente complicada”, disse a condessa.

“Nem eu”, disse Schindler.

“Mas não estamos discutindo um camponês ignorante ou nobre excêntrico”, disse Anna Marie. “Existe muita gente como estes, mas bem poucos gênios. Por mais infantil que Ludwig pudesse parecer, com seus romances e manobras com jovens condessas, e por maior que fosse sua incapacidade de entender a diferença entre o amor e a paixão, é preciso levar tudo isso em conta à luz de sua vida inteira. E com o que ele contribuiu para a vida de todos os homens. Havia a música e a tragédia que ajudou a criá-la. Nem uma nem outra deve ser esquecida.” “Concordo”, disse Schindler.

“Há o que ele trouxe para a humanidade e o preço que pagou. Você se lembra do último concerto que ele regeu, no *Theater an der Vier?*”

“Eu era jovem demais”, disse Schindler.

*Christmastide 1808*, sabia-o Schindler, foi a época da primeira execução da *Sinfonia Pastoral*, bem como da *Sinfonia em Dó Menor*, da *Fantasia Coral* para piano e orquestra, e do *Quarto Concerto para Piano*. Foi um programa fabuloso, no maior palco da Europa, o *Theater an der Vien*, montado pelo próprio Beethoven.

“Nenhuma das peças fora executada em público antes”, disse Schindler.

“Mas eis o que aconteceu”, disse a condessa, prosseguindo o relato.

Mal havia o enorme pano de boca, decorado com cenas de *A Flauta Mágica*, se descerrado, mal ecoara o primeiro acorde *tutti*, e Beethoven saltou do teclado e começou a reger. A orquestra tinha uma organização medíocre e fora para o concerto com pouquíssimo tempo para os ensaios. Os músicos que liam suas partituras defrontaram-se subitamente com aquele louco que agitava os braços em desvario. Com o primeiro e súbito *sforzando*, o Mestre arremessou os braços com tal desenvoltura que, de um golpe, derrubou os lampiões da estante de música. A platéia riu e

Beethoven, lançando-lhe um olhar maldoso, interrompeu a orquestra. Houve risadinhas constrangidas e, então, silêncio.

“Comecem de novo”, ordenou ele.

Mais uma vez soou o acorde *tutti*. Dois meninos de coro foram mandados pelo diretor do teatro para proteger os lampiões, recolocados em seu lugar. Mais uma vez Beethoven arremessou os braços no *sforzando* — de novo no momento errado. Um menino agachou-se depressa. O outro recebeu um tapa na cara. A platéia caiu num riso frenético.

“Enquanto eu o observava”, disse Anna Marie, “contorcia-me num embaraço completo. Foi um momento terrível para ele. E, ainda assim, não desistiu. Mais uma vez esperava conquistar o respeito da platéia e disse: ‘Do começo’.”

Mas, a essa altura, a orquestra estava em completa desordem, era quase impossível acalmar a platéia, e o próprio Beethoven tocou irritado um acorde com tamanha força, que partiu algumas cordas do piano.

“Não pude mais suportar aquilo”, lembrou a condessa. “Subi ao palco, coxeando. Galguei os degraus estreitos e frágeis e estendi minha mão. Esperava que minha enfermidade anulasse a sua.”

Beethoven ergueu os olhos. Ela estava ali. O silêncio baixou na platéia. Para ele, o insuportável zumbido nos ouvidos em tais momentos sufocava a música e o mergulhava num estado de confusão que podia facilmente se transformar em fúria. Mas Anna Marie estava ah, e ele tomou de sua mão.

“Ele ouvia cada vez menos naquela ocasião”, disse Anna Marie. “E então o mundo todo soube de sua enfermidade. Ou saberia logo.”

“Você tomou providências depois disso”, disse Schindler. “Não tomou?”



“Sim. Ludwig estava desgostoso com Viena, tanto que pensou em deixá-la. O *Musikalische Zeitung* foi muito indelicado em seus comentários sobre o concerto de dezembro, e esse foi apenas um dos muitos insultos que ele suportara nos últimos anos.”

“Ele recebeu uma bela proposta de Jerome, o rei da Westfália, para servir de mestre-de-capela em Kassel”, disse Schindler. “Não foi assim?”

“Sim”, disse Anna Marie. “Por quinhentos ducados anuais — tudo em *ouro puro*. Para conservá-lo em Viena, convenci o arquiduque Rudolph, a princesa Kinsky e Lobkowitz de que eles deviam pagar-lhe o montante de quatrocentos florins anuais como renda vitalícia.”

“Bastava que ele continuasse em Viena?”, perguntou Schindler.

“Sim. Eles concordaram, e ele continuou”, disse Anna Marie com um traço de orgulho. “O irônico foi que mais tarde, no mesmo ano, o irmão de Jerome bombardeou a cidade.”

“E durante o mesmo período você arranjou uma arrumadeira para Beethoven.”

“Se você tivesse visto seus aposentos entenderia. Fiquei chocada a primeira vez que os vi.”

“Eu os vi muitas vezes desde então”, disse Schindler. “Naturalmente posso compreender.”

“Um espetáculo de inacreditável sordidez”, disse a condessa. “Papéis espalhados, refeições consumidas pela metade em todo lugar, em cadeiras e divãs. Partituras em toda parte, uma densa camada de pó no piano. Não se podia nem confiar que ele esvaziasse seu vaso noturno.”

“Eu sei, acredite-me”, disse Schindler, que o esvaziara muitas vezes.

“Com sua pessoa, em contrapartida, ele era impecável”, disse Anna Marie. “Era de um asseio impressionante com sua roupa-branca e se lavava com freqüência, principalmente as mãos. Mas a desordem na qual vivia, trabalhava e dormia! Você mal consegue imaginar.” Ao aceitar a arrumadeira que Anna Marie lhe dava de presente, Beethoven disse: “Houve uma aqui por certo tempo. Ela me enganou completamente”.

Com efeito, ele contratara muitas criadas, mas *todas* o enganaram, insistia ele com um riso abafado.

“Você também precisa de um auxiliar”, falou-lhe Anna Marie.

“Meu irmão Caspar era meu auxiliar”, disse Beethoven. “Mas ele me traiu e me abandonou.”

Anna Marie negou-se a ter compaixão. Disse severamente: “Nem sempre sinto pena das pessoas. Não me comporto como Deus e não faço julgamentos morais. O que aconteceu entre você e seu irmão, não posso tentar compreender. Estou certa de que existe culpa dos dois lados.”

Beethoven ficou surpreso. “Mas aquela mulher, aquela prostituta, o tomou de mim”, insistiu. “Ela o agarrou com um filho.”

“Talvez ele a ame. Isso nunca lhe ocorreu?”

Anna Marie deixou que essas palavras escapassem de seus lábios sem pensar e Beethoven ficou revoltado. “Ao mesmo tempo”, contou ela a Schindler, “penso que, no íntimo, ele me admirou por causa delas.”

“Estou certo de que sim”, Concordou Schindler. “A verdade às vezes dói, mas ele preferia esse remédio amargo.”

Pouco tempo depois, Beethoven se mudava para as dependências da condessa, na Krugerstrasse.

“Tivemos dias e noites maravilhosos”, disse a condessa. “Eu convidava os mais finos músicos. Eu tocava piano e convidava Ludwig a improvisar. Meus filhos ainda estavam todos vivos e se agarravam a mim como sarna. Eu os colocava sobre meus joelhos quando tocava as passagens de pedal, mesmo quando meus pés estavam inchados. A vida com Beethoven foi tão arrebatadora e profunda quanto sua música — pelo menos durante certo tempo.”

“O que aconteceu?”, perguntou Schindler serenamente.

“Ele ficou muito enciumado”, disse Anna Marie, “por razões que não tinham nenhum fundamento. Por algum motivo, ele cismou que eu pagava a um de seus servos por favores sexuais. Era insanidade. Ele logo se mudou e, com seu senso de ironia, fixou residência temporária na Walfischgasse, embaixo de um prostíbulo. Só daí a dois meses tive notícias suas, e ele apresentou desculpas. Pediu perdão.”

“Você o perdoou?”

“Claro que o perdoei”, disse Anna Marie. “Nossa história não estava totalmente encerrada,” Ela vacilou, olhando pensativa nos olhos de Schindler. “Mas fui eu sua amada? A resposta é *sim*. E a resposta é *não*.”

A condessa Erdody entornou seu licor e pediu outro e também um para Schindler. “Você sabe bem sobre a ocupação?”, perguntou-lhe. “Quando Bonaparte pilhou e violentou nosso país e invadiu Viena?”

Ele balançou a cabeça. “Um pouco. Li a história.”

“Então deixe-me contar-lhe algumas coisas dessa história”, disse ela. “E o que ela representou para Beethoven e para mim.”



# Capítulo 10

## Cerco e Consolo

Afinal foram servidos pão preto e carne, e Schindler, entusiasmado, não se conteve, embebendo o pão no caldo e enxugando os dedos gordurosos no guardanapo preso ao pescoço à guisa de babador; a condessa Erdody mal tocou no seu prato. Continuou tomando licor e observando Schindler com um leve sorriso. Lentamente começou a lhe contar a desilusão de Beethoven com Napoleão Bonaparte.

Na primavera de 1809, semanas após o concerto de Beethoven no *Theater an der Wien*, Napoleão sitiou Viena. “Todos nós, que outrora julgávamos Bonaparte um libertador e um impulso para a mudança, agora percebíamos a verdade”, disse Anna Marie.

O Beethoven, que durante a década de 1790 se proclamara republicano — embora se misturasse com a aristocracia decadente e morasse em seus palácios —, não era, como artista e criador, muito

diferente das outras pessoas. E quando, por uma rara combinação de dinamismo pessoal, gênio militar e grandiosidade absurda, Napoleão assumiu o controle do exército e do governo francês, Beethoven transferiu seu devotamento por completo, com avidez quase infantil, para o baixinho, inteligente e meio insano primeiro-cônsul. Napoleão encarnou por breve período, para a *intelligentsia* européia, o idealismo da Revolução Francesa.

“Durante certo tempo todos nós acreditamos nele”, disse a condessa. “Lembro-me daqueles dias, mas nossa admiração sofreu muitos reveses até afinal se acabar.”

Em 1803, Beethoven decidira dedicar a *Terceira Sinfonia*, que ele estava compondo, a Napoleão, considerado o líder que prometia levar as conquistas da revolução a toda a Europa. Fora o homem que o inspirara, e Beethoven inscreveu na pequena página de sua partitura: *Sinfonia Grande, Intitulata Bonaparte*.

“Mas Bonaparte nos traiu”, disse a condessa. “Ele traiu uma geração. Assim que se proclamou imperador, partiu para a conquista do mundo. Tornou-se um tirano que sacrificou homens e mulheres a uma falsa noção de ‘povo’. Ele dizia que trouxera a liberdade para substituir a tirania dos reis, mas conhecíamos suas mentiras. Ele era Saturno engolindo seus filhos.” A condessa balançou a cabeça e, de súbito, pareceu velha. “Ludwig levou muito a sério a traição de Bonaparte às nossas crenças”, disse. “Seu herói, o homem que ele venerara mais que a todos os outros, tinha pés de argila...”

Á condessa Erdody bebericou o licor e prosseguiu: “Quando Beethoven soube da notícia que Napoleão pretendia ser coroado imperador, riscou a dedicatória. Ainda consigo me lembrar de suas palavras. Ele disse: ‘Napoleão revogará todos os direitos humanos e viverá apenas para sua própria vaidade e ambição. Ele se colocará acima de todas as outras pessoas e se tornará um tirano.’”

E, conforme pensou Schindler, os prognósticos do Mestre foram certos. Napoleão traíra o idealismo; tornara-se um déspota, um tirano que sacrificou milhares e milhares de homens e mulheres a algumas convicções ocas que significavam cada vez menos na esteira de sua auto-glorificação. Quando seus exércitos marchavam através da Europa, ele afirmava levar á liberdade para substituir as dinastias feudais, enquanto instalava seus irmãos nos tronos de Espanha, Nápoles e Holanda; substituindo a velha nobreza por uma nova, não melhor, e talvez mais cruel, do que a antiga. Houve conseqüências pelas quais quase todos os habitantes da Europa tiveram de pagar.

“A Áustria foi a que mais sofreu”, disse a condessa. “Sempre tivemos uma polícia secreta para temer. Mas, quando Napoleão se coroou a si e aos irmãos, acabou nos transformando a todos em patriotas vienenses.”

Fosse qual fosse sua admiração pela cultura austríaca — prosseguiu a condessa —, Napoleão queria habituar os vienenses a comer carne de cavalo. E quase alcançou seu objetivo. Em 1805, ele já derrotara os austríacos duas vezes, em Ulm e Austerlitz, acabando com a terceira coalizão criada contra ele. Invadira Viena no final daquele ano e, antes de partir, exigira que os cidadãos pagassem uma multa de 13 milhões de francos.

“Bonaparte afirmava que um exército só marcha de estômago cheio”, disse Anna Marie com amargura. “O que isso significava? Seu exército tinha a força, viviam dos bens de terras que não lhes pertenciam, e roubavam os alimentos. Em toda aldeia e toda cidade pela qual os franceses passavam, trucidavam os homens e violentavam as mulheres. Os camponeses não tinham escolha. Despojados de seus alimentos e na inanição, atacavam os vagabundos franceses e os assavam inteiros. Bonaparte fez com que se comportassem como feras, como feras desumanas...” Ela encarou Schindler, os olhos vermelhos e intumescidos por lembranças dolorosas. “Beethoven se tornou então um antifrancês fanático”,

disse4 “E, por causa da invasão, seu *Fidelio* fracassou desgraçadamente, fazendo-o infeliz.”

E, no entanto, refletiu Schindler, por irônica justiça, as Guerras Napoleônicas haviam enriquecido outro Beethoven: Johann obteve enormes lucros vendendo estanho para os austríacos e fornecendo medicamentos para os franceses. Ao terminar a guerra, era um homem abastado.

Os franceses logo se retiraram de Viena, mas por pouco tempo. No ano seguinte, 1806, o Sacro Império Romano terminou formalmente quando Francisco II abdicou. A Europa estava pronta para ser trinchada de um novo modo, e Napoleão afiou sua faca prevendo ficar com a maior fatia. Ele estava no auge de seu poder. Em 1809, quando o imperador Francisco da Áustria decidiu recuperar parte do que fora seu, os exércitos de Napoleão voltaram em marcha. Derrotaram os austríacos em Eckmuhl, no Danúbio, e apontaram seus tacões na direção de Viena — cidade que, dessa vez, decidira se defender. Sob as ordens do arquiduque Maximiliano, cerca de 16 mil soldados foram adestrados para a batalha.

“Grande parte da nobreza deixou a cidade”, disse Anna Marie. “Muitos dos amigos de Ludwig estavam entre eles — o príncipe Lichnowsky e sua família; os Waldsteins; Marie Bigot e seu marido — e o conde e condessa Gallenburg. Quando tentavam escapar de Viena, defrontaram-se com uma coluna de soldados franceses que os arrancaram de sua carreta e roubaram as jóias ocultas no forro das roupas de Julia. Ela foi, ao que parece, violentada. Não quero falar disso.”

“Foi um período terrível.” Schindler balançou a cabeça.

“Beethoven compôs sua sonata quando eles partiram”, disse Anna Marie. “Você a conhece?”



Ele compôs *O Adeus, Viena, 4 de Maio de 1809* para o arquiduque Rudolph, o de mais alta linhagem entre todos os benfeitores de Beethoven e irmão do imperador Francisco. Contém três belos movimentos: *Das Lebowohl*, o pesaroso adágio em contraponto com o ritmo jovial da viagem e da partida, descrevendo o instante em que o arquiduque deixava Viena; *Abwesenheit*, a dor de sua ausência; e finalmente *Wiedersehen*, o final lépido, animado e otimista.

“Os canhões começaram a cuspir fogo no dia 11 de maio”, disse a condessa, “dois dias depois que os franceses chegaram aos arrabaldes da cidade. Você se lembra?”

“Eu ainda estava na escola”, disse Schindler meneando a cabeça. “Ainda na Morávia. Mas me lembro, porque o arquiduque Carlos estava na Boêmia, e pensava-se que ele avançaria sobre Viena.”

“Sim, derrubamos as árvores na Prater para erguer barricadas nas ruas e queimamos as pontes do Danúbio, esperando defender o último trecho da cidade enquanto Carlos não chegava. Mas então os franceses armavam suas baterias atrás das estrebarias imperiais. Nunca ninguém ouvira fogo de artilharia tão ensurdecedor. Incêndios surgiram por toda parte.”

O céu estava em chamas e cheio de fumaça. Era tarde da noite. Anna Marie retirou-se para o palácio do marido para abraçar suas duas filhas pequenas, Fritzi e Mimi, e seu filho, Augusto.

“Mimi insistia em escapar de meu abraço”, disse a condessa. “Mesmo quando as janelas explodiam e se arrebentavam.”

Logo os franceses alcançaram seu objetivo. Napoleão invadiu a cidade e ocupou o palácio Schonbrunn. O arquiduque Carlos não chegou; fora apenas um rumor. Nos dias seguintes, a escassez de alimentos foi terrível. Não havia farinha, apenas cevada para fazer pão, pois os exércitos franceses se apoderaram das padarias e se

alimentavam. Eles comeram a carne e requisitaram o queijo, o vinho e a cerveja.

“Acho que meu pobre Augusto nunca se recuperou da ocupação”, disse Anna Marie sobre o filho, que adoecera. “De qualquer forma, apenas em outubro o tratado foi assinado, e as coisas ficaram mais fáceis.” Ela mergulhou em silêncio, perdida em pensamentos.

“E o Mestre?”, perguntou Schindler, induzindo-a a continuar.

“Ele nunca parou de compor”, disse. “E havia belas criações o quarteto, um concerto e uma sonata, tudo em mi menor. Mas sabe de uma coisa? Daquele período, o que mais me emocionou foi algo bem distinto.” Anna Marie inclinou-se para mais perto dele, o olhar fixo perturbado por saudades. Schindler sentiu certa frustração, mas não se retraiu.

“Quando minha filhinha Mimi morreu, eu não via Beethoven já fazia algum tempo. Quando Mimi foi sepultada, ele esteve no funeral, mas não nos falamos. Eu chorava a perda — eu tinha perdido tanto.”

“Eu sei”, disse Schindler em voz baixa, obrigando-se a retribuir o olhar fixo dela.

“Mas Mimi foi a perda mais difícil. Minha criada veio até mim e disse: ‘Sua Alteza, há um cavalheiro esquisito que quer vê-la.’”

“Eu disse: ‘Não posso receber ninguém.’”

“Ele insiste.”

“Mande-o embora.”

“Já mandei. Ele não quer ir.”

“Não posso ver ninguém.”

“Acho que ele não consegue escutar”, disse minha criada, porque *não* vai embora.”

“Era o Mestre”, disse Schindler.

“Sim, Beethoven viera me ver. Segurava um manuscrito. Não consegui falar, nem ele conseguiu — então se dirigiu ao piano, voltou-se para mim e disse: ‘Falaremos com música.’”

“E durante uma hora ele tocou.”

Schindler tentou encontrar palavras para aliviar a dor que ela rememorava: “Ele a consolou.”

A condessa sorriu melancólica e seus olhos inundaram-se de lágrimas. “Ele tocou o *Trio* — você sabe a qual me refiro? Ele o havia dedicado a mim.”

“Em ré maior?” ,

“Sim”, disse a condessa. “*Espectro.*”

E aqui a condessa afastou dele o rosto e apoiou a face na mão. Eles estavam sentados juntos, mudos. Lá fora, o Drava corria para o Danúbio e, depois, para Viena. Como que ouvindo seu fluir, Anton Schindler permaneceu imóvel, sem ousar piscar. Tentando não sentir a dor da condessa.

Já era bem tarde; os candeeiros foram apagados e as velas ardiavam com luz baixa. Os camponeses haviam desaparecido na noite e a proprietária aproveitava toda oportunidade para avisá-los do avançado da hora. Schindler ficaria para passar a noite; um quarto lhe fora preparado, mas ele ainda não estava disposto a se retirar. Nem a condessa.

Sentados ali, conversando, eles reabasteciam constantemente seus copos. Por mais que tivesse bebido, Schindler fazia todos os esforços para não se afastar de sua meta como um repórter em busca dos fatos, embora não conseguisse evitar que suas emoções se insinuassem no seu raciocínio e palavras. Todavia, lá pelas tantas, entre o quinto e o oitavo copo, ao começar a sentir os efeitos do licor de ameixa, Schindler perdeu suas inibições e prudência excessiva. Disse emocionado: "Você deve tê-lo amado muito."

"De todo o meu coração", disse Anna Marie.

"E ele a você."

"Não." Ela pendeu a cabeça, cerrou os olhos. "Não creio."

"Então ele era um tolo."

A emoção era demais para Schindler; ele esvaziou o copo, sentindo-se ruborizar e temendo que tivesse ultrapassado os limites.

"Gosto mais de você quando bêbedo", disse Anna Marie com um sorriso.

"Todo mundo gosta." Ele soltou um riso breve. "Minha seriedade cansa as pessoas."

"É bom falar de Beethoven", disse ela. "Foi por esse motivo que você fez esta longa viagem?"

"Não." Schindler balançou a cabeça. "Tem mais."

"Você disse que existe um assunto pendente."

"Sim."

"Como posso ajudá-lo?"

“Talvez não seja nada”, disse ele com ar fatigado. “Mas talvez seja a chave para compreendê-lo. Talvez os outros estejam com a razão e eu devesse desistir. Mas não posso. É impossível para mim. Encontrei uma carta em sua escrivaninha. A gaveta estava toda embolorada. As cédulas bancárias, eu dei. A carta me domina. Posso mostrá-la amanhã.” Inclinou-se para a condessa ao se erguer, um pouco claudicante.

“Boa noite, Herr Schindler.”

“Boa noite”, disse, hesitando antes de acrescentar “Anna Marie.”

“Sim, Anna Marie. Gosto disso, Herr Schindler. Você ouve e você aprende.”

Após receber uma vela e uma sineta, Schindler subiu as escadas. Ouvia música em sua cabeça. Podia ouvir o animado *presto* da *Sonata Kreutzer* e, enquanto ouvia, sabia que esse não era propriamente o fim do dia. Era, ao contrário, seu começo.

# Capítulo 11

## A Verdadeira História da Sonata Krentzer

Schindler não conseguiu conciliar o sono. Despiu-se, examinou o colchão de penas à procura de percevejos e apagou a vela. Seu quarto ficava sobre a cozinha e, depois que se deitou, ouvia as ratazanas em correria em baixo. No corredor lá fora, a condessa subiu as escadas lenta, penosamente, bem depois que ele se retirara, e ouviu suas discretas abluções no aposento contíguo ao seu. Duvidou que tampouco para ela o sono viesse facilmente.

E a *Sonata Kreutzer* não o deixava, com sua bela linha melódica e o *presto* aguçado afugentando sua vontade de dormir.

Na escuridão, seus pensamentos se voltaram para Beethoven. Ainda era impossível acreditar, aceitar que ele estivesse morto. Era verdade, conforme a condessa Erdody dissera naquela noite, que,

apesar de toda a desordem do ambiente em que vivia, Beethoven nunca relaxava com sua roupa-branca. Schindler lembrava-o, não naquilo em que ele se tornara, desleixado no trajar, mas envergando uma sobrecasaca azul, os botões de latão nunca fechados, a garganta oculta por um cachecol. E se lembrava das feições do Mestre na ocasião em que se conheceram, quando seus cabelos ainda eram escuros e se erguiam nas laterais; seu rosto anguloso de mandíbulas sólidas, marcado levemente por pardas cicatrizes de varíola; nariz amplo e o lábio inferior saliente e desafiador, lábio de uma boca sensível; e, acima de tudo, seus pequenos olhos penetrantes rebrilhando por baixo de grandes sobrelanceiras espessas.

E se lembrava do homem que havia dentro daquela estrutura física, que ninguém exceto ele (o que seguramente, conforme esperava, seria reconhecido) e uns poucos eleitos podiam dizer que conheciam — altivo, teimoso, todo franqueza, imaturo, suspicaz, desconfiado, insociável e (para uns poucos) moralizador e magnânimo, às vezes até em excesso. Como poderia mesmo ele conhecer de fato esse homem no qual esses fatores conflitantes se juntavam, participando de um mesmo temperamento?

Não era uma pergunta vã. Pois ela continha a chave, conforme suspeitava Schindler, para a descoberta da identidade da Amada Imortal. Porque o temperamento singular de Beethoven obrigava a indagar e a buscar uma resposta para essa única indagação: como pode um homem magoar e mesmo corromper o que ele mais ama!

Ela percorria sua cabeça agora sem cessar, enquanto ele tentava dormir: a *Kreutzer*. A *Sonata*, constatou afinal, que representava um belo exemplo do Mestre em seu melhor e pior momento, em sua maior grandeza e insignificância.

Lembrou-se de que foi composta a princípio para o grande violinista mulato George Bridgetower — deve ter sido bem no início do século, 1802 ou por aí. Nascido na Polônia, ele era filho do lacaio

do conde Esterhazy, famoso aristocrata húngaro e um dos primeiros benfeitores de Beethoven, Bridgetower exibia grande talento quando jovem. Quando chegou a Viena, foi recepcionado pelo príncipe Lichnowsky e por toda a aristocracia musical. E no salão do príncipe conheceu Beethoven; logo ambos se tornaram amigos íntimos. Durante certo tempo eram vistos sempre juntos, descontraindo-se na casa do conde Deym, jantando com a condessa Guicciardi, passando as noites no Café de Taroni. Schindler ouviu a história, certo dia, diretamente do próprio Bridgetower.

“Quando tocamos a sonata que ele estava compondo”, disse o músico, negro alto de ares distintos, um cavalheiro sob todos os aspectos quando se conheceram por volta de 1820, num café, “alterei o estribilho da primeira parte do *presto*. Beethoven se ergueu num salto, abraçou-me e beijou-me no rosto.”

Num súbito lampejo de inspiração, Beethoven decidiu dedicar essa nova sonata em lá maior ao próprio Bridgetower. Era uma peça musical capaz de derreter a resina de seu próprio arco. O Mestre pretendia concluí-la para um concerto no *Augarten*, e ela seria executada com Bridgetower tocando com o quarteto *Schuppanzigh*.

“Foi tudo muito divertido”, disse Bridgetower quase duas décadas depois, balançando a cabeça. “Como foi estranho.”

E isso Schindler pôde confirmar, pois vira a dedicatória brincalhona, em italiano, na partitura original em manuscrito. *Sonata Mulattick. Composta para o mulato Brischdauere, grande compositor e lunático e mulato.*

No entanto, conforme era de costume, logo após o concerto e antes que a sonata fosse publicada, Beethoven e Bridgetower desentenderam-se.

“Ele ficou com ciúmes de mim, creio”, disse Bridgetower suavemente, misturando creme em seu café. “Dividíamos as atenções de uma certa jovem atraente, ou pelo menos era o que ele



acreditava. Foi uma discórdia tola.” O violinista negro não era apenas um soberbo virtuose; era também envolvente, simpático, tranquilo, asseado e equilibrado. Beethoven não possuía nenhuma dessas virtudes, exceto a primeira. E não podia suportar. Não era de sua índole aceitar que outro homem o sobrepujasse.

Portanto, a *Sonata Bridgetower* foi publicada como *Sonata Kreutzer*, dedicada a outro violinista que Beethoven mal conhecia e que, embora grato por ela, nunca chegou a executá-la. E sua relutância não se devia ao respeito por Bridgetower, conforme os críticos musicais gostavam de dizer. A dedicatória em si era uma pilhéria, pois todo mundo sabia que Rudolph Kreutzer era incapaz de executar *staccatos* que ao menos se aproximassem do brilho de Bridgetower — e a sonata de Beethoven em lá maior estava repleta deles.

Acontecia assim muitas vezes com Beethoven: amor transformado em ódio, como o fogo arde brilhante num recipiente fechado até que, afinal, todo o ar é consumido.

O sono não chegava para Schindler; ele ouviu o relógio da aldeia bater duas vezes. Destampou um frasco de remédio, que continha álcool e que ele tomava para a dor crônica das costas. Tomou uma boa talagada, esperando mergulhar na inconsciência e deixar para trás o *presto* de Kreutzer.

Mas não conseguiu.

Seu espírito subitamente aferrou-se a si mesmo, ao caso de Anton Schindler — que não era seu assunto preferido. Ouvindo a *Sonata Kreutzer*, e ouvindo-a soar agora em sua mente, foi reconduzido ao passado e reavaliou toda sua convivência com Beethoven. Parecia haver alguma ligação entre a *Sonata Kreutzer* e sua busca atual. Era como se, retrocedendo no tempo, analisando-se e às suas relações com o Mestre, ele pudesse encontrar uma pista que fora negligenciada. Uma pista para chegar à Amada Imortal.

Anton Felix Schindler fora para Viena em 1813, quando tinha apenas dezoito anos, para estudar Direito. Mas a profissão de advogado estava sempre em segundo plano em seus pensamentos. Era filho de músico — o melhor da aldeia de Meedl, perto de Olmutz, na Morávia — e a música se entranhara em seu coração como um veio de cristal na rocha. Em 1814, foi entregar um bilhete do violinista Herr Schuppanzigh para Beethoven, sobre um concerto que aquele devia dar. O jovem Schindler e o Mestre se encontraram, trocaram gentilezas e, embora nada resultasse daquilo na ocasião, Beethoven não se esqueceu.

No ano seguinte, Schindler foi detido e encarcerado por participar de uma rebelião estudantil na Universidade. Não passava, no entanto, de umas poucas reuniões de estudantes, denunciados pelo movimento antibonapartista dos Carbonari que despertava um novo nacionalismo. Mas o governo levou o assunto a sério, perseguiu Schindler e o lançou na prisão. Após sua libertação, Beethoven mandou chamá-lo exprimindo o mais veemente apoio ao que ele fizera. Schindler comoveu-se quase até às lágrimas com o interesse do Mestre. E, embora lhe faltasse a personalidade ardente de Beethoven e pertencesse a uma geração diferente, os vínculos começaram a se formar entre eles. Logo começaram a se encontrar em tabernas e a fazer longas caminhadas juntos.

Suas relações tinham altos e baixos, é verdade, dependendo do humor do Mestre, que mesmo na época passava por oscilações desenfreadas. Empenhando-se em compreender — e perdoar — suas mudanças emocionais, Schindler culpava a audição de Beethoven que de fato piorara durante aquele período. Schindler se lembrou de que ele passou a usar uma trompa de ouvido e resmungava quando ela se mostrava de pouca valia. Mais e mais Beethoven exigia que seus interlocutores anotassem o que queriam dizer-lhe, usando um giz e lousa ou um pedaço de papel. Devia ser o ano de 1818 quando Schindler foi ao livreiro e comprou os primeiros cadernos de anotações em branco, a serem usados para conferir certa ordem às conversas do Mestre. E foi durante esse período que

a firma de John Broadwood, da Inglaterra, despachou para Beethoven um piano de cauda especial com cúpula de estanho; esperava-se que o ajudasse a ouvir notas com maior clareza, mas se revelou apenas outra decepção.

Nos poucos anos seguintes, sabia-o Schindler com certeza, Beethoven passou por um grau de isolamento que deve ter sido único na história de um gênio. Com todos aqueles dispositivos para ajudá-lo a ouvir, nenhum deles lhe trouxe a mais leve satisfação. Apenas salientavam sua incapacidade e apontavam para o tempo em que ele perderia totalmente a audição. De que servia os visitantes virem e partirem, pensou Schindler, deixando suas observações preservadas num caderno, se o Mestre se confinava à reclusão de sua surdez?

Foi em sinal de reconhecimento a tudo isso, e não devido a alguma forma de servilismo de que às vezes seus inimigos o acusavam, que Schindler visitou Beethoven certo dia e escreveu no Livro de Conversas:

*"Estou trabalhando em suas sonatas para piano."* Com efeito, Schindler começara a estudar piano — ele já era destro no violino — para aprendê-las. Beethoven explicava-lhe com cuidado, e Schindler ia para casa e exercitava-se nelas até alcançar o nível da maestria. Gostava de visitar Beethoven e poder dizer: "Decorei outra". Era como se quisesse tornar-se outro par de ouvidos para Beethoven. Dedicou-se com empenho entre 1818 e 1821 e, um belo dia, escreveu no Livro de Conversas: *"Agora sei todas de cor!"*

Em poucos anos, Schindler abandonou por completo a advocacia e se tornou primeiro-violino no *Theater in der Josephstadt*. Então percebeu que se tornara o amigo mais sério de Beethoven, seu secretário particular, seu *factotum*, seu amanuense. Levava e trazia, acalmava, errava, sofria reprimendas, lisonjeava, argumentava, insistia e se desesperava. Fazia-o sem receber salário porque aquele era Beethoven.

Mas foi recompensado?

Era uma boa pergunta. No entanto, por mais que Beethoven fizesse o papel de Deus, apesar de todos os abusos que Schindler acabou sofrendo, embora o Mestre o cumulasse de calúnias frente aos outros, principalmente nos últimos anos, Beethoven nunca perdeu sua bondade essencial ou suas ligações com outras pessoas. O que a princípio poderia parecer arrogância pura e simples era obra de uma alma que se debatia em busca de bondade; ele labutava num isolamento que era ao mesmo tempo auditivo e espiritual, pois transportara a música para além do horizonte da compreensão de seus contemporâneos.

Mais uma vez os pensamentos de Schindler se voltaram para a *Kreutzer*. Quando ele a ouviu em concerto pela primeira vez, no palácio do príncipe Lobkowitz, Beethoven estava na platéia. Enquanto um remoinho de emoções conflitantes se formava no íntimo de Schindler, ele teve a audácia de passar para Beethoven um bilhete: "*Não consigo entendê-la.*"

O Mestre, longe de mergulhar na fúria, respondeu: Tampouco a entendem os que a interpretam ou a ouvem. Mas seus filhos poderão entendê-la, ou seus netos. Ou os netos de seus netos.

Aquilo pareceu a princípio arrogância pura e simples, mas Schindler percebeu prontamente que precisava ouvir com maior atenção para entender o que Beethoven queria dizer. A *Kreutzer* prosseguiu. Beethoven passou para Schindler outro bilhete: *A música é algo terrível. O que é? Não a entendo. O que é a música? O que ela faz?*

Schindler respondeu: Ela engrandece a alma.

*E Beethoven mal pôde reprimir seu riso enorme ao responder:* Puro contra-senso! Se você ouve uma banda em desfile, sua alma fica engrandecida? Não, você marcha. Você ouve uma valsa, você dança. Você ouve uma missa, toma a comunhão. Não. É, antes, o

poder da música que transporta a pessoa diretamente para o estado mental do compositor. O ouvinte não tem escolha. É magnetismo animal. Ele percebia a empreitada em toda a sua dimensão, Schindler compreendeu, e conseguia exprimi-la em palavras. A música estava dizendo, segundo o Mestre: *"É assim que é. Não como você está habituado a pensar e a ser, mas assim. Ouça"*.

Schindler permaneceu deitado, lembrando. Não importava que Beethoven houvesse tantas vezes abusado dele e causado tantos problemas; aquilo nada significava em comparação com o que ele, Schindler, lhe devia. Beethoven lhe transmitira uma nova compreensão da música, compreensão que lhe trouxera grande júbilo. A música de Beethoven forçara-o a ver o mundo sob uma luz totalmente nova, de um ápice de consciência nunca escalado antes. Não havia dom maior.

E ali estendido até altas horas da noite, o violino ainda arranhando com fúria sua mente, Schindler afinal adormeceu. Mas o Mestre ainda parecia estar de pé diante dele, e dizia, como se explicasse a *Kreutzer*: *"Um homem tenta chegar até sua amante. Sua carruagem se quebra em meio à chuva. Suas rodas estão atoladas na lama. A amada não esperará por muito mais tempo. Ouça o ruído de sua agitação."*

E Schindler, dormitando, lembrou uma notável passagem de uma das cartas do Mestre que, na ocasião, significara pouco para ele: "...avisaram-me para não viajar à noite; fizeram-me recear uma floresta, mas isso apenas me deixou mais ansioso... e eu estava errado... continuo teu! Os deuses devem nos propiciar o descanso, seja o que for que tenha sido determinado para nós, que assim seja.

Ele adormeceu, o fiel Schindler. Pensou, num sonho: *"Continuo teu"*.

A procura da Amada Imortal aguardaria o amanhecer. Prosseguiria.



# Capítulo 12

## Assunto Pendente

Ele dormiu até tarde, só despertando às 8 horas, bem depois que a criada batera à porta e deixara a bacia e o cântaro. A condessa desceu a escada bem depois dele, coxeando, às 9:30. Ela levara para a hospedaria sua própria geléia de ameixa, que lhe foi servida com espesso pão preto, e que dividiu com Schindler. Tomaram chá forte adoçado, que Anna Marie bebeu sugando-o através dos cubos de açúcar mantidos entre os dentes. Lá fora chovia sem parar e, se aquilo continuasse por mais algum tempo, as estradas ficariam quase intransitáveis. Schindler sentia uma ansiedade anormal e sabia que tinha a ver com sua ânsia — e, no entanto, também relutância — de compartilhar com a condessa o que estava no bolso interno de seu casaco.

“Você vai me mostrar a carta agora?”, perguntou Anna Marie afinal.

Ela o encarou diretamente e, à luz da manhã, era evidente que seu desejo de pensar e falar em Beethoven fora estimulado por sua conversa da noite anterior. Uma excitação quase palpável emanava dela, e Schindler, além de sentir-se ansioso, experimentava certo desejo de alçar vôo.

“Sim, claro”, disse quase distraidamente. Tomou seu chá e, devagar, comeu pão e geléia. Comentou a beleza do Drava e da floresta às margens do rio e perguntou sobre o castelo de seu tio e as terras que Anna Marie possuía na Croácia, e se ela preferia a vida no exílio à vida em Viena que, para Schindler, já perdia seu brilho, agora que o Mestre se fora. Anna Marie, embora ansiosa por tratar do assunto comum a ambos, deu-lhe cortesmente respostas completas que ele prontamente esqueceu. De súbito, sua mão direita mergulhou no bolso interno do casaco e retirou a carta.

“Aqui está, por favor.”

Meu anjo, meu tudo, meu outro eu, só umas poucas palavras hoje, e ainda assim a lápis (seu)...

Ao ler aquele intróito, a condessa sentiu sua emoção crescer de súbito, a respiração acelerar-se.

“Não posso fixar a data da carta com precisão absoluta”, disse Schindler. “Mas um testemunho confiável situa-a no verão de 1806. Foi entregue num hotel em Karlsbad. Não tenho idéia de como Beethoven a recuperou.”

Enquanto Anna Marie, lendo lentamente, concluía cada página, Schindler pegava-a e lia a carta mais uma vez, ele próprio, embora a essa altura já a tivesse praticamente decorado. Por mais vezes que a lesse, ele ficava impressionado por seu brilho hipnótico e pela avassaladora necessidade que exprimia por aquela mulher — sua Amada Imortal.



Por que essa tristeza profunda, quando a necessidade aparece? Pode nosso amor subsistir, exceto por meio dos sacrifícios, sem tudo pedir? Podes alterar o fato de que não és toda minha... e eu não sou totalmente teu? Oh, Deus, contempla a bela natureza e resigna-te ao que tem de ser. O amor tudo exige, e com razão; eis como me sinto para contigo e tu para comigo. Apenas tu esqueces facilmente que preciso viver por ambos, por ti e por mim. Se estivéssemos totalmente unidos, sentirias a dor tão pouco quanto sinto.

“Ele emprega o termo familiar *tu*”, disse Anna Marie quase distraidamente. “Era uma forma que ele nunca usou nas cartas para mim.”

Schindler meneou a cabeça, sem saber como responder àquilo. Disse: “Conforme pode notar, ele fala de seu transtorno com a carruagem, de um enguiço numa estrada do interior. Escreveu isto de um hotel ou de uma estância de águas.”

A condessa prosseguiu a leitura:

Minha jornada foi assustadora; só cheguei aqui às 4 horas da madrugada de ontem. Por falta de cavalos, a carruagem tomou outra rota, e que pavorosa! Na etapa anterior à última, avisaram-me para não viajar à noite; fizeram-me recluir uma floresta, mas isso apenas me deixou mais ansioso... e eu estava errado. A carruagem precisava quebrar na estrada desventurada — uma infundável estrada de lama.

Agora, rapidamente, das coisas exteriores para as interiores. Vamos provavelmente nos ver em breve. Não posso, hoje, contar-te as observações que fiz de minha vida nesses poucos dias. Estivessem nossos corações sempre unidos, e eu provavelmente não precisaria tê-las feito. Meu coração transborda de pensamentos que quero contar-te. Oh, penso que há momentos em que as palavras nada significam... Sê feliz! Continue sendo meu verdadeiro, meu

único amor, como sou o teu. Quanto ao resto — o que há para ti e para mim — está nas mãos dos Deuses.

“Isto encerra a carta propriamente dita”, disse Schindler, enquanto Anna Marie depositava a última página. “Mas há dois pós-escritos, ou acréscimos. Um escrito à noite, antes de ele ir se deitar, quando soube que a carruagem só partiria daí a três dias, e que ela, sua amada, não receberia sua carta antes de sábado.”

“Estás sofrendo, ser mais adorado — (só agora fico sabendo que é preciso postar as cartas bem de manhãzinha, e que quinta-feira e segunda-feira são os únicos dias em que segue correspondência para K.). Estás sofrendo... Ah, onde quer que eu esteja, estás comigo; e, ao falar-te, falo a mim mesmo. Faz o que estiver ao teu alcance para que eu possa viver contigo. Que vida! como esta!! Sem ti, aborrecido com a bondade das pessoas daqui e dali, que nem mereço nem quero merecer. A humildade do homem para com o homem magoa-me. E, quando penso em mim em conexão com o universo, o que sou e o que é Ele, a quem chamam o Supremo? E no entanto é aqui que reside o divino em um homem.

“O Mestre se debate novamente com o que é sagrado para ele”, explicou Schindler. “Você não concorda? Ele mede seu amor comparando-o com a imensidão do Universo. É uma faceta do Mestre que antes vi apenas em sua música.”

Constato que apenas sábado receberás as primeiras notícias minhas. Por mais que me ames, amo-te ainda mais... Mas nunca ocultes nada de mim... Boa noite! Preciso ir deitar-me. Oh, Deus, tão perto! tão distante! Não é nosso amor uma estrutura verdadeiramente celeste? E tão sólido, também, quanto a abóbada do Céu.

“Então, pela manhã mais uma vez ele escreveu-lhe outro pós-escrito”, disse Schindler. “Evidentemente estava enamorado de um modo que nunca estivera antes nem estaria depois.”

Mesmo no leito, meus pensamentos vão para ti, minha Amada Imortal; são às vezes felizes, às vezes tristonhos, esperando que os fados atendam aos nossos desejos...

Esta última parte da carta provocou uma ansiedade tão invulgar em Schindler que ele teria preferido deixar as coisas como estavam. Mas não podia e, quando Anna Marie terminou a carta, também ela estava ao mesmo tempo em lágrimas e assombrada. Ele tomou da carta e a\* leu do começo ao fim, mais uma vez:

Ou vivo totalmente contigo ou não vivo de modo nenhum. Sim, estou decidido a perambular na distância até poder cair em teus braços e me sentir perfeitamente em casa contigo e poder enviar minha alma, impregnada de ti, aos paramos dos espíritos. Sim, tem de ser assim. Ficar ás resignada, muito mais resignada, por saber es como te sou sincero. Nenhuma outra jamais possuirá meu coração, nunca, nunca! Oh, Deus, por que se tem de deixar o que tanto se ama? E no entanto minha vida em Viena, como a levo agora, é medíocre, e teu amor me toma o mais feliz e também o mais infeliz dos homens. Neste período de minha vida preciso de uniformidade, de certa regularidade; pode isto existir, sendo nossas relações o que são? Meu anjo, tem calma. Apenas pela tranqüila avaliação de nosso ser podemos alcançar nosso objetivo de viver juntos. Tem calma! Ama-me! Hoje, ontem, que dolorosa saudade de ti, de ti, de ti, minha vida, meu tudo! Adeus. Oh, continua a amar-me! Nunca interpretes mal o sincero coração de teu amado Ludwig. Eternamente teu. Eternamente minha. Eternamente nós...

Schindler pousou a carta. "Diga-me o que pensa francamente", pediu à condessa.

Anna Marie nada disse a princípio; ergueu-se da cadeira. "Precisamos de mais chá", disse, e coxeando entrou na cozinha.

Ele a ouviu, um momento depois, travando com a proprietária uma acalorada discussão sobre a correta quantidade de água no

chá. Ela está nervosa, pensou Schindler. A carta deixou-a atordoada. Voltando à mesa ela se sentou, olhando fixamente para Schindler, mas em silêncio. Quando trouxeram o chá, ela bebericou-o, de novo com cubos de açúcar nos dentes. Ele estava impaciente e por uns instantes nada falou, mas afinal não se conteve, dizendo: "Conte-me, condessa — Anna Marie —, você sabe quem é ela?"

A condessa Erdody pousou sua chávena tão bruscamente que quase a partiu. "Por que pensa que devo saber?" Seus modos estavam subitamente tensos e rígidos. Schindler, surpreso, disse: "Desculpe, eu..."

Ela se curvou aproximando-se e o interrompeu falando: "Você me diz que quer conhecer a identidade dessa Amada Imortal. Bem, talvez você consiga e talvez não. Mas, de qualquer forma, você nunca compreenderá nada se não retomarmos o assunto e não encerrarmos o que iniciamos na noite passada. Dá para entender?"

"Claro", disse Schindler um tanto desconcertado.

"Agora recomeçemos. De onde paramos."

"Claro."

"Talvez você se lembre de um certo incidente ocorrido entre Ludwig e seu irmão Caspar. Um que envolveu o possível furto de música de Beethoven."

Schindler fez que sim com a cabeça. "Lembro-me. Não poderia esquecer."

"É daí que precisamos começar."

"Não entendo."

"Você entenderá."

Ela quis saber de um violento confronto entre Beethoven e seu irmão, e insistiu que ele lhe contasse toda a história. Embora aquilo lhe parecesse absurdo, na verdade, a condessa se tornara subitamente tão nervosa e temperamental que ele não a questionou mais firmemente e fez o que ela disse.

“Foi em 1815, não foi?”

“No rigor do inverno”, respondeu Schindler.

Durante alguns anos após seu casamento, Caspar Beethoven e seu irmão Ludwig não se falaram. O ciúme de Beethoven e sua vergonhosa intromissão na vida de Caspar e Johanna durante a lua-de-mel envenenaram suas relações; eles mal suportavam ficar na presença um do outro. Mas haviam-se reconciliado em parte em 1809. Na época em que Viena foi invadida por Bonaparte, os alojamentos de Beethoven ficavam nas trincheiras da cidade, e ele era vulnerável ao canhoneio direto. Por isso aceitou o convite de Caspar, para que se hospedasse em sua casa na Rauhensteingasse. Ali Beethoven encolhia-se de medo no porão durante o bombardeio, segurando travesseiros contra os ouvidos por temer que o troar dos canhões prejudicasse ainda mais sua audição.

“Aquela não foi, contudo, uma reconciliação completa — entre outras coisas, Beethoven se negava a falar com Johanna e, de fato, nunca a viu nem a seu filho enquanto permaneceu ali, durante o bombardeio. Mas, daí a mais alguns anos, os dois irmãos começaram a se encontrar regularmente”, disse Schindler. “Mas sempre nas dependências de Beethoven. Caspar mais uma vez assumiu o manejo de alguns dos negócios do Mestre.”

“Lembro-me de que todos os amigos de Ludwig em Viena eram contra Caspar”, disse Anna Marie. “Quando seu nome vinha à baila,

era sempre com um trejeito ou suspiro irritado. Todos, exceto Beethoven, diziam que Caspar era tolo, incompetente e infantil.”

“Devo confessar que o considerava um tolo”, disse Schindler.

“E talvez ele o fosse”, disse Anna Marie. “Os vienenses podem ser extremamente severos com certos indivíduos sem cultura, e Caspar era um deles.”

Só pouco tempo antes Schindler passara a ver Beethoven quase diariamente para executar pequenos recados e tarefas. Gostava de fazer qualquer coisa que lhe pediam, apenas para ficar em contato com o Mestre; na verdade, ainda ficava intimidado em sua presença e assombrado com a rotina diária do homem. Beethoven elaborava e reelaborava suas partituras com inimaginável diligência, e Schindler assistia em primeira-mão a esse magnífico processo criativo. Schindler considerava simplesmente notável que do caótico ambiente cotidiano de Beethoven pudesse surgir tamanha beleza. Beethoven levantava-se bem cedo, ao alvorecer, e ia diretamente para sua escrivaninha. Apenas a deixava, exceto para breves pausas, às 2 ou 3 horas da tarde. Então, após tomar a refeição, no fim da tarde, dava longas caminhadas por toda Viena. Enquanto caminhava, reelaborava material em sua mente, murmurava em voz alta ignorando o mundo exterior, com seu caderno de esboços e um lápis no bolso do casaco, prontos, se uma idéia lhe ocorresse. Quando Schindler perguntava-lhe sobre seus métodos de trabalho, Beethoven dava respostas completas e generosas, fornecendo ao grato Schindler novas visões da mente do grande compositor.

Ao mesmo tempo, Schindler não conseguia deixar de observar Outra faceta do Mestre, aquilo que passou a considerar seu lado sombrio e mau. Certo dia, ao chegar em casa, Schindler notou que Beethoven não conseguia encontrar certos esboços que havia escrito. Entregara-se a uma frenética frustração e começara a afirmar que a lavadeira os pegara. Á velha mulher, que conhecia Beethoven havia apenas uma semana (e que nunca mais seria vista

de novo), já começara a soluçar, protestando inocência nos termos mais enérgicos. Schindler acalmou-a, mandou-a embora e voltou-se para Beethoven, recorrendo ao bom, senso.

“Que utilidade seus esboços teriam para uma lavadeira?”, perguntou. E, num gracejo cortês, acrescentou: “Só você consegue decifrá-los.”

“Você não sabe”, disse Beethoven asperamente. “Aquela bruxa pode tê-los vendido como *souvenirs*.”

“Duvido seriamente disso, Mestre.”

Beethoven sentou-se à escrivaninha, mergulhado em furiosos pensamentos, como que travando acalorada discussão consigo. Então subitamente saltou e gritou: “Você está com a razão! Agora me lembro!”

“O quê?”

“Caspar está com eles!”

“Ah!”, disse Schindler, aliviado. “Assim o mistério fica resolvido. Quer que eu vá buscá-los para você?”

“Eu irei”, disse Beethoven. Ele ajeitou sua sobre-casaca. “Deixei os esboços sob a guarda de Caspar. Ele devia tê-los devolvido a mim muito tempo atrás.”

A intuição de Schindler lhe disse que devia acompanhar Beethoven até a casa do irmão. Sentiu que nem tudo ia bem. Sabia que não era de surpreender se Beethoven, levando uma vida de eterna desordem e que parecia mudar de residência de poucos em poucos meses, confiasse a guarda de seus manuscritos a outros. Mas algo lançara um toque de suspeita e desconfiança em Beethoven naquele dia e, por razões que não conseguia adivinhar, Schindler sentiu que nele crescia a maré da raiva. Sua boca estava

rígida, seu lábio inferior se projetava em fúria; ele caminhava sem demonstrar consideração pelos outros, atento apenas aos esterco de cavalo e poças de lama. Chegando à casa de Caspar nos arredores da cidade, Beethoven deu duras pancadas na porta. Como ela não se abrisse num instante, ele irrompeu casa a dentro. A família estava na cozinha, jantando.

“Meu Deus!”, exclamou Caspar, atônito. Schindler seguiu atrás com relutância e se curvou cerimoniosamente para Johanna, que Beethoven ignorou. Fazia muitos anos que eles se haviam visto pela última vez, desde que Beethoven se intrometera em sua lua-de-mel e ela estava grávida de quatro meses. Mas Beethoven simplesmente fez que não a viu, como se a tivesse encontrado ainda naquela manhã. O filho deles, Karl — garoto de feições agradáveis e cabelos castanhos, talvez de nove ou dez anos —, pousou a colher e encarou a agitada figura, surpreso.

“Você é meu tio?”, perguntou. “Meu tio Ludwig é um compositor famoso.”

“Beethoven, pego de surpresa, abriu-se num sorriso cordial. “Você é Karl?”

O menino fez que sim com a cabeça. “Sim. E estou recebendo lições de música.”

“Qual é o problema, Ludwig?”, perguntou Caspar desconfiado. “O que o traz aqui?”

“Herr Schindler”, disse Beethoven com um toque de sarcasmo, “permita-me apresentá-lo a meu irmão Caspar e a meu maravilhoso sobrinho Karl”. Johanna não foi mencionada.

“É sempre bom ver você”, disse Caspar, “mas, conforme pode notar, estamos jantando agora.”

“Preciso dos esboços que lhe confiei”, disse Beethoven.



“Todos eles lhe foram devolvidos”, respondeu Caspar. “Conforme deve se lembrar.”

“Não foram”, disse Beethoven erguendo a voz, “e preciso deles.”

Caspar contemplou o irmão com um misto de raiva e receio. “Ludwig”, disse precavendo-se.

“Os esboços!”, vociferou Beethoven. “Acha que por outro motivo eu poria os pés nesta casa com ela aqui?” Ainda assim, nem relanceou o olhar na direção de Johanna.

De repente, ele saiu a passadas largas da cozinha. Após um momento de choque e indecisão, Caspar — seguido por Johanna, Schindler e, por fim, Karl — foi atrás dele. Quando o encontraram, no escritório, ele estava escancarando gavetas e vasculhando seu conteúdo, esparramando papéis e livros no piso. Caspar segurou-o pelos ombros.

“Irmão, eu disse que seus papéis não estão aqui!”

“Estão!”, berrou Beethoven. “Você está com eles! *Eu os quero!*”

Seus olhos finalmente pousaram em Johanna e ele apontou para ela num gesto acusador. “Você.” Havia um profundo e chocante desprezo em sua voz.

“Por favor, Mestre.” Schindler fez uma tímida tentativa de intervir. “Isto não são modos civilizados.” Johanna deu um passo à frente. “Se você quer dar um espetáculo, não devia fazê-lo diante do menino.”

Beethoven fingiu não ouvir. “O que é que a prostituta disse?”

“Maestro, suplico-lhe”, disse Schindler.

Caspar de repente empurrou duramente o peito do irmão e gritou: "Saia de minha casa! *Saia!*"

"Você os destruiu, não é? Você jogou minha música fora!" Gesticulando para Johanna, acrescentou: "Você e esta prostituta nojenta que você chama de esposa."

Pegando uma cadeira, Caspar girou-a desajeitado contra Beethoven, sem muita força. Ela o atingiu nas costas, e ele rapidamente saltou sobre Caspar e se atracou com ele, derrubando-o no piso, onde ficaram engalfinhados num abraço odioso. Schindler, nada afeito à violência, tentou em vão separar os dois homens. A essa altura, Beethoven agarrara Caspar pelo pescoço e batia sua cabeça contra o piso de pedra. Schindler viu um esguicho de sangue, sem saber ao certo de onde partia, e ouviu Johanna gritar; o menino começou a chorar.

"Você me traiu!", gritou Beethoven com voz rouca.

Foi Johanna quem finalmente os fez parar. Caspar ainda se debatia, embora mais debilmente, enquanto Beethoven ainda rugia de raiva. Ela pegou um pedaço de papel, escreveu algo nele e o atirou diante de Beethoven. Com um horrível franzir de cenho, ele ergueu os olhos da anotação e a observou. Ela dizia sem parar: "Ludwig! Caspar está doente!"

E Beethoven, baixando os olhos para o irmão, pôde perceber a verdade. Caspar estava tendo um espasmo de tosse. Sangue e saliva escuros haviam jorrado de sua boca e salpicado a frente de Beethoven.

Beethoven ajoelhou-se junto a Caspar com o rosto parecendo uma máscara de espanto e súbito remorso desesperado. De repente deixou escapar um soluço e gritou: "Meu Deus... perdoe-me, irmão! Sinto tanto!" E tentou, com um assombroso renascer de afeto, tomar Caspar em seus braços. Johanna o afastou asperamente e colocou um lenço na boca do marido que tossindo expelia mais saliva escura.

Disse para Beethoven tranqüilamente, mas com uma energia mortal: “Deixe nossa casa, Ludwig. Agora. E nunca mais volte aqui.”

Schindler pegou no chão a nota que ela escrevera. Dizia: “Ele tem tísica”.

“É uma história desagradável”, disse Schindler para a condessa. “E eu realmente não percebo que possível ligação tem ela com a carta de Beethoven. Simplesmente não percebo.”

“Você precisa prosseguir, Herr Schindler”, disse ela; “A resposta existe, desde que você procure com a devida atenção.” Schindler sabia que ela estava com a razão. Ele chegara até esse extremo; sabia-se incapaz de abandonar a busca. Apenas esperara que suas pesquisas revelassem algum amor secreto e não correspondido que se enquadraria maravilhosamente na vida de Beethoven e na opinião geral que o mundo fazia dele. Mas começava a suspeitar que isso não podia ser — que talvez a Amada Imortal fosse um embaraço para a memória do Mestre — e, embora estivesse em certa medida amedrontado com isso, sabia que a condessa Erdody tinha razão. Não havia escolha, exceto prosseguir a busca, levasse aonde quer que levasse.

# Capítulo 13

## Em Guerra com a Rainha da Noite

A enfermidade fatal de Caspar ergueu a cortina de uma tragédia que absorveu o Mestre durante cinco anos inteiros e trouxe conseqüências por muito e muito tempo; tragédia na qual Beethoven procurou arrebatá-la da mãe de Karl, Johanna, a tutela de seu sobrinho. Entender *por que* ele o fez — o que o impeliu a se aproximar tanto de um menino ao qual dedicara pouca atenção até seu irmão jazê-lo no leito de moribundo —, exigiria a avaliação de um psicólogo. Schindler sempre se sentira enormemente frustrado em todo o episódio, e balançou a cabeça ao dizer para a condessa Erdody:

“É um grande mistério para mim. Por que ele queria Karl? O Mestre nunca demonstrou inclinação para gostar de crianças ou se preocupar com um herdeiro.”

Ela assentiu com a cabeça. "Sim, e é por isso que é importante."

"Claro que ele poderia ter mudado", disse Schindler. "O menino *era* o único Beethoven que sobrava no mundo. Johann não tem filhos. Talvez fosse essa sua motivação. Afinal de contas, um homem fica velho e começa a se preocupar com a mortalidade."

"Sim, mas será que isso explicaria por que ele tratava Johanna tão horivelmente?"

"Temo que nada explique isso", respondeu Schindler.

Anna Marie curvou-se, aproximando-se. "*Nada?* Não tenha tanta certeza."

Enquanto durou a enfermidade de Caspar, nos seis meses posteriores até sua morte, nenhum irmão poderia ser mais solícito do que Ludwig. Por mais que tivessem brigado no passado, e apesar de toda a turbulência, ninguém poderia duvidar do amor de Beethoven. Encontrando Caspar, certa manhã na Ponte Ferdinandsbrucke, Ludwig envolveu-o com os braços e o cobriu de beijos, para espanto dos transeuntes. Embora tenha ficado decididamente mesquinho ao envelhecer, Beethoven mandava dinheiro para que seu irmão doente pudesse ter uma carruagem à sua disposição. Providenciou a venda da esplêndida coleção de cachimbos de Caspar. Até enviou cartas para as freiras ursulinas em Graz, solicitando pavões para Caspar; e, com efeito, as belas aves foram devidamente recebidas e percorriam pomposas sua propriedade, tornando-se parte de seu patrimônio.

"A mãe de Ludwig também morreu de tísica", contou Anna Marie a Schindler. "Foi como se a doença de Caspar ressuscitasse nele todas as emoções ligadas a ela."

"Se tudo tivesse terminado por aí, estaria tudo muito bem. Mas você pode me explicar por que toda a terrível raiva contra Johanna? O porquê daquilo ainda irritava Schindler.

“Tornou-se uma batalha longa e torturante”, disse a condessa.

“Longa e torturante? Ela dificilmente poderia ser descrita assim!”

“Nós todos lembramos os pontos essenciais”, disse a condessa e parou. E logo acrescentou: “Lembra-se do que o filósofo Hegel disse?”

“Ele disse muitas coisas.”

“Sim, mas que tenha algo a ver com isso. ‘Para dominar a anatomia é preciso familiarizar-se com cada osso, não apenas contemplar o corpo.’”

Ela estava com a razão, claro. Era inútil recuar diante das atitudes de Beethoven que, todos concordavam, eram muito inconvenientes. Mas deviam existir razões para o que ele fizera — ainda que nem ele mesmo soubesse — e razões para o que os outros haviam feito, talvez igualmente não compreendidas. Era preciso avaliar Johanna atentamente: boa mãe ou prostituta? E Karl — um doce menino ou um fedelho insuportável? E Beethoven — tio afetuoso ou usurpador monstruoso? Não havia perspectiva simples a partir da qual se pudesse extrair a compreensão clara e objetiva de suas motivações. Ainda assim, aquela era a tarefa que Schindler se impusera. E talvez, se pudesse vasculhar as motivações até o fundo, pudesse se aproximar da identidade da Amada Imortal.

“E Johanna?”, disse a condessa. “O que você diria dela?”

“Posso ver nela um misto de qualidades”, disse Schindler. “É certamente frívola. E não é pessoa de espírito prático. Nem sempre sabe distinguir o ato honesto do desonesto. E duvido que entenda a noção de honra. Ela furtou dinheiro do marido certa vez, muito tempo atrás, e foi detida e obrigada a devolvê-lo. E adora festas. Talvez possuísse um amante.”

“Toda mulher em Viena tem um amante”, disse a condessa, dando de ombros.

Schindler ruborizou-se e tentou prontamente emendar seu tom moralista. “Não quis fazer julgamentos.”

“Todos nós julgamos”, disse a condessa. “E qual sua opinião sobre Karl?”

“Era um menino inteligente”, disse Schindler. “E pode se tornar um homem razoável, capaz de assumir seu lugar na sociedade. Mas, como criança, era cheio de manhas e, quando jovem, preferia o jogo à escola, e... francamente, acabei detestando-o. Mas, afinal, tudo isso é uma tragédia.”

“Uma tragédia em quantos atos?”, perguntou a condessa.

“Em número excessivo”, respondeu Schindler.

“Comece com o primeiro.”

“Houve o testamento”, disse Schindler.

No leito de moribundo, Caspar elaborou um testamento que concedia a Beethoven participação na tutela de seu filho único, Karl. Aquilo foi idéia de Beethoven e sem dúvida o desejo de Caspar, pois às perspectivas financeiras do Mestre a longo prazo eram notáveis. Caspar escreveu que esperava que seu irmão “dedicasse amor e amizade” a seu filho Karl e esperava que ele o fizesse porque Ludwig “tantas vezes ajudou-me com verdadeiro amor fraterno, do modo mais magnânimo e nobre”.

“Mas, um pouco antes de sua morte, houve a cláusula adicional”, acrescentou Schindler.

“Johanna estava amedrontada”, disse a condessa, balançando a cabeça. “Caspar também.”

Com efeito, arruinado pela tosse terrível e cuspiendo sangue, Caspar juntou ao seu testamento um documento suplementar especificando não querer que Beethoven tirasse Karl de Johanna ou assumisse sozinho a educação e a criação do menino. O receio de Caspar —, e seu motivo para alterar o testamento — resultou do ódio recíproco que sua esposa e seu irmão pareciam nutrir. *"Queira Deus que eles vivam em harmonia em nome do bem-estar de meu filho"*, acrescentou na cláusula. *"Este é o último desejo de um marido e irmão moribundo."*

"E logo a seguir Caspar morreu", disse a condessa. "Que Deus tenha sua alma em paz."

"Ele era um homem mesquinho, insignificante, ignorante e muitas vezes desagradável", disse Schindler. "Batia em Johanna e apunhalou-a uma vez na mão; era capaz de se portar como um porco."

"Passemos para o segundo ato da tragédia", disse a condessa.

"Foi o funeral e o que veio depois dele", respondeu Schindler.

Mesmo antes de Caspar estar sepultado, Beethoven iniciou uma campanha para tomar Karl de sua mãe. Schindler lembrou o dia do sepultamento, 16 de novembro de 1815, no Cemitério Währing em Viena. Schindler lá comparecera com o Mestre e, enquanto o sacerdote oficiava o ritual, ele teve ao mesmo tempo uma sensação de alívio e prazer culpado por Caspar Beethoven estar para ser baixado ao túmulo. As preocupações dos meses anteriores com o irmão debilitado haviam afastado Beethoven de seu trabalho e o obcecaram. Agora, pensou Schindler, aquela situação teria fim; a ordem poderia voltar à vida do Mestre e, portanto, à sua.

Mas, antes mesmo que a cerimônia se concluísse, Beethoven já estava encolerizado, encarando um homem mal vestido e de espesso bigode que acompanhava Johanna. Observou atentamente o pranteador que a confortava e a levava embora com um braço em



torno de seus ombros. Para grande surpresa de Schindler, Beethoven deu-lhe um puxão no braço e, com um sussurro áspero e cruel, disse: “Vê aquele homem? Seu nome é Jacob Raicz”.

“Pensionista na casa deles, se não me engano”, disse Schindler.

“Sim... *e você não percebe?* O leito de meu irmão ainda nem esfriou, e Raicz já o está ocupando.”

Claro que não havia o menor indício de prova para tal afirmação. Johanna seria capaz disso? Schindler não tinha a mínima idéia. Mas ficou ruminando o tratamento que o Mestre lhe dispensava — que considerava mais patológico do que maldoso. Em vez de confortá-la no dia dos funerais de seu irmão morto, Beethoven difamava-a. Sua atitude parecia quase ultrapassar os limites do ódio.

Duas semanas após a morte de Caspar, Beethoven desfechou seu ataque à cunhada. Solicitou ao Landrecht Imperial da Áustria, o tribunal de recursos da nobreza, que lhe concedesse tutela única de seu sobrinho Karl. Apresentou razões de peso para justificar a usurpação — argumentos de que a mãe era uma prostituta.

A batalha começou.

“O Landrecht estava predisposto a acolher a solicitação de Beethoven e dar sentença a seu favor”, disse a condessa, “por ter ele sangue nobre — ao menos era dessa forma que se apresentava havia muito tempo. Muitos de nós sabíamos, ou suspeitávamos, que não era bem assim.”

Daí a seis meses, Beethoven se postou sob os majestosos candelabros do Palácio Imperial para “jurar solenemente, com a mão no coração”, que cumpriria seus deveres paternos para com Karl. Tornou-se tutor único, retirou o menino da casa da mãe e o matriculou numa escola particular.

“Ele queria levar o menino para sua casa imediatamente”, disse Schindler, “mas nós, os sensatos, destacamos que o estado precário de seus alojamentos excluía tal possibilidade. Ele foi obrigado a concordar por algum tempo.”

“Foi por essa época que ele me escreveu”, disse Anna Marie.

“Transbordando contentamento, suponho”, disse Schindler.

“Ele contou-me: ‘Travei uma batalha com o objetivo de arrebatrar uma pobre criança infeliz das garras de sua mãe abjeta, e a vitória é minha. *Te Deum laudamos!*’”

O caso todo já era monstruoso — e motivado não pela afeição à criança ou lealdade à memória de Caspar. Era vingança, pensou Schindler, pura e simples: vingança contra Johanna. E, se Beethoven fosse o comum dos mortais, Schindler jamais teria voltado a pôr os pés nos alojamentos do Mestre. Mas, apesar de todos seus expedientes maldosos, Beethoven era um deus e Schindler permaneceu à sua disposição, sempre o *factotum* prestativo, embora Beethoven esfriasse os modos para com ele por certo tempo, depois que o aconselhou a não adotar Karl.

Após retirar Karl do lar de Johanna, Beethoven lançou campanha para marcá-la com o estigma de mulher de baixa moral, incapacitada para o papel de mãe. Fez todos os esforços para impedir que ela sequer visse o filho. De sua parte, Johanna revidou com todos os meios ao seu alcance. Ia à escola de Karl todos os dias e, durante as folgas dele, levava-o para casa num cabriolé. Beethoven tentou colocar um paradeiro também nessas visitas fugazes, além de escrever as cartas mais insultuosas ao diretor da escola.

A Rainha da Noite esteve no Baile dos Artistas até as três horas da madrugada, exibindo não só seu caráter como também seu corpo — por 20 florins, murmuravam as pessoas, era possível possuí-la! Oh, que horrível!

Beethoven requereu ao tribunal que “excluísse a viúva” de toda comunicação direta com Karl; e, embora vencesse a luta a princípio, essas primeiras escaramuças significaram apenas o início de uma longa batalha, pois Johanna contra-atacou.

“Beethoven queria se dedicar a Karl”, disse Schindler. “Dizia que era o ‘botão da calça’ de Karl. Mas acho que ele subestimou o grande apego de Johanna ao filho.” “Certa noite, pouco após a morte de Caspar”, disse a condessa, “convidei-os a virem ouvir Schuppanzigh tocar com seu quarteto. Ludwig chegou com o menino e eles se sentaram juntos. Ele acariciava os cabelos do menino de alto a baixo, e Karl estava perdido na música, como num sonho. Os olhos de Ludwig revelavam júbilo quando olhava para ele. Todo o amor daquela natureza fértil e profunda parecia concentrar-se na criança. Ele podia ser seu tio, mas não poderia haver um pai de criação mais terno.”

Pouco tempo depois, Karl foi de fato morar com Beethoven. Schindler lembra que foi preciso remover montanhas antes de sua chegada. Beethoven comprou móveis, mandou arrumar seus aposentos, contratou novos criados, abandonou maus hábitos e se tornou uma espécie de galinha choca. Instalou um dormitório para Karl, com colchão limpo e um novo lavatório.

“Está ficando mais frio, Frau Frolich”, dizia ele à nova governanta. “Será que dois cobertores bastam para Karl?”

E na cozinha, junto ao fogão, examinava o conteúdo da panela, onde um caldo cheiroso fervia.

“Você o fez bem grosso?”, exigia.

Ela assentia com a cabeça, veemente.

“A mãe dele não o alimentava corretamente. Precisamos fortalecê-lo.”

Ela assentia com maior veemência, balançando a cabeça. A pobre mulher foi forçada a escrever respostas para uma centena de perguntas sobre detalhes domésticos que Beethoven lhe apresentara antes de Karl se instalar ali.

Mas claro, a condessa estava com a razão. Uma expressão de supremo júbilo abrandava as feições de Beethoven quando ele contemplava Karl. Foi, a princípio, de uma indulgência sem fim. Durante o jantar, eles mantinham a maioria de suas conversas por meio de pedaços de papel pois, na época, a audição de Beethoven estava tão afetada que ele não conseguia ouvir nem quando alguém gritava em seu ouvido. Schindler presenciara alguns desses diálogos e lera partes de outros; e havia, no Mestre, a recém-descoberta alegria de contar sua vida. E Karl, com dez anos, tinha idade suficiente para compreender, mas era jovem demais para notar o peso da necessidade de o tio controlar sua vida.

“Você será músico”, disse Beethoven a Karl.

“Quero ser soldado”, respondeu Karl.

“Você será compositor”, disse Beethoven, sem se impressionar.

“Não”, disse Karl com uma obstinação bem-humorada. “Soldado.” E fez que disparava uma arma.

“Quando eu tinha sua idade”, disse Beethoven, “dei meu primeiro concerto. Foi terrível! Seu avô pensou que ia fazer fortuna comigo, me transformando em criança-prodígio. Como Mozart!” Tocou a bochecha do garoto. “Nunca farei com você o que ele fez comigo.”

Ele jamais, isso nunca, chegaria em casa embriagado à meia-noite e arrancaria do leito um menino de oito anos e o obrigaria a executar escalas até o alvorecer; não daria bofetadas nos ouvidos do menino nem bateria em suas mãos quando cometesse um erro. Não apresentaria um menino de doze anos em concerto, fazendo-o

passar por menino de nove; e não lhe bateria em momento algum de sua vida se ele não conseguisse igualar-se à perícia de Mozart.

“Minha querida mãe morreu de tísica”, contou Beethoven a seu pupilo, “como seu pai morreu.” E, abraçando Karl, disse: “Seu pai, que amei acima de tudo.”

A princípio, o tio e o sobrinho se amavam, e havia todos os motivos para crer que a vida em comum poderia ser saudável para ambos. Mas Beethoven não se contentava com aquilo. Não podia simplesmente aceitar seu papel de bom tio de um sobrinho que era — ao menos antes de se tornar um peão na ridícula e terrível batalha da qual ninguém poderia sair vencedor — um menino decente. Um menino que se saía bem no grego e conseguia somar, ao contrário de Beethoven, e que até sabia escrever.

Schindler gostaria de saber por que Beethoven não se contentava em ser o bom tio em vez de um pai terrível — alguém que, à pergunta de Karl, “Por que mamãe é ruim?”, respondeu: “Você sabe o que é uma prostituta?”

Frívola, negligente, teimosa, maligna. Odiosa e má. Assim era Johanna, segundo Beethoven.

“Não era digno dele”, disse Schindler. “Sua raiva sim, talvez, pois um homem como ele conhece a fúria sublime da natureza. Mas tudo foi tão destrutivo.”

Beethoven escreveu ao tribunal uma carta de cuja redação Schindler se negou a participar de alguma forma:

Imediatamente após a morte de meu irmão, ela passou a manter relações íntimas com um amante, o que, por si só, ofendia o recato ingênuo de seu filho. Ela podia ser encontrada em todos os salões de baile e folganças, enquanto seu filho não possuía sequer o mínimo necessário e era deixado sozinho por ela com uma criada lastimável.

Ela até procurou desencaminhá-lo com dinheiro, e lhe deu dinheiro para abusar de outras pessoas... A mim, seu benfeitor, meio de sustento e arrimo, em resumo, seu pai no verdadeiro sentido da palavra, ela tentou vilipendiar com as intrigas, maquinações e calúnias mais abomináveis, e tentou instilar seu veneno moral em todos, até no mais inocente.

“Sim”, disse Anna Marie, acrescentando: “Ele me escreveu uma longa carta por volta dessa época. Ele achava que havia se tornado de fato o verdadeiro pai de Karl no sentido físico.”

“Era uma espécie de fantasia incorrigível”, disse Schindler.

Anna Marie baixou a cabeça. “Mas não a raiva”, disse. “Não a raiva.”

“Não”, concordou Schindler. “E o pior ainda estava por vir

# Capítulo 13

## A Promessa de um Grande Oratório

O Mestre estava sempre irritado com Schindler naqueles anos e este, de bom grado, mantinha distância dos esforços jurídicos de Beethoven para assumir o poder sobre seu sobrinho. Mas suas tensas relações nunca levaram ao rompimento. Beethoven precisava dele e, porque tinha afeição pelo Mestre, Schindler permanecia à disposição fazendo o que lhe pedia. Se não conseguia dar-se bem com o resto do séquito de "amigos", devia-o à sua honestidade. Ele não espionava nem contava histórias como o desprezível Holz e, se o Mestre lhe pedia opinião, era incapaz de alterá-la para lhe agradar.

Mas não era totalmente íntegro. Schindler até cumpriu, para Beethoven, a missão de advertir Johanna de que o Mestre estava ciente de algumas de suas táticas enganosas. Schindler encontrou-se com ela em terreno neutro, num café; ela chegou vestida de

preto e tentou aparentar frieza, embora não pudesse controlar sua sensualidade. Talvez fosse a curva de seu seio ou o olhar de seus olhos enevoados, ele não sabia, mas até Schindler ficou agitado. Com efeito, ela conservava uma beleza atraente e, não fosse ela a Rainha da Noite, pensou, a noite talvez se saísse muito pior.

“Chegou ao nosso conhecimento”, contou-lhe, “a informação de que você está subornando os criados do Mestre para ter acesso a Karl em sigilo. E no entanto você sabe muito bem que Beethoven permitiria algumas visitas, segundo o acordo do tribunal.”

Isso não era absolutamente verdade; Beethoven fazia tudo ao seu alcance para impedir que Johanna exercesse seus direitos de visita. Ela respondeu com ar maligno, dizendo: “Que nova loucura é essa? Ele fez quase o impossível para impedir que eu visse Karl.”

“Ele respeita a decisão do tribunal.”

“Você está falando de meu filho”, disse Johanna. “Meu *filho*, a quem não vejo há um ano. Meu filho, que ensinam a me odiar.”

“A decisão do tribunal declara...”

“Eu sei o que ela declara”, interrompeu com fúria. “Você consegue me encarar nos olhos e me dizer que uma mãe não tem o direito de ver seu filho? *Você consegue?*” Ele ficou em silêncio.

“Vou combater isso”, disse ela. “Já estou combatendo.”

Em nada contribuiu para melhorar a situação o fato de que, tão logo Beethoven levou Karl para morar consigo, impedindo-o de ver a mãe, o menino tenha se rebelado. Ele se revoltou por instinto, sem rancor, sem saber muito bem por quê. Mas devia ser evidente para o Mestre, pensou Schindler, que um menino quer sua mãe. Depois de uma leve repreensão de Beethoven — seu pai verdadeiro, Caspar, costumava chicoteá-lo com uma correia —, o pequeno Karl fugiu certa vez para a casa de Johanna. Isso encorajou o contra-ataque;



ela requereu ao tribunal que desobrigasse Beethoven da tutela. Schindler não duvidava que a ausência total do menino em sua vida era intolerável para ela, e não é de surpreender que tenha subornado servos de Beethoven com o fornecimento de café e chá, em troca de alguns minutos na companhia do filho. Qual mãe não agiria da mesma forma?

E então todas as excentricidades de Beethoven foram usadas como armas por Johanna, quando ela compareceu à sessão seguinte do tribunal. Não era apenas em troca de rápidos momentos na companhia do filho que ela vinha subornando os criados, mas para recolher informações comprometedoras sobre os hábitos e o estilo de vida de Beethoven. Johanna era capaz de combater Beethoven do mesmo modo como ele brigara com seus irmãos, Caspar e Johann, e como estes o combateram — usando táticas sórdidas e desonestas.

Ela contratou um de seus parentes, Jacob Hotschevar, como seu advogado. Foi uma decisão oportuna, pois Hotschevar revelou-se advogado de grande competência, redigindo suas súmulas em apurada terminologia jurídica alemã. Com soberbos argumentos, ele conquistou muitos pontos a favor de Johanna. Sobre os irmãos Beethoven, disse que, “não obstante suas excelentes qualidades, todos os três possuem mentes excêntricas”. Podia-se ver os juízes deixando escapar um suspiro conjunto de assentimento. “Essa declaração verídica e franca não vem em detrimento da honra dos senhores Van Beethoven”, prosseguiu Hotschevar, “mas prova indiscutivelmente que, dominados por seus temperamentos, eles nem sempre, em seus atos e tarefas, se dedicam com a necessária circunspeção e tranqüila imparcialidade.”

Tranqüila imparcialidade? A governanta Nanette “mudou totalmente desde que atirei meia dúzia de livros em sua cabeça”, escreveu Beethoven numa carta que Schindler copiou. “É possível que uma parte deles tenha penetrado em seu cérebro e aberto caminho até seu coração ruim, pois ao menos agora temos uma

traidora do peito que me rouba tudo!” Houve também a ocasião em que Beethoven arremessou uma cadeira contra outra pobre Fraulein, e Schindler bateu os pés em sinal de protesto.

“Você *não pode* agir dessa forma, Mestre!”, gritou Schindler. “Não o permitirei. Isto é totalmente incivilizado e bárbaro.”

“Eu sou do jeito que tem de ser”, riu Beethoven, citando uma de suas máximas prediletas da mitologia egípcia.

“E eu estou indo embora”, disse Schindler.

Mas Schindler sempre voltava. Estava na companhia do Mestre, no tribunal, quando o pior desse tipo de comportamento retornou para assombrá-lo. Uma daquelas criadas, vítima de violências, compareceu perante os magistrados, trajando sua melhor roupa domingueira. Tinha um rosto honesto, e se mortificava com insultos, mais do que se poderia imaginar. Schindler esteve atarefado aquela manhã, transcrevendo furiosamente para que Beethoven pudesse acompanhar o depoimento de Frau Frolich, interrogada por Jacob Hotschevar — de peruca e perfumado, trajando vistosa beca, os dedos segurando uma pitada de rapé em todos os momentos certos.

HOTSCHEVAR: Frau Frolich, a senhora foi empregada como governanta na residência temporária de Herr Ludwig van Beethoven?

FROLICH: Fui.

HOTSCHEVAR: Por quanto tempo a senhora foi empregada dele?

FROLICH: Durante um mês.

HOTSCHEVAR: Apenas um mês?

FROLICH: Sim. Ninguém conseguia agüentar mais que isso.

HOTSCHEVAR: Percebo. Conte por favor ao tribunal por quê.

FROLICH: A imundície era além da conta. O homem é louco. Ele não consegue ouvir o que a gente diz e fica sempre gritando e berrando. Fica nu como um passarinho de manhã, urrando como um cantor de ópera, e despeja água na cabeça, de modo que grande parte dela vaza para o andar de baixo. Os senhorios estão sempre a ponto de expulsá-lo por causa de sua má conduta.

HOTSCHEVAR: O menino, Karl, recebia o devido asseio?

FROLICH: Ele andava imundo. Mais imundo era impossível. Sua cabeça estava cheia de piolhos, e o Mestre declarou que era *muito saudável* tê-los.

HOTSCHEVAR: O tio, Ludwig van Beethoven, conseguia atender devidamente às necessidades de que estava encarregado?

FROLICH: O homem não consegue cuidar de si mesmo — não corretamente quanto mais de uma criança.

Schindler ouvia as palavras e anotava-as, sentindo a fúria impotente de Beethoven, sentado a seu lado. Se algum dia teve a impressão de ser o mensageiro na iminência de ser morto por causa da mensagem que entregava, o momento foi aquele. E ainda não estava encerrado. O advogado Hotschevar, cujos dons intelectuais continham mescla de fina inclinação para a teatralidade, voltou-se e pediu aos magistrados: "Eu gostaria agora de chamar Mestre Karl van Beethoven, filho de Frau Johanna Beethoven, sobrinho de Ludwig van Beethoven."

Schindler fez o melhor que pôde para conter o Mestre, quando este se ergueu num salto, o rosto como uma máscara de fúria e confusão. Ele gritou: "Não! Proíbo- o! Eu o *proíbo!*" Desvencilhou-se de Schindler num repelão e se postou diante dos juízes. "Já é bastante desagradável *eu* ficar exposto aos mexericos desprezíveis e

vulgares desses mentirosos a soldo daquela mulher venenosa. Mas poupem meu pobre sobrinho!”

Os magistrados recusaram o pedido de Beethoven, ainda que ele fosse um compositor respeitado — e quem poderia culpá-los? Com tantos adultos espalhando rumores inconsistentes, com o ambiente pejado de tanto exagero e raiva desenfreada, por que não confiar num belo e honesto menino de dez anos? Assim Karl foi chamado e tomou seu lugar no banco das testemunhas.

HOTSCHEVAR: Pode contar-nos como seu tio o trata, Karl?

KARL: Bem.

HOTSCHEVAR: Ele é esquentado, não é?

KARL: Sim.

HOTSCHEVAR: Você tem medo de seu temperamento?

KARL: Não.

HOTSCHEVAR: Ele já o castigou alguma vez?

KARL: Só quando eu mereci.

HOTSCHEVAR: Karl, você acha que sua mãe é uma mulher má?

Passando o olhar pelo recinto do tribunal, Schindler viu de relance Johanna, que observava com atenção absorta. Será que ele, Schindler, a considerava uma mulher má? Não sabia.

De sua parte, o pequeno Karl não respondeu.

HOTSCHEVAR: Seu tio lhe disse com freqüência que ela era pouco melhor que uma prostituta?

KARL: Sim.

HOTSCHEVAR: E você concordou?

KARL: Só para agradá-lo.

HOTSCHEVAR: Então você mentiu... Com quem você preferia morar? Com sua mãe ou com seu tio? Você quer continuar com seu tio?

KARL: Sim.

HOTSCHEVAR: Fale mais alto.

KARL: *Sim.*

HOTSCHEVAR: Você não parece ter certeza.

KARL: Seria melhor se o tio tivesse alguém para ficar com ele, pois é surdo e não consegue conversar comigo.

HOTSCHEVAR: Com efeito, ele está completamente surdo, não é?

KARL: Sim.

HOTSCHEVAR: Karl, você ama sua mãe?

KARL: Sim.

HOTSCHEVAR: Você sente falta dela?

KARL: Sim.

HOTSCHEVAR: Então você não preferiria ir morar com ela?

Karl não respondeu. Desviou os olhos e baixou a cabeça.

Nesse ponto, Hotschevar voltou-se para os magistrados. "Submeto ao tribunal", rogou ele, "e, junto com essa mãe que sofre

intensamente, e com o coração tranqüilo, entrego ao preclaro critério deste alto e nobre órgão a decisão de considerar a conveniência de decidir em relação à futura educação deste menino e ao exercício da tutela sobre ele. Isto, considerando o fato de que, conforme o anteriormente citado deixa claro, Herr Ludwig van Beethoven deve ser considerado física e moralmente *incapaz* de exercer a tutela desta criança e deve portanto..." "Meu tio precisa de mim", interrompeu Karl. "O que eu preferiria é que nós todos vivêssemos juntos."

Foi um desfecho singular o proposto pelo menino, mas qualquer solução racional e sensata parecia igualmente impossível. Beethoven levou vantagem na batalha judicial até o Tribunal Imperial descobrir, por acaso, que ele não era de origem nobre. Os magistrados que presidiam o tribunal civil para gente do povo estavam mais inclinados a baixar sentença favorável a Johanna. E assim fizeram, recolocando Karl sob sua tutela em 1819.

Enfurecido, Beethoven redigiu cartas e petições ao longo do todo ano. Usou o mensageiro de seu amigo e aluno de piano, o arquiduque Rudolph, e pediu a intervenção do próprio arquiduque Ludwig. A influência política desses amigos poderosos era óbvia e enorme. Como corolário de tudo aquilo, Beethoven certo dia arrastou Schindler para visitar o próprio chanceler da Áustria, Clemens Metternich.

Schindler tentou avisar o Mestre que aquela não era propriamente uma boa idéia. Verdade seja dita, Metternich era na época o homem mais influente da Europa. Mas os Decretos de Karlsbad haviam entrado em vigor apenas no ano anterior e transformavam a Áustria num Estado policial. Metternich restaurara severa censura às obras literárias e investira na polícia secreta para erradicar todo tipo de atividade subversiva; estava decidido a suprimir todo alento de mudança, quanto mais uma revolução. E Beethoven, antigo simpatizante da Revolução Francesa, era suspeito. Principalmente porque ainda estava propenso a manifestar suas

opiniões em cafés e locais públicos sobre a “completa podridão moral do Estado austríaco”.

Mas o Mestre, conforme observou Schindler quando foram introduzidos no gabinete do chanceler, havia de algum modo aprendido a fazer profunda mesura. E, sentado em grandes cadeiras de encosto alto legadas à burguesia pela aristocracia, sob o olhar de Metternich em seu gabinete recoberto de livros, Beethoven conseguiu por milagre refrear a língua — ou quase.

Metternich iniciou a conversa jovialmente. “Herr Beethoven, nosso maior compositor. É uma honra.”

Beethoven fez uma mesura, surdo e subserviente.

Schindler falou alto, dizendo: “Devido à sua enfermidade, Herr Beethoven solicitou que eu falasse por ele.”

Metternich contemplou Beethoven com frieza. “Certamente.”

“Seu caso no tribunal não está indo bem. A esposa de seu falecido irmão, de cuja guarda deletéria ele espera retirar seu sobrinho, subornou testemunhas para deporem contra ele.”

“Meu pobre Karl!”, interrompeu Beethoven em voz alta. “Ele está sendo corrompido pelo hálito venenoso dela.”

“O que Herr Beethoven quer dizer...” começou Schindler.

“Ela é uma praga para meu Karl”, interrompeu Beethoven, “que teve o infortúnio de sugar o seio de sua mãe.”

Schindler percebeu que o Mestre perdia rapidamente o controle de si. Dirigiu-lhe um olhar alarmado, suplicando-lhe calma.

Metternich observava impassível, folheando um dossiê da polícia, que então abriu. Enquanto percorria uma página com o

olhar, disse: “Conte-me, Herr Beethoven. Por que devo eu ajudá-lo?”

Schindler retesou-se. Esperava por isso. A polícia austríaca era muito competente na organização de seus fichários sobre indivíduos. E Beethoven, conhecido por sua eloquência, era um alvo certo e fácil.

“Metternich é um tirano pior que Napoleão.” O chanceler ergueu brevemente os olhos. “Isso foi anotado ainda na última terça-feira, na Taberna Cisne. ‘Metternich devia ser forçado a comer minha merda.’ E assim por diante. Herr Beethoven, há muitas forças na Áustria que fomentam a revolta. Gosto de uma discussão animada como qualquer pessoa, mas temo que hoje em dia não possamos permitir tanto — como eu poderia dizê-lo? — entusiasmo. Talvez fosse melhor que nossos grandes artistas tivessem um pouco mais de circunspecção.”

O Mestre mordeu o lábio na hora, percebendo que fora longe demais.

“Herr Beethoven”, falou Schindler em voz alta, “é cidadão honorário de Viena. Ele propõe ao chanceler escrever um Grande Oratório elogiando toda a Áustria e sua magnífica diplomacia no Congresso de Viena, que garantiu paz para toda a Europa.”

Metternich sorriu. Não seria má idéia; na verdade, poderia ser um toque de divina providência. Ele fora insultado pela elite cultural, e dizia-se que nada, exceto melodias para dançar, foram executadas no Congresso de Viena, orquestradas pelo chanceler cinco anos antes. *O Congresso dança, diziam os chistes, mas não avança.*

“Um Oratório?”, perguntou.

“Um Grande Oratório”, disse Schindler.

O chanceler ergueu a cabeça, num assentimento silencioso.



E, afinal, chegou o dia tão especial e aguardado, no tribunal de recursos: os magistrados entraram em fila e tomaram seus lugares. O fato de Beethoven, no outro extremo do recinto, exibir uma soberba confiança, não passou despercebido por Johanna. Ela sentiu um frio de ansiedade.

“Este tribunal considerou conveniente”, disse o juiz supremo, “ordenar que Johanna van Beethoven, viúva do falecido Caspar van Beethoven, seja totalmente despojada da tutela de seu filho, Karl van Beethoven. Doravante, Ludwig van Beethoven deverá ser o único tutor deste menor.”

Beethoven ergueu-se ao saber do veredicto. Voltou-se e sorriu para Karl, segurando o menino pelos ombros. Mas Karl, então com treze anos, parecia perplexo. Não estava, evidentemente, feliz.

Do outro lado do recinto do tribunal, Jacob Hotschevar ergueu-se num salto. Gritou e sapateou para os magistrados, sem conseguir refrear seu desgosto. “Este tribunal é corrupto!”, rugiu.

Beethoven, tão mergulhado em si naquele momento — tão empenhado em saborear sua vitória —, dava um largo sorriso. Johanna ficou de repente na sua linha de visão, e o encarou duramente.

“Rezo, Ludwig”, disse ela, “para que você nunca sofra o que estou sofrendo.”

Embora Beethoven não conseguisse ouvi-la, o que ela disse estava bem gravado em suas feições. Ele desviou rapidamente seus olhos do olhar dela, desnortado. Olhou para Schindler. Seu sorriso vacilou.

# Capítulo 15

## Uma Vitória de Pirro

Para Schindler foi, acima de tudo, Beethoven, o compositor, quem mais sofreu durante os anos de conflito por causa de Karl. Em vez de escrever notas e tons musicais, o Mestre redigia cartas para os vários tribunais e buscava o parecer e a influência de pessoas que ocupavam altos cargos — em grande parte com verborréia inútil na qual repetia, sem parar, acusações contra Johanna.

“Elas figuram entre os testemunhos menos edificantes e mais lamentáveis de sua agitação interior”, disse Schindler para Anna Marie. “Na impetuosa busca de Karl, ele perdeu toda a noção de equilíbrio.”

Eles haviam falado a manhã inteira, tomando intermináveis chávenas de chá com pão e geléia, e agora, que o céu escurecia no final da tarde e o sol mergulhava atrás das montanhas distantes, a

filha da hospedeira chegou para acender as velas. Ainda assim, prosseguiram a conversa.

“Se eu estivesse lá para ajudá-lo”, disse Anna Marie, “talvez pudesse evitar esse desfecho dos acontecimentos.” Surpreendeu-o notar que ela era a primeira pessoa com quem falava que parecia compreender a enormidade da desventura de Beethoven.

Durante aqueles anos, parecia que Beethoven e Johanna estavam presos em um abraço de repugnância recíproca; o leito conjugal era o tribunal de justiça. Ali estava o mais famoso compositor vivo de toda a Europa e do mundo civilizado, com os editores se atracando por suas obras em Paris, Londres e Leipzig, bem como Viena — e o que ele estava escrevendo? Uma longa correspondência com uma *hausfrau* sobre o modo de dirigir a casa, como providência para o instante em que levaria Karl para viver com ele em condições aprovadas pelo tribunal. *Quantas vezes deve-se dar carne assada aos criados? As criadas comem a mesma carne que o patrão? Quantos gramas bastam para três pessoas? Quanto dinheiro miúdo se deixa com a governanta e a cozinheira por dia?* Beethoven ficava assombrado porque a diária da criada de cozinha chegava a 18 florins por ano. A *hausfrau* precisava brigar por cada moeda de cobre que gastava com leite e manteiga, e estava sempre sob suspeita de ludibriá-lo. Ele mesmo quebrava os ovos — Schindler achava isso ao mesmo tempo poético e vergonhoso — e, se não estivessem bem frescos, atirava-os na cozinheira.

Ele jamais admitiu suas pequenas tiranias, nem parecia notar o problema maior. Após a morte de Caspar e o início da batalha para ficar com Karl, a produção musical de Beethoven se reduziu a um pinga-pinga — um trágico resultado, pensava Schindler, para a humanidade atual e futura. Em cinco anos ele escreveu apenas uma sonata, e uma cantata para o aniversário do príncipe Lobkowitz, em 1816. Começou mas não terminou nem o Oratório que prometera para Metternich nem a *Missa* para a qual assinara contrato com a

*London Philarmonic*. Nem houve outra sinfonia depois da *Oitava*, em 1814.

“Circulavam rumores de que ele estava liquidado, não é?”, perguntou a condessa.

“Sim”, disse Schindler. “Dizia-se em Viena que ele esgotara sua criatividade. Sua surdez piorara e todos pensavam que aquilo acabara com ele. Nesse ínterim, Rossini veio à cidade e executou *La Gazza Ladra*. A ópera italiana causou furor. As grandes e profundas obras de Beethoven eram raramente executadas, sua música já não estava em voga — um escândalo por si só.”

“Mas eles estavam errados”, disse a condessa com um triste sorriso. “Isto é um consolo.”

“Sim”, disse Schindler. “Depois que a ação judicial foi resolvida, ele começou a compor de novo, e foi magnífico. Deu a mostra de seu gênio.”

Mas, mesmo após retomar o trabalho e dedicar longas horas à música e não à insensatez, o isolamento espiritual de Beethoven, durante grande parte da terceira década do século XIX, apenas se acentuou. Revelava-se profundamente na aparência do Mestre, em suas maneiras, em seu modo de vida, em seu jeito singular de estar no mundo. A polícia secreta de Metternich conseguiu sem dificuldade descobrir suas opiniões, pois ele as exprimia em voz bem alta nos cafés, com súbitas explosões de ira. “*Austríacos, austríacos*”, gritava ele, ignorando as conseqüências. “*Do imperador para baixo, os vienenses são imprestáveis*.” No devido contexto de uma comédia vulgar, suas explosões de raiva poderiam ter sido encantadoras. Mas, exibidas com tamanha virulência, e com espiões da polícia por toda parte, não eram apenas grosseiras mas perigosas.

Ludwig mudava-se com freqüência, de um apartamento para outro. Enfurecia os senhorios com seus hábitos desorganizados, e por falar e cantar para si a plenos pulmões, e pedir água

constantemente para se banhar. E estava sempre fazendo-lhes preleções sobre algum detalhe da administração da casa ou sobre alguma observação desfavorável da parte deles ou alguma falha imaginada. Tornou-se um espetáculo comum nas ruas de Viena ver uma carreta lotada com os pertences de Beethoven — inclusive seus dois pianos e cadernos de esboços e composições “a caminho de novos alojamentos. E, embora detestasse mudar-se, tão logo se instalava no lugar e já estava disposto, à mais leve provocação, a percorrer toda a cidade em busca de outro.

Beethoven envelheceu muito fisicamente durante aqueles anos e sua saúde, sempre frágil, começava a se deteriorar; e sua decadência física fez-se acompanhar de acessos de fúria mais freqüentes. Sofria de icterícia, agravada porque tomava muito vinho, e às vezes se dobrava em dois, com dores nos intestinos; Sua cabeça estava agora coberta de longos cabelos grisalhos e cerrados. Embora conservasse o olhar penetrante, ele percorria as ruas de cabeça pendida, empunhando uma bengala, o colarinho de seu longo sobretudo voltado para cima, as mãos presas atrás das costas, ausente do mundo auditivo, gesticulando para si mesmo.

“Às vezes os moleques de rua zombavam dele e atiravam pedras”, disse Schindler, balançando a cabeça. “Corriam atrás dele como se fosse um velho louco.”

E não apenas os moleques de rua. Certa noite, ele perambulava pelos bairros e foi detido na Wiener Neustadt por bisbilhotar nas janelas e por vadiagem. O policial o atirou na cela com os bêbedos e desamparados da cidade, e ele berrou: “*Sou Ludwig van Beethoven!*” Isso divertiu seus companheiros de cela, os quais, em meio à hilaridade geral, para brincar com aquele maluco que se dizia o grande Beethoven, incluíram Napoleão, Shakespeare e Jesus Cristo entre seus pares. Mas ele repetiu sua afirmação tantas vezes e em voz tão alta, que era preciso fazer algo. Insistiu que se convocasse o diretor musical da cidade. Assim, Herr Herzog foi despertado bem no meio da noite e compareceu no presídio.

“Este é Beethoven!”, bradou, chocado. -Levou o Mestre para casa, deu-lhe cama limpa e roupa-branca nova. Pela manhã, o Mestre foi reconduzido a Viena na carruagem da magistratura, com palavras de escusas do burgo-mestre.

“Foi assim sua vitória”, disse Schindler pesaroso.

“E ele tinha Karl”, disse Anna Marie.

“Sim, valha-nos Deus”, disse Schindler, lembrando-se sem nenhum prazer. “Ele tinha Karl.”

Karl era um agradável garoto aos nove anos, quando seu pai Caspar morreu. Não lhe desgostava criar uma relação de pai para filho com seu tio Ludwig, que sabia ser um homem famoso. Mas gostava de sua mãe. Quando foi matriculado na escola particular, aproveitava toda oportunidade para vê-la. Não entendia o que significava aquilo, de sua mãe ser uma prostituta, e, quando o impediam de ver a mãe, ele fugia para ela, relaxava nos estudos ou se tornava insuportável, de um jeito ou de outro. Já lhe era bastante ruim freqüentar o internato, mas, quando ele e seu tio Ludwig passaram a ocupar os mesmos alojamentos juntos, isso foi receita para o desastre.

Não consigo comer antes de parar de chorar; eu ficaria envenenado se tentasse comer nesse estado de aflição.

Agora percebo que, por desgosto, você nem se dá ao trabalho de olhar para mim. Pensei que eu podia falar o que pensava. Mas no futuro tomarei o cuidado de não dizer o que penso, se notar que isso o magoa.

Schindler deparava freqüentemente com as lamúrias e repreensões de Karl nos Livros de Conversas, no geral pela manhã, após uma noite de discussões. Embora essas brigas pesassem pouco

em Beethoven — ele passava rapidamente da raiva para o remorso e para o total esquecimento —, Karl não perdoava ou esquecia tão facilmente. O menino tornara-se um adolescente com os nervos abalados e o mau humor próprios da idade. Embora os cinco anos de luta para assumirem seu destino tenham despojado a doçura inerente à sua natureza, ele ainda era razoavelmente bom na maior parte do tempo e se empenhava a fundo na escola — ainda se orgulhando, apesar de todos os problemas, de ser sobrinho de Beethoven.

Mas, aos quatorze anos, Karl não teve liberdade para seguir normalmente seu caminho. Foi nessa idade que Beethoven decidiu, contrariando seus próprios preceitos, que o menino estudaria piano; até alimentou fantasias de que Karl estava fadado a ser um grande virtuose.

“Jamais ocorreu ao Mestre”, disse Schindler, “que ele tentava fazer com Karl o que seu próprio pai tentara fazer com ele. Claro que os resultados foram trágicos.” “Sim, trágicos”, disse Anna Marie.

“Ele o encaminhou para Czerny”, disse Schindler. “O próprio Czerny estudara antes com o Mestre, e entre seus alunos figuravam Franz Liszt e a rainha Vitória.” Schindler franziu o cenho, lembrando o desenrolar, dos acontecimentos. “Mas nada havia que ele pudesse fazer por Karl. Karl simplesmente não possuía talento.”

“Então o próprio Beethoven ensinou Karl?”, disse a condessa.

“Sim — e como uma vingança. Mandava Karl executar escalas e *arpeggios* intermináveis. O menino simplesmente não tinha sensibilidade ou talento, e mal conseguia manter-se em dia. Mas o Mestre ficava às suas costas quando ele tocava, observando suas mãos pois, embora não conseguisse ouvir, podia perceber cada falha. Estava decidido a fazer de Karl um virtuose, apesar das provas em contrário. Nada seria um obstáculo para ele.” Karl, que começara a perder peso e a sofrer de insônia, ficou fora de si quando

encontrou o rascunho de uma nota que Beethoven pretendia enviar para a imprensa. Levou-a para Schindler e a entregou sem uma palavra.

O maestro Ludwig van Beethoven tem o prazer de anunciar um concerto que consistirá da estréia de seu sobrinho e enteado Karl van Beethoven, um prodígio educado e instruído pelo próprio Maestro.

Schindler leu a nota, um tanto divertido — Karl tinha então dezessete anos, bem além da idade para se considerar prodígio — mas também preocupado. Disse com cautela: “Ora, isso é maravilhoso. A coisa certa para animar o espírito dele. Você deve estar muito emocionado.”

Karl o encarou. “Anton, você já me viu tocar alguma vez?”

“Recentemente não”, disse Schindler.

“Você precisa me ajudar. Encontro-me num terrível estado de espírito. Ele mal me deixa ficar fora de sua vista. Se vou a algum lugar, sempre há repreensões furiosas quando volto. Ele me espera diante dos portões do pátio da escola. Imagine o ridículo que passo com meus colegas de classe. Tenho dezessete anos, mas ele quer me levar para casa pela mão. Não tenho amigos, ele não permite. Sempre me sobrecarrega de tarefas fora de casa, de modo que para mim é impossível estudar. Sou obrigado a passar horas intermináveis no teclado. Para quê? *Para quê?*” Karl deu um riso amargurado. “Ele não consegue ouvir minha execução desajeitada. E ele próprio não trabalha. Tudo o que faz é garatujar frases incompreensíveis. Ou berrá-las com toda a força dos pulmões. Uma estúpida melodia infantil, diz que é o tema de uma grande sinfonia. Ridículo!”

Então Karl murmurou alguns compassos do que — Schindler reconheceu-o mais tarde — se tornaria a *Ode à Alegria*, o canto coral que fazia parte da *Nona Sinfonia*. Mas nem Schindler conseguiu entender na ocasião o que significava aquela salada musical.



“Acho que ele está ficando louco”, disse Karl. “Você precisa me ajudar. Estou desesperado.”

Sob a orientação de Schindler, Karl redigiu um bilhete que, juntos, apresentaram a Beethoven. Solicitava ao Mestre que abandonasse os planos para o concerto. Também tentava, por sutis vias transversas, transmitir-lhe o senso de proporção quanto aos modestos dons de Karl. Beethoven leu o bilhete com agitação crescente.

“Então devo abandonar meus planos, hein? Estou fazendo *pressão intolerável* em Karl. Ele é um *talento medíocre*.”

Ambos anotaram suas respostas no Livro de Conversas.

“Alguém precisa dizer-lhe, Mestre”, escreveu Schindler. “O rapaz é um talento medíocre.”

“*O que Anton diz é verdade*”, Karl escreveu no Livro depois de Schindler.

“Karl”, disse Beethoven com azedume, “você não percebe que sempre existem sujeitos asininos como esse Schindler, com suas opiniões miúdas que surgem de suas mentes miúdas? Já sofri bastante com eles em outros tempos.”

“Anton está com a razão”, escreveu Karl. “Sou um desastre no piano.”

“Oh, então Anton Schindler conhece mais música do que Ludwig van Beethoven.”

“Isso passou da conta”, escreveu Schindler. “Você precisa parar de torturar o rapaz!”

“Schindler”, disse Beethoven, “sempre o considerei um maçante e um imbecil, mas você tinha sua utilidade. Agora você não tem

nenhuma. Sua utilidade para mim se esgotou. Saia.”

“E de fato, por certo tempo — até aquele trágico dia em que Karl tentou se suicidar —, encontrei-me menos com Beethoven”, contou Schindler à condessa.

“Todos tivemos esse tipo de contratempo com ele”, disse Anna Marie.

“O violinista Holz assumiu meu lugar nas afeições do Mestre. E ele pôde, de certa forma, fazer mais.”

Holz, por exemplo, estava disposto a espionar Karl; acompanhava-o a toda parte, fingindo ser seu amigo, e informava a Beethoven sobre cada um de seus passos.

Quando Karl completou dezoito anos, suas discussões com Beethoven se tornaram mais acerbadas; quase todo assunto que abordavam levava a uma explosão. Karl queria seguir a carreira militar, desde quando era menino, mas Beethoven insistira que, se ele não conseguisse ser pianista, deveria estudar filosofia. Sempre obediente, mesmo quando seu coração se opunha tenazmente, Karl era aplicado nos estudos, mas a falta de interesse e aptidão comprometiam seu empenho. Quando Karl foi reprovado no curso, Beethoven acusou-o de preguiça. Mas ambos reservaram as piores discussões para as sutilezas que envolviam a questão do interesse, cada vez maior de Karl por mulheres.

“Detesto falar disso”, disse Schindler, “e francamente acho embaraçoso”.

“Você quer dizer que Ludwig estava muito preocupado com a virgindade do rapaz?”, disse a condessa.

“Sim.”

“A virgindade”, disse a condessa sorrindo, “é uma batalha perdida em Viena.”

O ocorrido em relação a Caspar e Johann, repetia-se agora com Karl — o ciúme e as suspeitas de Beethoven levaram os dois a confrontos violentos. Beethoven sempre advertia Karl a não se aproximar das “fortalezas”, conforme chamava as prostitutas; e fazia preleções sobre o perigo das doenças venéreas, às quais chamava estranhamente de “hálito venenoso de dragões”. A obsessão com a sexualidade do rapaz apenas agravou a relação, quando Karl penetrou nas confusões da adolescência.

No verão de 1824, Karl recusou-se a acompanhar Beethoven a Baden, o Mestre receou que ele estivesse dormindo com todas as meretrizes de Viena. Escrevia diariamente para o sobrinho sobre as virtudes do celibato antes do casamento — prática que ele nunca se permitiu — e então se defendia dizendo: *“Não pense que tenho algo em mente exceto seu bem-estar e felicidade. De volta a Viena, com Karl sob suas asas, havia o massacrante problema das criadas.*

“Ludwig havia começado a tratá-las com muita injustiça”, disse Schindler. “Mas com Karl suas suspeitas atingiram um ponto alarmante e se tornaram uma profecia que se cumpre por ter sido enunciada.”

Raramente uma governanta permanecia a serviço de Beethoven mais que umas poucas semanas. Uma era a “Velha Bruxa”, outra o “Demônio Velho” e depois era a “Galinha Velha”, “Satã” e “Animal Selvagem”, “Gansa Velha” e “Criatura Vulgar da Cozinha”. Eram todas já bem idosas e provavelmente não atrairiam um jovem libidinoso.

Mas então houve Nanette.

Talvez Beethoven a tenha contratado como A Tentação; Schindler não sabia. Mas o mesmo espetáculo massacrante se repetia com ela, conforme ocorrera com todas as outras. Certa noite,

a bela e curvilínea Nanette de cabelos negros levou para a mesa a carne assada com molho. “Está atrasada”, disse Beethoven com azedume. “Desculpe, senhor.”

“E está repugnante”. Beethoven empurrou o prato. “Eu lhe disse qual carne comprar. Por que me desobedece? Meus intestinos estão numa situação terrível. Você está me envenenando.”

Karl não conseguia tolerar tais comentários. Durante anos ele se opunha a essas atitudes do tio. Escreveu no livro: *“Por que você a está torturando?”*

“Ela pode parecer direita e bonita, mas é uma cadela vulgar”, disse Beethoven. “Ela diz mexericos e ri de mim na cidade inteira.”

“Você sabe que isso não é verdade”, escreveu Karl. “Por que dizer essas, coisas tão terríveis?”

“Você está defendendo aquela criatura da cozinha contra mim?”

“Estou apenas dizendo que ela não fez mal nenhum”, disse Karl. “Ela trabalha muito.”

“Para você talvez”, disse Beethoven com sarcasmo. Chamou a moça de volta. “Sua comida é veneno. Você está demitida.”

Karl não pôde tolerar mais. Com o semblante arroxeado pela fúria e embaraço, o coração pulsando descompassado, ergueu-se para ir atrás da moça quando Beethoven gritou: “Espere.” E brandiu o Livro de Conversas. “Escreva.”

“Seu tolo velho indigno”, gritou Karl com toda a força de sua voz.

“Você é ruim como sua mãe!”, berrou Beethoven revidando. “Então me deixe. Deixe-me aqui sem nada para comer. Depois de tudo o que fiz por você. Depois de todos os sacrifícios!”

Karl fugiu da sala sem dizer mais palavra, batendo a porta atrás de si. Como Karl não voltou dentro de poucas horas, Beethoven colocou o sobretudo cinza e o chapéu, saindo à sua procura. Passou por velhos amigos, que o abordaram, e lhes contou: “Meu Karl foi embora. Vocês o viram? Não vale a pena encontrá-lo, mas o que um pai pode fazer?”

Ele tinha certeza de que Karl estava com Nanette. Tinha certeza de que o rapaz estivera dormindo com ela. Na imaginação febril de Beethoven, ela se tornara uma espécie de encarnação do mal, um súcubo, um demônio de saias.

Ludwig entrou na taberna que às vezes, sabia, Karl freqüentava. Estava repleta não apenas de estudantes mas de toda espécie de pessoas vulgares. Abriu caminho até um grupo de bêbedos no fundo, onde prostitutas namoravam no colo dos moços. Perguntou ao bodegueiro: “Você viu meu Karl?”

O bodegueiro não sabia escrever uma resposta, o que complicou as coisas. Beethoven recorreu aos circuns-tantes e foi ficando mais frustrado com todo o riso e dar de ombros. Um copo de vinho apareceu à sua frente, e ele o entornou garganta abaixo, de um sorvo só.

Então descobriu Karl.

Ele estava com Nanette, o braço envolvendo o ombro dela, a mão em concha aparando um seio, o copo de cerveja nos lábios dela. Sussurrava em seu ouvido e ria. Com um murmúrio surdo, Beethoven avançou a passos largos para Karl e arrancou-lhe da mão o caneco, borrifando-o de cerveja. *“Venha comigo”*, gritou.

Dominou Karl e, com uma surpreendente exibição de energia, arrastou o rapaz de sua cadeira. Quando Nanette tentou abrir caminho entre os dois, Beethoven deu-lhe um tapa com a mão espalmada fazendo-a cambalear.

“Prostituta! Fora!”, gritou.

Quando os fregueses interromperam suas conversas para assistir à cena, mais divertidos do que preocupados, Beethoven agarrou o sobrinho pelos cabelos e o arrastou pela taberna, levando-o para a rua. Ali Karl, berrando e chorando, desvencilhou-se do aperto do tio e começou a fugir. Beethoven lançou-se atrás dele mas de súbito se dobrou de dor, aguilhoado por seu fígado doente. Caiu na rua. Observando de uma distância segura, Karl imaginou a princípio que fosse uma brincadeira, apenas outra forma cruel de chantagem emocional. Mas, quando o velho mergulhou num acesso de tosse, voltou, pondo-se de pé ao lado dele.

“Tio”, disse curvando-se, “por que você me trata desse jeito? Por que não posso viver minha vida?”

Ajudou Beethoven a se erguer, alugou um cabriolé e o levou para casa.

“E depois desse episódio”, disse Schindler, “acho que Karl mudou. Entrou em um período infeliz, em que sempre parecia lamentável. Não passou em filosofia e matriculou-se num curso de comércio. Mas, quando fez os exames, também não conseguiu passar.

“O que ele fez a seguir magoou Beethoven mais que tudo”, disse a condessa. “Lembro-me como se fosse ontem.”

“Sim”, disse Schindler. “Karl expressiu sua raiva de um modo que causou no Mestre um ferimento mortal.”

# Capítulo 16

## Um Dia de Verão

“O que Karl fez, exatamente, foi apurado pelas autoridades”, disse Schindler. “Suas intenções, por assim dizer, ele já tornara evidente por vários dias”.

Beethoven não fora para o interior no verão de 1826, aparentemente por causa da saúde precária. Mas o verdadeiro motivo era Karl. Como os exames se aproximassem, Karl permaneceu em Viena para estudar com seu preparador. Beethoven hesitava em deixá-lo, receando que o rapaz fosse procurar prostitutas, jogar ou — o que era pior — insistir em procurar sua mãe.

Controlar Karl tornava-se cada vez mais difícil. Como ambos já não conseguiam viver em harmonia sob o mesmo teto, Beethoven alugara alojamentos para Karl na casa de Herr Schlemmer — embora exigisse a presença do rapaz à noite. Schlemmer exercia

rígido controle sobre o rapaz, a pedido de Beethoven, e certo dia no final de julho, encontrou uma pistola carregada, junto com chumbo e pólvora, na cômoda de Karl. Frau Schlemmer encontrou outra arma igual na gaveta. Nem Herr Schlemmer nem sua mulher estavam familiarizados com armas de fogo e precisaram pedir que um vizinho as descarregasse. Sem perda de tempo, transmitiram a notícia a Beethoven.

“Seja tolerante com ele”, exortou Schlemmer, que conhecia bem o temperamento de Beethoven, “ou ele se desesperará.”

Holz — que naquela época Beethoven preferia a Schindler — não se deu bem na sua tarefa de levar Karl para casa, quando foi buscá-lo na escola.

Karl disse a Holz: “De que adianta me segurar? Se eu não escapar hoje, farei isto mais tarde.” E então fugiu.

“Não tenho idéia da dimensão de sua decisão interior”, disse Schindler à condessa. “Apenas sei o que ele fez.”

“Foi tudo tão romântico de certa forma”, disse ela. “As ruínas do castelo de Rauhenstein. Romântico e trágico ao mesmo tempo.”

“Somos todos românticos em Viena”, disse Schindler com seriedade. “E havia outros problemas urgentes. Karl tinha algumas dívidas de jogo e roubara alguns livros de Beethoven para vender. Seus exames se aproximavam, e ele estava certo de que seria reprovado, mesmo com a ajuda de seu preparador.”

“Mas isso não foi o verdadeiro motivo”, disse ela. “Foi o Mestre. E sua mãe.”

Schindler balançou a cabeça, indeciso. “Podemos apenas conjecturar”.



O que era certo, era o seguinte: Karl empenhara seu relógio e corrente de ouro e, com os poucos florins recebidos, comprara outro par de pistolas para duelo. Eram armas de pederneira, com canos de 9 milímetros, sem raias, e com ornatos em forma de arabescos. Também comprara balas e pólvora. Então caminhara até o Portão Karntner, onde tomara a diligência para Baden.

Schindler se lembrou de que era um quente sábado de julho. Dormia sono intranquilo, faltando uma hora para o alvorecer, quando ouviu um estrépito fora de sua janela e, a seguir, alguém gritou seu nome. Despertou, ergueu a vidraça e, pondo a cabeça para fora, viu Beethoven rodando em círculos incessantes na rua e batendo sua bengala contra a carruagem. Schindler esfregou os olhos pensando que sonhava, mas não era sonho.

“Acorde, seu miserável!”, gritou Beethoven. E acrescentou, com ironia mais magoada que divertida: “Ele se foi. Foi-se! E *tudo por culpa sua*, Schindler.”

Enquanto isso, Karl passava a noite em Baden, que estava então a meio da temporada de férias. Na manhã seguinte, desceu à taberna da hospedaria e pediu um conhaque como desjejum. Beber de tudo e a qualquer hora não era incomum naquela região e, a princípio, o garçom não viu nada de mal naquilo. Mas percebeu que algo não ia bem quando, às 10 horas, ao soarem os sinos da igreja, Karl saiu cambaleando após tomar vários conhaques.

Ele levava o estojo das armas bem aberto — a prática de tiro ao alvo era um lazer comum em Baden — e, tão despreocupado quanto um pintor domingueiro com sua paleta e tintas a óleo, galgou as ruínas do castelo em Rauhenstein. Era uma manhã excepcional no Helenenthal. Grossas e altas árvores sob os tufos de nuvens que vogavam no claro céu azul saudaram-no quando ele chegou ao vértice do penhasco. Esquilos pararam de mordiscar para observá-lo, pássaros lançaram chilreios, mosquitinhos dançaram à luz do sol. Karl abriu o estojo e retirou uma das pistolas e munição.

“Abraço-o afetosamente”, seu tio Ludwig escrevera-lhe poucos dias antes, após uma de suas cenas horríveis, “e estou convencido de que em breve você não mais me entenderá mal, motivo pelo qual julgo sua conduta...”

Karl não o entendia. E sentiu que talvez, quando o tio encontrasse seu corpo, também não entenderia. Porque estava na iminência de fazer algo que um menino não faz. *Ele não era um menino*, embora o tio ainda insistisse em buscá-lo na escola e caminhar com ele para casa de braço dado quando já tinha quase vinte anos.

*Não sou tão frívolo quanto você acredita.*

Isso Karl escrevera para Beethoven na antevéspera, ao ser brindado com a costumeira ladainha de insultos e comentários aviltantes. E talvez (pensou Schindler) ele pretendesse mostrar para o tio que era sério, embora tivesse sido reprovado em filosofia e no curso de comércio e provavelmente fracassaria em tudo o mais que tentasse. Ele era *sério* — embora quisesse de quando em quando sair de casa sem acompanhante e não suportasse passar todas as noites na companhia do tio, tocando solos de piano a quatro mãos e discutindo por bagatelas. *Sério*, ainda que com algumas dívidas de jogo.

E mal se podia culpá-lo de apropriação indébita dos 80 florins devidos a Schlemmer pelo aluguel de maio. Ele realmente não sabia que fim levava o recibo. E, quanto aos livros...

A balbúrdia de seus aposentos é tão grande, escreveu ele a Beethoven, que chega a ser inacreditável. Você me acusa de furtar 80 florins porque não consegue encontrar o recibo. Mas; quando você perdeu o manuscrito da Kyrie da Missa Solemnis, onde o encontramos? Ele fora usado para embrulhar a manteiga!”

“Todas aquelas repreensões iam chegar ao fim”, disse Schindler. “Ali, no alto da montanha. Ele era sério. Não fracassaria dessa vez.”

“Sim, ele tinha uma sonata de sua autoria”, disse a condessa.

“E não foi usada para embrulhar manteiga”, disse Schindler, “mas pólvora.”

Karl rasgou o pequeno embrulho de papel com os dentes e despejou a pólvora pela boca da arma, logo a seguir a bala, que empurrou até o fundo com a vareta. Procedeu da mesma forma com a outra pistola, provavelmente por duvidar que, se o primeiro tiro negasse fogo ou não acertasse o alvo, ele tivesse coragem para recarregá-la.

A seguir, seria mera questão de avançar para a beira do penhasco, apontar a pistola contra a têmpera e disparar. Karl lançou um último olhar para a majestade do *Aquae Panoniae*, com seu deslumbrante cinturão de montanhas, e talvez perguntasse a si mesmo se sua vida havia se tornado tão intolerável e inaceitável. Fosse qual fosse a resposta, sentiu contra a têmpera a boca da arma. Puxou o gatilho.

O agudo estampido da pistola estraçalhou a calma nas ruínas de Rauhenstein. Esquilos voaram sobre suas castanhas e correram em busca de abrigo e, por um instante, os pássaros silenciaram. Em vez de tombar do penhasco, Karl foi arremessado de costas pela detonação e perdeu o equilíbrio. Ao cair no chão, sentiu sangue jorrar rosto abaixo, mas não desmaiou. Deve ter notado na hora que falhara mais uma vez. A bala não se alojara em seu crânio, era-lhe evidente, mas devia ter passado de raspão. Seu cérebro não fora estourado, pois do contrário não estaria sentindo aquela dor terrível; não estaria sentindo nada; não seria *nada*. O mundo com todos os seus problemas teria desaparecido para sempre.

Ainda restava a segunda pistola, se ele conseguisse encontrá-la. Sua cabeça latejava horrivelmente e ele não conseguiu deixar de chorar de dor mas, ao mesmo tempo, viu de relance, entre lágrimas e sangue, a outra pistola. Ergueu a arma contra a têmpera,

conforme fizera com a primeira. Embora se felicitasse pelo bom-senso que tivera, carregando a segunda, não contara com outro fator — já não podia confiar na firmeza de sua mão.

“Não obstante”, disse Schindler com amargo sarcasmo, “deve-se tentar. Porque se é jovem e se é tolo. E se pensa apenas em si mesmo.”

Assim Karl puxou o gatilho e a segunda bala partiu da boca da arma e penetrou em seu crânio.

“Alguém de uma carreta que passava encontrou-o”, contou Schindler para a condessa. “Não estava morto. Karl pediu que fosse levado para a casa de Johanna. Foi ali que o encontramos.”

Johanna atendeu aos malhos que Beethoven dava na porta de sua casa. Entreabriu-a, relanceou os olhos para Beethoven e Schindler com expressão aterrada e vaga, mas tentou barrar sua entrada.

“Saia do caminho!”, gritou Beethoven. “Sei que você está com ele.”

“Karl se baleou.”

“Saia do caminho!”

Beethoven nada ouvira do que ela disse, e Schindler foi obrigado a anotar para ele. “*Karl tentou suicídio.*” Quando Schindler mostrou-lhe a anotação, Beethoven desabou no chão. Só alguns instantes após lhe trazerem saís para aspirar foi que ele voltou a si. Johanna estava histérica. Não parava de pedir a Schindler: “Suplico-lhe, peça para o cirurgião não fazer um comunicado. Vão prendê-lo. Suicídio é crime.”

“Precisamos chamar o cirurgião”, disse Schindler.

Karl ainda se achava em estado de choque quando entraram no quarto. Tremia e às vezes dava repelões, com certeza amedrontado pelo que fizera contra si, e havia sangue no travesseiro e uma bacia de água e toalhas na prateleira. Ao que parece, Johanna estivera lavando seus ferimentos. Mas, quando Schindler observou melhor, notou que muito do que parecia um ferimento horrível era apenas sangue enegrecido.

“Eu estava esperando por você, tio”, disse Karl. Um sorriso estranho e descomposto estendeu-se por suas feições pálidas, salpicadas de sangue. “Dê-me o caderno.” Beethoven estava mudo, incapaz de se mover, contemplando o sobrinho. Schindler entregou o caderno a Karl, e o jovem, com um arreganho de riso o tempo todo, escreveu uma breve linha com mão trêmula.

“Nunca mais me procure.”

Karl não morreu. A primeira bala raspou seu crânio; a segunda, embora alojada no crânio, não o penetrara e foi extraída facilmente. Havia o receio de que talvez surgisse uma infecção, motivo pelo qual Karl foi posto sob os cuidados de cirurgiões no hospital geral em Viena, onde permaneceu por seis semanas. Sem perda de tempo, os cirurgiões comunicaram seu caso à polícia. Iniciou-se uma investigação, pois suicídio era de fato crime na Áustria. Suspeitava-se que Karl nutria convicções anti-religiosas e, ainda no hospital, foi obrigado a receber ensinamentos da Igreja. Um austero redentorista vinha todos os dias, e apegou-se a ele como sanguessuga; até se convencer de que Karl não era propriamente um pecador, e se comportava como bom cristão. Quando a polícia perguntou a Karl por que tentara se matar, ele deu uma resposta em termos incisivos.

“Porque meu tio me atormentava. Achei que ia ficar louco.”

“Sua crueldade em relação ao Mestre, o fato de dizer o que disse às autoridades, mudou para sempre a opinião que eu tinha de Karl”, admitiu Schindler para a condessa. “Talvez eu não esteja

sendo justo. Mas, devo admitir a verdade, nunca mais consegui suportar sua presença.”

Nos dias posteriores à tentativa de suicídio de Karl, Beethoven oscilou entre a ira, o desespero e a perplexidade. Não conseguia, em sua consciência, assumir responsabilidade pelo que o rapaz fizera, e escreveu que, na sua opinião, tudo se devia à “confusão do espírito, insanidade e ferosidade. Karl teve dores de cabeça desde a infância”. Queixou-se a Schindler de que nem sequer queria visitar Karl no hospital; e, quando foi, como é claro que fez, trajou-se e agiu como um andrajoso. E, sentado ao pé do leito do rapaz, logo se enfureceu — Schindler não podia propriamente culpá-lo — e se lançou às costumeiras reprovações contra Johanna, chamando-a mais uma vez Rainha da Noite.

Karl ouviu-o taciturno e então escreveu: “Não quero ouvir sobre ela nada que seja desabonador e não é absolutamente de minha competência julgá-la.”

Era como se um novo Karl renascesse do antigo.

“E talvez Karl dissesse aquilo por mera questão de justiça”, acrescentou Schindler. “Ele tolerara tantas violências do Mestre ao longo dos anos. Mas, apesar de tudo, hoje simplesmente detesto o rapaz. Seu coração não era grande o bastante para abrigar a afeição de Beethoven por ele.”

A lealdade de Schindler e seu coração pertenciam, sempre, ao Mestre, e tudo o que o diminuísse era inaceitável. Criticar o Mestre, irritar-se ou até enfurecer-se com ele, Schindler entendia. Conhecia o preço a pagar por quem estava ligado ao gênio. Mas a tentativa de suicídio de Karl atingiu o Mestre nos seus mais profundos recessos. Foi um meio de matar a alma do homem, e Schindler não podia aceitá-lo. Nos meses seguintes, ficou evidente que os atos do rapaz estraçalharam a alma e o corpo de Beethoven e que ele jamais se recuperaria totalmente.

"Ficou decidido que Karl ingressaria no exército", disse Schindler, "conforme quisera fazer, de um jeito ou de outro. Conseguiu-se para ele, com o marechal-de-campo Stutterheim, um posto no seu regimento em Iglau. Devo confessar que fiquei em êxtase. Aquilo tiraria Karl de Viena."

Em princípio, foi um grande alívio para todos. Beethoven festejou a solução dedicando a Stutterheim seu novo e grandioso quarteto para cordas em dó sustenido.

"Isso foi quase no fim", disse a condessa.

"Sim", disse Schindler, balançando a cabeça com tristeza.

Para Karl assumir seu posto, precisava apenas esperar que seu cabelo crescesse a ponto de ocultar as cicatrizes. Nesse ínterim, Johann, tio de Karl, convidou-o e a Beethoven para irem morar com ele e sua esposa, Therese, na sua casa em Gneixendorf. Schindler aplaudiu essa providência, pois significaria a saída paulatina de Karl da vida de Beethoven. Mas logo surgiram tensões no círculo familiar. Johann pediu que Beethoven pagasse pela cama e mesa, o Mestre discordou. Beethoven também notava que Therese, mulher de bela aparência e curvilínea, freqüentemente tocava piano com Karl, e suspeitou de uma ligação. O próprio Karl mergulhava em constantes crises de mau humor. Durante certo tempo, a trégua em família vigorou, mas foi rompida quase no fim de novembro de 1826 por violenta discussão entre os irmãos. Era hora de partir.

Na viagem de volta a Viena numa fria noite chuvosa, em que fez o percurso em carruagem aberta —, Beethoven pegou friagem. Ele e Karl pernoitaram numa estalagem cujas acomodações eram primitivas, sem lareira e sem sequer persianas nas janelas. No momento em que cruzaram o Danúbio e passaram pelo Portão Struber, o Mestre já apresentava, além de hidropisia, os primeiros sintomas de grave inflamação dos pulmões, que ocasionou sua última enfermidade.





# Capítulo 17

## A Identidade da Amada Imortal

Agora eles haviam completado o círculo. Anna Marie forçou Schindler a relatar a história do Mestre até quase o momento de seu desenlace. Eles estiveram se falando por toda outra noite e dia, a alvorada começava e Schindler ainda assim não sentia desejo de repousar. Eles haviam falado à exaustão, com Beethoven lhes servindo como tema de afeição compartilhada, a tal ponto que um sólido vínculo surgira entre ambos.

E a Amada Imortal?

“Estou certa de que você sabe quem é ela”, disse a condessa, pousando a mão na de Schindler.

“Mas não pode ser.” Ele meneou a cabeça. Sabia, e no entanto não queria saber, não estava plenamente disposto a aceitar a verdade. “Tenho sido um tolo.” “Você não pode se culpar.”

“Mas eu me culpo, do mesmo modo como ele se culpou — culpou a si e a ela — vezes e vezes repetidas. E, agora que ele se foi, como poderemos nos reconciliar?” E apontou para a carta na mesa. “Com aquilo, espero. Preciso entregar a ela.”

“Naqueles últimos anos”, disse Anna Marie, “eu não estava em Viena.”

“Eu me lembro”, disse Schindler.

“Também eu fiz uma visita a Metternich, embora não por minha livre vontade. Acusaram-me de ser subversiva política. Trouxeram à baila minha intimidade com Beethoven, como se aquilo fosse um embaraço para meu marido, o conde, que eu não via há anos. Fui exilada — e Metternich estava bem ciente de que Beethoven era obrigado, por um acordo, a permanecer em Viena.” Ela suspirou. “Um acordo que eu própria, por estranha ironia, pusera em vigor.”

Schindler assentiu. A condessa Erdody havia conseguido o pagamento da contribuição anual que pertenceria a Beethoven enquanto ele permanecesse em Viena. E Schindler recordou a agitação de Beethoven à partida obrigatória da condessa; fora bem na época de suas maquinações para conservar a tutela de Karl.

“Ele levou Karl para Jedlersee no ver ao de 1817”, disse a condessa. “Foi um interlúdio maravilhoso, delicioso para nós. Talvez o período melhor, o mais tranqüilo que tivemos juntos. Ele brincava com as crianças no jardim, fazia o papel de urso e as deixava caçá-lo. Ludwig era simplesmente um urso maravilhoso.” Anna Marie hesitou e recordou, com leve sorriso, bailando-lhe nos lábios mas com tristeza nos olhos. “Então”, prosseguiu lentamente, “um dia ele tomou de minha mão. E eu sabia o que ele ia dizer...” Hesitou de novo, contendo as lágrimas. “Ele tomou de minha mão com tanta

ternura e perguntou se Karl, de algum modo, não poderia substituir August, o filho que eu perdera. Foi, ou devia ter sido, um belo momento, mas senti sombras, estranhas sombras, ao meu redor. Disse-lhe: 'É terrível perder um filho. Conheço a tristeza que Johanna deve ter sentido'. Então a ternura de Ludwig se evaporou num segundo. Ele ficou vermelho de raiva e rugiu: '*Ela não tem direito a ele*'. Fiquei chocada com sua veemência. E eu lhe disse: 'Mas Ludwig, ela é a mãe dele'."

"Por algum tempo, estive tudo acabado entre nós depois daquilo. Ludwig voltou às pressas para Viena. Não recebi desculpas suas durante meses."

"Mas ele se desculpou", disse Schindler. "E foi uma atitude rara da parte do Mestre. Ele considerava as desculpas uma fraqueza."

"Eu teria suportado seu temperamento. Eu teria suportado seu mau humor. Eu teria dado um lar a eles." A condessa meneou a cabeça. "Mas a vida em Viena se tornara tão ruim quanto a guerra."

"Foi Metternich."

"Beethoven e eu recomeçamos nosso amor", prosseguiu Anna Marie. "Brigamos, Reconciliamo-nos. Vivemos como uma família; havia esperanças de um futuro em comum. E posso lhe contar o seguinte — o seguinte sobre sua Amada Imortal,." Sua voz estremeceu, agora que ela se forçava para soltar as palavras — palavras que saíram com dificuldade ao recordar mais uma vez aquela cena de tanto tempo atrás.

Ela despertou certa noite e descobriu que Beethoven não estava a seu lado. Teve uma estranha sensação, um receio vago e súbito, e saiu à sua procura. Encontrou-o sentado diante das portas que davam para o jardim, contemplando o céu repleto de estrelas.

"Aproximei-me dele e envolvi seus ombros com meus braços. Havia uma carta em sua mão. Quando ele se voltou para mim, pude

ler algumas das palavras". Ela ergueu a carta da mesa e disse: "Eram estas as palavras:

'Por que essa tristeza profunda, quando a necessidade aparece? Pode nosso amor subsistir, exceto por meio dos sacrifícios, sem tudo pedir? Podes alterar o fato de que não és toda minha... e eu não sou totalmente teu? Oh, Deus, contemplai a bela natureza e resigna-te ao que tem de ser. O amor tudo exige, e com razão; eis como me sinto para contigo e tu para comigo'."

Então Anna Marie ergueu os olhos para Beethoven, o coração doendo de amor por ele. Este retribuiu-lhe com um olhar repleto de carência não correspondida. Pelo mais breve dos momentos ela acreditou que a carta lhe era dirigida, até que ele lhe disse com amargo sarcasmo: "Não é uma nobre e profunda declaração de amor?"

"Ludwig..." Ela percebeu que algo estava muito errado; sentiu que algo desmoronava em seu íntimo.

Beethoven prosseguiu, ignorando sua presença, preso ao passado. Disse: "Encontrei-a jogada fora no quarto dela. Jogada fora sob uns pratos sujos. A carta nada significava."

E foi então que Anna Marie von Erdody percebeu que a carta fora escrita para outra pessoa, destinava-se a outra.

"Arrisquei tudo", disse Beethoven com a voz rouca de emoção, "e ela me traiu. Abri-lhe meu coração e ela me traiu".

A condessa agora contemplava Schindler com expressão mais profunda que o pesar, mais profunda que a tristeza. Disse: "Foi ela quem interferiu em nossa vida. Eu o amava totalmente, mas ele nunca conseguiu retribuir meus sentimentos. Porque nunca conseguiu esquecê-la. Após todos aqueles anos, ela ainda vivia em seu íntimo." Schindler meneou a cabeça. "Falhei com ele." "Todos nós falhamos com ele", disse Anna Marie. "Ele nos deu tanto e nós

nem sequer tornamos tolerável sua existência. Esse último desejo precisa ser cumprido como ele queria. Ele deixou-lhe seu patrimônio. Fale-me agora. Fale-me o nome dela.”

“Mas você sabe, Herr Schindler. Você sabe.”

Ele pendeu a cabeça. “É tão revoltante. Não pode ser.”

“Mas é. Já que você é homem vivido, precisa entender que não há lógica nesses assuntos.” Ela mergulhou uma pena no tinteiro e lentamente escreveu o nome da Amada Imortal, para que ele visse o preto no branco. Ele olhou fixamente para o nome.

“Não pode ser”, repetiu.

A condessa meneou a cabeça. “A resposta esteve sempre diante de seus olhos. Você simplesmente não quis ver.”

# Capítulo 18

## A Última Sinfonia

Assim que Schindler certificou-se da identidade da Amada Imortal, decidiu voltar imediatamente para Viena. Mandou que descessem suas malas antes que o desjejum fosse servido, e Anna Marie despediu-se dele.

Tão logo entrou na carruagem e lhe estendeu o braço, ela o surpreendeu com um impulsivo beijo nos lábios.

“Vá até ela.”

Schindler assentiu. “É meu dever.”

Anna Marie sorriu-lhe. “Você fará a vontade do Mestre. Ele queria isso. Talvez, afinal de contas, ele estivesse certo quando disse que não conseguia viver sem ela.”

Apenas contigo posso viver plenamente, não há outra forma. Assim tem de ser.

Ela não estava em Viena, conforme se viu. Schindler localizou-a com o auxílio de Jacob Hotschevar, que o saudou com a relutância cordial de advogado. Queria ele ver Frau Beethoven? Podia-se dar um jeito. Ela morava em Baden. Ele poderia entrar em contato com ela e, se a senhora em questão desejasse, podia-se providenciar um encontro.

“Eu mesmo irei a Baden”, disse Schindler. “Tenho importantes notícias para ela.”

“Sobre seu filho?”

“Herr Hotschevar”, disse Schindler empertigando-se, “este é um assunto a ser tratado entre Frau Beethoven e eu.”

“Ela pode precisar de assessoria jurídica”, disse Hotschevar, acrescentando através dos lábios franzidos: “Isto tem a ver com Beethoven?”

Schindler, mal conseguindo controlar sua impaciência, disse: “Se Frau Beethoven julgar que precisa de assessoria, estou certo de que ela recorrerá ao senhor.” Ergueu o chapéu numa saudação. “Bom dia.”

Apesar de certa ansiedade, Schindler estava confiante, quase animado, ao se aproximar da loja de tapeçaria de Johanna Beethoven, em Baden. O local estava apinhado de sofás e poltronas de dois lugares e “preguiçosas” e cadeiras em várias fases de acabamento. Johanna trabalhava numa, de adornos especiais, aplicando o tecido. O surgimento de Schindler deve ter-se assemelhado a uma aparição do passado. Ela pareceu surpresa e Schindler notou que suas feições se enrijeciam; ela assumiu ar de frieza.

Ele fez uma reverência. Sabia que não tinha muito jeito com mulheres iguais a Johanna, seres mais sólidos do que etéreos; não se sentia à vontade em sua companhia e sempre hesitava à procura de palavras. Tentou transmitir um calor extra à sua voz quando disse: "Frau Beethoven, podemos falar em particular?"

"Não tenho nada a esconder de meus empregados."

"Por favor. Imploro-lhe."

Ela o encarou com o rosto parecendo uma máscara de frieza e serenidade e então disse lentamente: "Podemos conversar no depósito."

Johanna sentou-se na dianteira de um sofá semi-acabado, Schindler num fardo.

"Um belo lugar o que você tem aqui", disse Schindler, tentando encontrar as palavras. "É muito parecido com o que o Mestre descreveu-me certa vez."

"Conforme você pode ver, estou muito ocupada", disse, com impaciência, interrompendo sua tentativa de conversa trivial. "O que o traz a Baden?"

"Sim, claro." Schindler limpou a garganta. "Frau Beethoven... não é fácil começar isto. Pode me dar uma demonstração de sua caligrafia?"

"O quê?" Ela agarrou um braço do sofá. "Mas por quê?"

"Por favor. Atenda-me. Sua assinatura, por exemplo. Algo em manuscrito."

"Isto é ridículo."



“Explicarei num instante, Frau Beethoven. Este não é um pedido gratuito.”

Retorcendo os lábios com raiva, ela retirou do bolso de seu avental uma nota de venda e lhe entregou. Ele a comparou com a página do registro de hóspedes do Hotel Cisne. Era a mesma? Estudou-a com os olhos entre-cerrados. Parecia a mesma — as garatujas, os traços curvos — mas ele não podia ter certeza absoluta. Entregou-lhe o registro.

“Esta letra é sua?”, perguntou.

“Não dá para decifrar isto”, disse desorientada. “O que é isto?”

Schindler disse: “É uma página do registro de hóspedes do Hotel Cisne, em Karlsbad”.

Ela o encarou, a boca aberta, o choque desenhando-se em seu rosto. Então olhou de novo para a página do registro. Quando se ergueu para responder, sua voz vacilou.

“Frau Beethoven... você escreveu isto?”, disse cortesmente.

“Eu gostaria que você fosse embora”.

“Suas respostas são mais que importantes para mim. Você algum dia se encontrou com Ludwig van Beethoven em Karlsbad?”

“O quê? O que você está me dizendo?” “Encontrou-se?”

Ela concentrou em si toda a sagacidade, e ele pôde perceber o esforço que isso demandava. “Você mal consegue entender o modo como sofri nas mãos dele, Herr Schindler. Considero a pergunta tão insultuosa quanto indecorosa. O que você está sugerindo?”

Ele balançou a cabeça. “Não poderá haver paz sem a verdade.”

Seus olhos se encontraram fixamente.

“Para você talvez”, disse ela afinal. Após um momento, acrescentou: “Fiz minhas pazes com Ludwig.” “Você não quis ter mais nada a ver com Ludwig depois que a ação foi decidida a favor dele”, disse Schindler. “Lembro-me disso. Mas antes, muitos anos antes, em Karlsbad...”

“Eu fiz minha paz”, repetiu.

Então Johanna contou a Schindler, tomando uma chávena de chá, quando e onde ela e Beethoven se encontraram pela última vez. “Embora eu o odiasse há tanto tempo, embora ele fizesse tudo ao seu alcance para me destruir, eu fui. Tinha de ir. Sabia que seria um grande momento — e que seria o último.”

Ela se referia, sabia-o Schindler, à execução de estréia, no *Kärntnertor*, da última e maior sinfonia de Beethoven, a *Nona*. Ele deixara de trabalhar nela durante a guerra com Johanna, e a retomara só muito tempo mais tarde. Sua grandeza emanava da fusão de sombra e luz, da morte e vida, do triunfo da alegria, da fraternidade e da benevolência. Notas e tons dramáticos ecoavam por toda a sinfonia, rompendo os limites da forma musical e dando vida aos anseios do ser humano por liberdade, alegria e amor.

Johanna entrou no *Kärntnertor* um pouco atrasada e, a princípio, não conseguiu vê-lo. Ficou conjecturando se algum leve contratempo de última hora não o lançara num acesso de raiva, fazendo-o ir embora. Mas, em poucos instantes, nada mais importava a não ser a música. “Fiquei completamente arrebatada por ela”, disse a Schindler. “Era como se segredos inauditos, insuspeitados, estivessem sendo revelados. E então o vi.”

Também Schindler se lembrava do momento. O salão de concerto estava lotado e Beethoven se achava de pé junto ao pódio, no meio da orquestra. Ele se destacava com sua incongruente casaca verde — era a única que possuía —, mergulhado em êxtase.

Seu amor à natureza e comunhão com ela, os ideais do Iluminismo e da liberdade avultavam no seu íntimo — tudo em oposição ao sofrimento e dor que inundaram sua vida; a dor de lembrar seu próprio pai cambaleando bêbedo pelas ruas e aplicando-lhe maus tratos — tudo triunfando agora, no fim, com a composição de uma sinfonia que era uma afirmação da humanidade, da fraternidade face à guerra e destruição, e uma resposta a todo tipo de pequenez humana.

“Você se lembra dos aplausos retumbantes?”

“Sim, claro.”

A platéia, que ouvia atentamente, irrompeu várias vezes em ovação. Quando a percussão dos timbales entrou no *Scherzo* brincalhão do segundo movimento, os aplausos retornaram em retumbante erupção vulcânica. Beethoven, com as costas voltadas para o público, nada ouvia. E o choque dessa constatação, de que ele nada ouvia, eletrizou a platéia. Homens arremessaram os chapéus para o ar, mulheres agitaram echarpes e lenços — tudo para demonstrar apreço e lisonja que não podiam se esgotar apenas nos aplausos. Algo levou-o a se voltar.

Ele fez uma *mesura*, solenemente, abruptamente, sem graciosidade — e de um modo maravilhoso.

“Dava a impressão de que os aplausos não iam acabar nunca”, disse Schindler.

“E então”, disse Johanna com os olhos iluminados pelas lembranças, “ele me viu... Havia toda aquela gente no salão de concertos”, ela vacilou um momento, sufocada, as lágrimas inundando seus olhos “era como se estivéssemos a sós.”

Johanna, então, contou o resto a Schindler. Quando o Mestre jazia moribundo, mandou que fossem buscá-la. Ela não sabia se convinha ir e se decidiu contra várias vezes, mas afinal não conseguiu se manter a distância. No *Schwarzspanierhaus*, ela encontrou o irmão de Beethoven, Johann, e sua esposa, Therese.

“O ventre dele inchou de hidropisia”, disse Therese. “Por cinco vezes os cirurgiões fizeram punção para drenar o líquido. As incisões inflamaram. Suas forças se acabaram e receio que a agonia da morte esteja se aproximando.”

Johanna nada disse. Olhou para o aposento de Beethoven desejando entrar, ficar com ele a sós pela última vez.

O monóculo de Johann caiu. Disse: “Quero que ele receba os últimos sacramentos enquanto ainda está consciente. Mas hoje à tarde, quando sugeri que mandassem chamar um padre, ele voltou o rosto para a parede e me chamou de imbecil.”

“Coisa normal nele”, disse Therese.

“Mas então ele perguntou por você”, disse Johann, voltando-se para Johanna, encarando-a atentamente. “Não sei por que, juro que não entendo.” Balançou a cabeça como que conjecturando. “Meu irmão está morrendo. Logo terá deixado este mundo.”

Johanna entrou discretamente no quarto em sombras. As cortinas estavam descidas e a clara luz solar do princípio da primavera mal penetrava a escuridão. Beethoven estava recostado no leito. Sua aparência era chocante. Estava macilento e amarelo de icterícia, a pele repuxada e gretada como papel velho. Apenas seus olhos, embora em órbitas roxas, ainda eram impressionantes. Seu abdome estava enfaixado por causa da hidropisia e dos drenos.

“Em seu colo havia papel pautado”, disse Johanna, relanceando um olhar para Schindler, mas um olhar interior, como se falasse para si mesma.

“Ele estava compondo a *Cavatina do Galitsin*, um dos últimos quartetos para cordas”, disse Schindler.

Beethoven pousou a pena e estendeu a mão. Ela hesitou, então atravessou o quarto e tomou-a entre as suas. Ficaram olhando um para o outro, sem nada dizer.

“Não precisávamos de palavras”, disse Johanna. “Havíamos chegado a um ponto muito além das palavras. Ele me entregou um papel em que desistia da tutela de Karl.”

Ele então tentou sorrir e, por cima da partitura da *Cavatina*, rabiscou com letra quase ilegível:

“Tem de ser?”

Ela escreveu como resposta: “*Tem de ser*”.

Beethoven leu a resposta, fixou os olhos dela e disse: “*Plaudite, amici, comoedia finita est*”.

Aplausos, amigos, pois a comédia acabou.

Assim foi a morte de Beethoven conforme Schindler também a recordava. Não restavam dúvidas de que ela contava a verdade. Mas então ele constatou, com sensação de choque, que a verdade maior escapara a Johanna quando ela lhe disse: “Sim... eu o amei certa vez. Amei-o e ele me voltou as costas. Fui uma tola. Nunca signifiquei nada para ele.”

“Mas a carta, Frau Beethoven. E a carta? Como pode dizer que não significou nada para ele?”

Johanna olhou-o bem nos olhos, abrindo muito os seus com apreensão e perplexidade.

“Que carta?”, perguntou.



# Capítulo 19

## Retorno a Karlsbad

Schindler, tentando sem grande êxito ocultar seu assombro, deixou com Johanna a carta à Amada Imortal. Disse: “Creio que isto lhe foi endereçado. Talvez seja melhor que você fique só, agora.” Então fez uma mesura e atravessou a porta. Ao passar diante da loja, pôde ver mulheres lá dentro no azáfama de seu trabalho. Olhou para o alto e viu um bando de gaivotas e ouviu — pois agora era primavera — pica-paus cinzentos ocultos nas árvores. Voltou-se e contemplou de novo Johanna através da vitrina.

Meu anjo, meu tudo, meu outro eu, só umas poucas palavras hoje, e ainda assim a lápis (seu)...

Ela permanecia imóvel, de pé, lendo a carta. Sua boca se contorcia de tristeza enquanto as lágrimas escorriam por suas faces.

Schindler afastou-se. Tomou a próxima carruagem para Karlsbad.

Minha jornada foi assustadora; só cheguei aqui às 4 horas da madrugada de ontem. Por falta de cavalos, a carruagem tomou outra rota, e que pavorosa. Na etapa anterior à última, avisaram-me para não viajar à noite; fizeram-me recluir uma floresta, mas isso apenas me deixou mais ansioso... e eu estava errado. A carruagem precisava quebrar na estrada desventurada — uma infundável estrada de lama.

A caminho de Karlsbad, Schindler começou a entender o que por tanto tempo lhe escapara. O Mestre escrevera nas cartas: *Sou o pai verdadeiro, físico, de Karl*. Até então, Schindler atribuíra aquilo à transcendência (e talvez à falibilidade) da profunda emoção. Mas quem poderia dizer? Beethoven e Johanna *haviam-se* apaixonado; Schindler fora capaz de perceber aquele amor claramente no rosto de Johanna. Ela *havia*, afinal de contas, viajado a Karlsbad, a fim de esperar por ele num dia distante, em julho de 1806. E, se eles *haviam-se* amado, conforme parecia claro agora para Schindler, e se ambos eram jovens e impulsivos, aquele amor seguramente deve ter sido físico.

Karl nascera seis meses após o encontro que eles deviam ter mantido em Karlsbad. Teria ela lhe contado? Eis uma pergunta que ia ficar sem resposta.

“Sou o pai verdadeiro, físico, de Karl...”

Schindler estava mergulhado em pensamentos quando a carruagem aproximou-se de Karlsbad. Apenas uma pessoa, Johanna, poderia deslindar de vez o quebra-cabeça, e Schindler sabia ser um segredo que, se por acaso verdadeiro, ela levaria consigo para o túmulo.



“Então o senhor está de volta”, disse Frau Streicher quando chegou ao Hotel Cisne.

“Sim, estou de volta”, disse Schindler.

“Para ficar por algum tempo, espero. Os banhos são bons nessa época do ano. Excelentes para sua saúde.” “Tenho certeza de que são”, disse Schindler. “Mas, no momento, eu apenas gostaria de ver o quarto.” “O quarto. Mas o senhor já o viu, não é, Herr Schindler?”

“Preciso revê-lo.”

Frau Streicher ficou descontente por ser importunada sem um bom motivo, mas o que se podia fazer com um cavalheiro, exceto atender-lhe os caprichos? Seguiu na frente, subindo as escadas, e parou diante da porta, negando-se a deixá-lo só.

“Espero que *o senhor* não cause um escândalo.” Estava um pouco ressentida porque ele não lhe prestava atenção.

Schindler caminhou a passos largos até a janela, que se abria para o pátio. “Aquele dia de que falamos, Frau Streicher.”

Ela disse: “Não me lembre. Foi um dia que tento esquecer.”

“A senhora recebeu a carta e subiu até aqui, bateu à porta e trouxe a bandeja de refeição. E a carta que a senhora abriu estava na bandeja. Digo a verdade?”

“Eu não *abrirá* propriamente, Herr Schindler. Ela estava endereçada ao quarto, mas como Beethoven não estava aqui, eu...”

“A carta estava na bandeja.”

“Bem, sim”, disse Frau Streicher. “Debaixo da chávena de chá.”

“E ela partiu logo a seguir”, disse Schindler.

“Correto.”

“E, momentos depois, ele chegou.”

“Bem pouco tempo depois.”

“Ah”, disse Schindler balançando a cabeça para si próprio. “Quanto tempo depois, poderia me dizer?”

“Minutos talvez. Não mais que minutos. Mal ela partiu, ele chegou. Foi assim que aconteceu. Como se tudo de uma vez.”

Sim, Schindler chegava agora ao fundo da questão. Pela janela, fixou o olhar no local onde as carruagens paravam diante da entrada do hotel. Podia ver Johanna correndo escadas abaixo, mortificada, certa de que no último instante Beethoven mudara de idéia. Talvez temendo assumir responsabilidade pela criança que ela agora trazia em si. Ele pôde ver Beethoven chegando em sua carruagem, mal a dela estava partindo, correr pelo saguão do hotel e galgar as escadas a toda pressa. Para descobrir que ela partira. Para encontrar a carta ali na bandeja. Seu mundo se fez em frangalhos.

Mas, embora o compreendesse, talvez não quisesse compreender. As implicações eram altamente perturbadoras. Ele precisava ordenar seu pensamento. Não se preocupava tanto com o que havia de verdade nesse episódio da vida do Mestre, nem na importância de sua própria busca para encontrar a Amada Imortal, mas no lugar que Beethoven ocupava na história. Que ambos tinham se amado, Schindler não tinha dúvidas; que o amor que viera a uni-los era sombrio e catastrófico, também estava claro.

Lembrou-se destas palavras da carta:

Mesmo no leito, meus pensamentos vão para ti, minha Amada Imortal; são às vezes felizes, às vezes tristonhos, esperando que os fados atendam aos nossos desejos...

E o destino, pensou Schindler quando tomava a carruagem para sua volta a Viena, não os atendera.

# Capítulo 20

## Finale

Anton Schindler terminou por recuar, levando em conta a época em que vivia, da compreensão de que Johanna fora a Amada Imortal. Suprimiu as provas de sua presença ao pé do leito em que Beethoven jazia moribundo e, depois, criticou-a do mesmo modo como expôs ao ridículo todos os outros membros da família do compositor. Não conseguia tolerar a idéia de que os dois irmãos haviam amado e possuído a mesma mulher. Muito menos podia aceitar a possibilidade de que Beethoven era, conforme o expressara certa vez, o “pai verdadeiro, físico, de Karl”.

Em 1840, Schindler escreveu uma rápida biografia de Beethoven, tarefa que lhe coube à revelia e para a qual não estava devidamente preparado. Foi então que ele revelou a existência da carta à Amada Imortal, carta que passou logo a ocupar o papel central na biografia de Beethoven. O próprio Schindler atribuiu à condessa Guicciardi a identidade da mulher anônima. Ninguém

acreditou, nem naquela ocasião nem depois. Schindler morreu, homem já bem idoso pelos padrões da época, em 1864.

Karl Beethoven seguiu carreira de soldado e, depois, de civil em Viena. Casou-se e consta que foi bom marido e pai de quatro meninas. Morreu em 1858.

Após a morte de Beethoven, Johanna recuperou de fato, sem oposição, a tutela de seu filho Karl, e viveu dez anos mais que ele. Morreu em Baden, empobrecida, aos 82 anos. Os rumores de uma relação entre Johanna e Beethoven, que surgiram após a morte dela, foram considerados sem fundamento. Nunca a consideraram a Amada Imortal.

Em 1888, o corpo de Ludwig van Beethoven foi trasladado dos arredores de Viena e sepultado no Cemitério Central da Cidade. Ali ele jaz ainda hoje, e seu túmulo pode ser visitado por qualquer um que passe por Viena. Especialmente bem-vindos são os que possuem, além do amor à sua música, um fragmento de compaixão humana, moldada pela vida, para com o homem que escreveu:

Eternamente teu,

**Eternamente minha,**

**Eternamente nós...**

Este livro foi composto em Lucida corpo 10 pela SLR — Editoração Eletrônica e impresso pela Lis Gráfica e Editora Ltda. para a Editora Marco Zero.

Peça pelo correio nosso catálogo e conheça outros livros da Editora Marco Zero.

Atendemos também pelo reembolso postal.

Editora Marco Zero Ltda., Rua Maria Antonia, 108

São Paulo, SP - CEP 01222-010

Telefone (011) 257-2144, Fax 257-2744

O gênio por trás da música.

A loucura por trás do homem.

A história de amor jamais contada de Ludwig van Beethoven.

Leia o livro, veja o filme, escute a música.